

# *A Defesa Nacional*

N.º 624

Mar/Abr 1969

Neste número :

- Gen Bertholdo Klinger
- A Posição das Fôrças Armadas na Vida Brasileira
- Segurança Nacional
- A História, a Geografia e o Poder Nacional
- Olavo Bilac, o Patriota — o Poeta
- O Futuro do Serviço de Veterinária do Exército
- A Instrução do Pará-quedista Militar
- Leitura Dinâmica

REVISTA DE ASSUNTOS MILITARES E ESTUDOS BRASILEIROS

Rio de Janeiro — Brasil.

# **COOPERATIVA MILITAR EDITORA E DE CULTURA INTELECTUAL "A DEFESA NACIONAL"**

## **CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO**

(Eleito para o exercício de 1967/70)

## **DIRETORIA EXECUTIVA**

Diretor-Presidente — Gen Div Humberto de Souza Mello

Diretor-Administrativo — Gen Div João Gahyva

Diretor-Secretário — Cel Cav Geraldo Knaack de Souza

Diretor-Tesoureiro — Ten-Cel (Ref) João Capistrano Martins Ribeiro

## **CONSELHEIROS**

Gen Div R-1 — Adailton Sampaio Pirassununga

Cel Art — Nilton Freixinho

## **CONSELHO FISCAL**

Gen Bda R-1 — Paulo Pereira

Cel Inf — Alberto Bandeira de Queiroz

Ten-Cel Art — Jonas Moraes Corrêa Neto

## **CCRPO REDATORIAL**

Redator-Chefe: Cel Cav Geraldo Knaack de Souza

Redatores: Ten-Cel Inf Heitor Cunha Teles de Mendonça

Ten-Cel Cav Cezar Marques da Rocha

Ten-Cel Eng Darino Castro Rebelo

Ten-Cel Inf Brasil Ramos Caiado Filho

Ten-Cel Prof Pedro Paulo Wandeck de Leoni Ramos

**"A GUERRA REVOLUCIONÁRIA leva o perigo comunista ao  
umbral de cada casa, e a última frente se situa no espírito  
de cada cidadão."**

# A DEFESA NACIONAL

FUNDADA EM 10 DE OUTUBRO DE 1913

ANO  
55.<sup>º</sup>

Brasil, GB — Mar/Abr 1969

Número  
624

As idéias e opiniões dos artigos assinados são de inteira responsabilidade dos seus autores.

A publicação dos mesmos não significa nem huma solidariedade por parte da Revista.

É permitida a reprodução total ou parcial dos artigos originais publicados em nossas páginas, desde que citada a fonte.

Aceita-se intercâmbio.

## PREÇOS

Assinatura anual:

Brasil ..... NCr\$ 5,00

(As importâncias deverão ser enviadas por cheque ou vale postal, correndo as despesas de remessa por conta do assinante.)

Exterior ..... NCr\$ 20,00

(Registro e via aérea comportam acréscimos.)

Número avulso:

Mês ..... NCr\$ 1,00  
Atrasado ..... NCr\$ 2,00

## ENDERECO

Ministério do Exército  
Ala Marcilio Dias

Caixa Postal 17 (DO MEX)  
ZC — 53  
Tel. 43-0563

Rio de Janeiro, GB  
Brasil

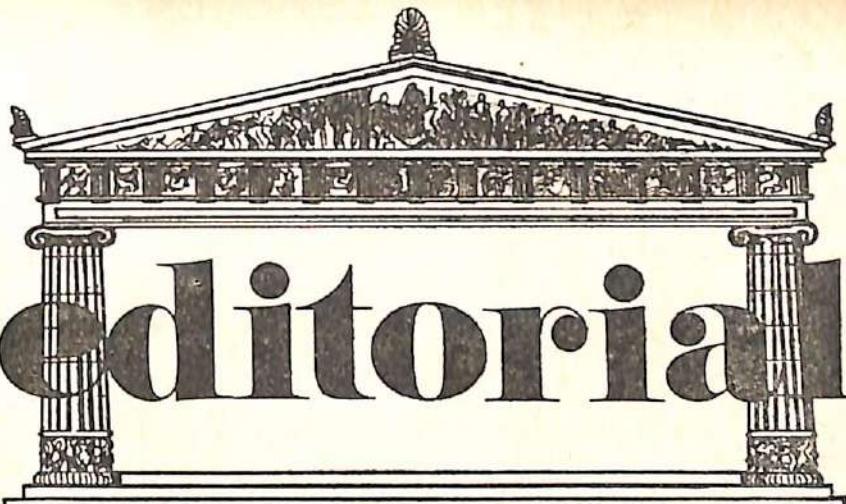
NOTA — No número anterior (623) foi omitido o nome do autor do artigo "Curiosidades da Campanha do Paraguai" — Observação Aéreo — Coronel de Artilharia Horácio Raposo Borges Filho.

## SUMÁRIO

Págs.

<i>Editorial</i> — Gen Bertholdo Klinger — Gen Ex Aurélio de Lyra Tavares	3
<i>Quinto Aniversário da Revolução</i> — Ordem do Dia do Ministro do Exército	11
<i>General Bertholdo Klinger</i> — Panteão da Silva Pessoa	7
<i>A Posição das Forças Armadas na Vida Brasileira</i> — Gen Ex Aurélio de Lyra Tavares	13
<i>O Futuro do Serviço de Veterinária do Exército</i> — Gen Bda Stoessel Guimarães Alves	19
<i>O MCI e o Imperialismo Soviético</i> (continuação) — Cel Eng Adib Murad	31
<i>Segurança Nacional</i> — Considerações Gerais — Cel Cav Geraldo Knack de Souza	51
<i>A História, A Geografia e o Poder Nacional</i> — Prof Ruy Vieira da Cunha	57
<i>Tipos de Climas do Brasil</i> — Cap Orestes Blois Neto	75
<i>Olavo Bilac, o Patriota — o Poeta</i> — Gen Prof Jonas Correia	85
<i>Um Projeto Rondon Amazonense</i> — Prof Heliandro Maia	99
<i>Um Estudo sobre Prevenção contra Incêndios</i> — Cap do CB Helando Marques de Souza	101
<i>A Instrução do Pára-Quedista Militar</i> — Gen Bda Adauto Bezerra de Araújo	117
<i>Missão de Adaptação Visual</i> — Trabalho de Equipe	123
<i>Considerações sobre a Artilharia Autotropoplusada (AP) do E. B.</i> — Ten-Cel Cav Cesar Marques da Rocha	139
<i>O 2º Centenário do Forte de Paranaúá</i> — Maj Reginaldo M. Miranda	145
<i>Leitura Dinâmica — II</i>	151
<i>De "O Globo" — O Antilucro, Grande Erro</i> — Eugenio Gudin	155
<i>Da Revista da Escola Militar — 1930 — O Esquadrão da Morte</i> — Inocêncio Travassos Souto	163
<i>Relação dos Assinantes em dia com A DEFESA NACIONAL</i>	167





# editorial

*O Exército Brasileiro deve reverenciar a memória do saudoso Chefe Militar, General Bertholdo Klinger, recentemente falecido, com as homenagens que não se apaguem no tempo, tantos foram os serviços que êle prestou, ao longo de uma vida intensa e fecunda, cheia de grandes exemplos, à nossa Instituição*

*A “A Defesa Nacional”, que nasceu sob os auspícios do entusiasmo profissional de um benemérito grupo de oficiais, em que cumpre destacar o nome do General Klinger, destinava-se a ser, muito mais do que uma Revista de difusão cultural, um instrumento de renovação da mentalidade do Exército, sobretudo no campo da instrução militar.*

*Nossa Revista tem o dever de prestar ao General Bertholdo Klinger, nas suas próprias páginas, o preito da sua saudade e do seu reconhecimento, recordando a exemplar vida de soldado e de cidadão, que foi a sua vida, tanto nas grandes atitudes, como na linha irrepreensível da conduta moral e da atuação profissional, que tanto engrandeceram o seu nome.*

*Para relembrar a sua personalidade, a "A Defesa Nacional" obteve a necessária autorização do General Pantaleão Pessoa para transcrever o artigo da sua autoria, publicado no "Correio do Povo", de Pôrto Alegre.*

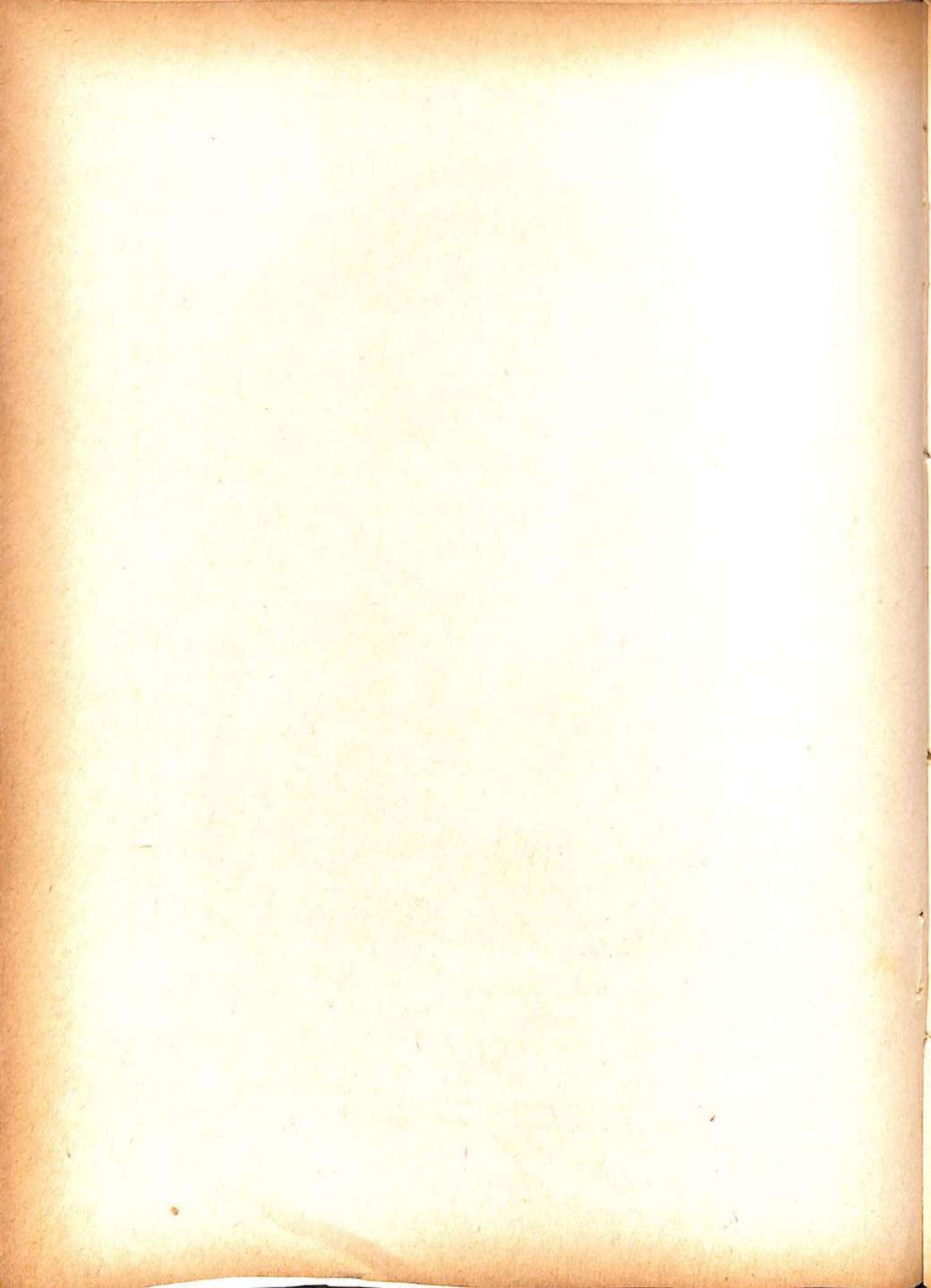
*Ninguém poderia falar, com tanta autoridade, sobre a figura do Gen Bertholdo Klinger do que o amigo de todos os tempos, artilheiro e lutador, como êle, de corpo e alma, do aperfeiçoamento profissional do Exército, em fase memorável da nossa evolução militar.*

*Amigo de Klinger até os últimos dias de vida do grande soldado, o General Pantaleão Pessoa o relembra, com as credenciais e a autoridade de quem viveu, também, intensamente, a vida do Exército, na época da sua primeira grande renovação, e foi o fundador do Grupo Escola de Artilharia, além de haver exercido, em época difícil e tormentosa, as mais altas funções da nossa Instituição, inclusive a de Chefe do EME.*

Gen Ex A. LYRA TAVARES



GENERAL BERTHOLDO KLINGER  
ao tempo da Revolução Constitucionalista — 1932  
Retrato como Coronel de Estado-Maior



## **GENERAL BERTHOLDO KLINGER**

**(ESPECIAL PARA O "CORREIO DO Povo")**

**PANTALEÃO DA SILVA PESSOA**

Descendente dos Klinger e Ritter da cidade do Rio Grande, no Estado do Rio Grande do Sul, Bertholdo Klinger nasceu no dia 1.<sup>º</sup> de janeiro de 1883. No Rio Grande iniciou seus estudos de preparatórios e em 1899 ingressou na Escola Preparatória e de Tática de Rio Pardo, onde, desde logo, chamou a atenção de seus colegas pela vocação que demonstrava para a carreira das armas e pela firmeza do seu caráter. Durante os cursos confirmou aquêles conceitos. Princípiou pela conquista do prêmio de um espadim, recebido em Rio Pardo em 1901, o qual, depois de dourado, se tornou sua espada de general. Deixando as escolas por determinação dos cursos, fêz ligeira prática em trabalhos de engenharia militar e, ao ser incluído na arma de artilharia, correu para a tropa, onde provou suas qualidades de soldado, enriquecidas pela capacidade de fazer-se estimado e respeitado, pelos seus subordinados, nos quais despertava natural obediência, gôsto pela instrução e apreciável sentimento de responsabilidade. Fêz-se ótimo instrutor.

Logo depois da organização do Exército de 1908, como consequência da compra de armamento inspirada pelo Barão do Rio Branco, Klinger foi um dos escolhidos para aperfeiçoar seus conhecimentos profissionais no Exército Alemão. A julgar pelos trabalhos publicados, pela intensa contribuição dada à instrução da nossa tropa, após seu regresso da Europa e, também, pelo incansável esforço que desenvolveu para difundir o que aprendera, pode-se afirmar que nenhum de seus colegas de comissão pôde igualá-lo e menos excedê-lo no rendimento da capacidade adquirida durante os trabalhos práticos realizados na Alemanha. Foi o único brasileiro que participou de viagem de Estado-Maior nesse país, trazendo nota oficial da magnífica impressão causada. Voltou da Europa melhor soldado, melhor instrutor e mais patriota, sentindo a necessidade imediata de lutar pela preparação da nossa segurança nacional. Como perfeito conhecedor do idioma alemão, tocou-lhe parte obrigatória na tradução e adaptação dos regulamentos para o emprêgo do material adquirido. Ao mesmo tempo, direta ou indiretamente, com as cartas de Kriepenkerl, tornou-se o melhor instrutor da tá-

tica da sua época. Sem o desejar, recebeu a chefia tácita dos partidários da dedicação profissional, iluminada pela chama de um nacionalismo realista — os então chamados "jovens turcos", por analogia, ocasional com a reação da mocidade militar turca. Como órgão dessa corrente fundou, com outros colegas, a revista "A Defesa Nacional", registro bem eloquente do valor e entusiasmo da falange heróica que compreendeu e animou a renovação profissional do Exército.

Klinger teve como características da sua vida a probidade e a perseverança. No Exército, essas qualidades se associaram à modéstia, à vocação e à cultura profissional. Como Capitão, foi adido militar no Peru, donde saiu para outra missão especial no México.

Em ambos êsses países adquiriu amigos e admiradores, como provam as demonstrações oficiais e particulares recebidas. Seus postos de oficial superior transcorreram em forte ritmo de trabalho. Como Major, em Mato Grosso, foi chefe de Estado-Maior de um Destacamento constituído para combater a "Coluna Prestes". Pela precisão e acerto de suas providências, foi elevado ao comando de um Destacamento e, depois de outro, já nos Estados Minas e Goiás. Em todos se desempenhou com sabedoria e critério do chefe valoroso, respondendo às guerrilhas com inteligente adaptação de preceitos regulamentares. Preteriu a burocracia e usou pequenos destacamentos com a maior modalidade possível. Apesar de seus invariáveis êxitos, a política, que se considera em competição com os tenentes revoltosos e exercia suas atividades longe do terreno das operações, transformou sua ação valorosa e correta em caso de indisciplina e, por seus relevantes serviços, fê-lo colhêr uma preterição. Como Tenente-Coronel e Coronel teve alguns desentendimentos com seus chefes hierárquicos, nunca por indisciplina própria; sofreu pela observância dos princípios de igualdade na aplicação dos regulamentos e por não aceitar transigências sem grandes razões morais.

No meio dessa luta, recebeu a revolução de 1930 como uma salvação e, pela grande esperança que nela depositou, combatia tudo que a desvirtuasse. Como Chefe de Estado-Maior da Inspetoria do 1.º Grupo de Regiões, a cargo do General João de Deus Menna Barreto, elaborou o esquema e ordens para o movimento de 24 de outubro, inspirado, articulado e chefiado pelo referido General. Tomou parte ativa na execução desse movimento e acabou precisando assumir, provisoriamente, a Chefatura de Polícia do Distrito Federal. Conhecido como homem de vontade e decisão, foi recebido com cautelas que não chegaram a retardar suas determinações. Verdade é que a Polícia, nos dias que se seguiram à deposição do Presidente Washington Luiz, teve um servidor consciente das suas responsabilidades, diligente e justo: dêle só podiam desconfiar os que desconheciam seu grande coração, que abominava a prepotência e se man-

tinha pronto para combatê-la. Depois de organizado o Governo Provisório, foi promovido a General-de-Brigada e nomeado para comandar a Região de Mato Grosso.

Nesse cargo, como nos anteriormente exercidos, logo se impôs à confiança e admiração dos seus subordinados, assim como ao respeito dos seus concidadãos. A substituição do General Leite de Castro no Ministério da Guerra tomou-o de surpresa e levou-o a protestar contra a solução dada. Encaminhou o seu ofício de protesto diretamente ao Ministro Substituto, por intermédio de portador especial. Em ambiente desrido de prevenção, o fato poderia ser resolvido em ambiente reservado, sem precipitações, tomando-se em conta a situação política então vigente. Klinger considerou a escolha do Ministro Espírito Santo Cardoso como larvadamente tenentista; achava que o caso devia ter solução mais técnica e adequada aos interesses do Exército. Assim procedendo, não pensou atacar a pessoa do General Espírito Santo, um bom e simpático chefe da cavalaria, afastado havia nove anos da atividade, por motivo de saúde. A escolha era, de fato, exageradamente política e trazia à tona um processo que Klinger, no seu otimismo, supunha abolido pela revolução.

Pouco antes desse acontecimento, um caso de franca indisciplina de um Tenente revolucionário encontrara indulgência sem precedentes. Era evidente que, tratando-se de um prestigioso comandante de Região, houve aproveitamento da oportunidade para eliminar um chefe militar incômodo por impugnar a inversão da hierarquia. Assim, os Tenentes quiseram e obtiveram a reforma administrativa de Bertholdo Klinger sem considerar as razões técnicas da sua atitude, sem respeitar o seu grande e invejável passado militar, indiferentes ao afastamento de um General que orgulharia qualquer Exército do mundo.

Os partidários da revolução constitucionalista acabavam de somar mais um argumento para a causa, enquanto o General Klinger era levado ao desfiladeiro que se orientava para o 9 de julho.

Os desentendimentos de Klinger com o General Góes Monteiro tiveram origem, únicamente, em sonhos de progresso para a segurança nacional, incompreensíveis diante da avassaladora politicagem brasileira. A circunstância de ser o General Góes um chefe militar de grande inteligência e cultura profissional, colocado em posição de indiscutido prestígio político, com autoridade para reformar e disciplinar o Exército — o não fazê-lo constituía para Klinger um crime abominável. Para provar a isenção e o arrebatamento com que Klinger argumentava, lembro que ele propôs Góes para substituir Leite de Castro e indicou Espírito Santo para Prefeito do Distrito Federal, dizendo que este daria um bom Governador para o Rio.

Deflagrado o movimento constitucionalista, respondendo à pergunta que me foi feita por um repórter, no Quartel-General de Rezende, declarei: "Os paulistas têm o melhor comandante que era possível ter". Creio que bem diferente seria a sorte do Governo provisório, se Klinger tivesse assumido o comando na primeira hora da revolução.

Passadas as paixões, o Congresso Nacional, com o parecer e voto de Góes Monteiro, elevou Klinger ao posto de General-de-Divisão, na época, o mais alto do Exército. Pela idade, o Brasil já tinha perdido, por motivos políticos de caráter subalterno, a colaboração de um servidor excepcional...

É certo que Klinger nunca estêve inativo. O interesse nacional sempre viveu com ele em seus aspectos capitais. Para só citar um dos trabalhos, lembro que quando começaram a ensaiar modificações na nossa antiga ortografia usual, Klinger resolveu dar ao problema um pouco de espírito lógico e matemático. Depois de estudos profundos, que só foram analisados superficialmente, apresentou seu projeto de Ortografia Simplificada, trabalho que o futuro acolherá, exaltando o acerto e benemerência dos seus esforços e o alto critério que o presidiu. A base lógica da sua ortografia consiste em que: "no ortoalfabeto não há letra muda nem polivalente; cada letra — e só ela — representa um fonema — e só ele". Os críticos limitaram-se a ironizar algumas modificações, sem estudar suas causas e sem aceitar o diálogo que ele lhes ofereceu.

Não sei se o Exército já prestou ao General Bertholdo Klinger as homenagens do reconhecimento que lhe deve. Sei, porém, que ele foi um dos melhores soldados do seu tempo, foi um gigante votado à abertura dos caminhos que estão levando a Defesa Nacional para os rumos que hoje orgulham e tranqüilizam o Brasil.

("Correio do Povo", Terça-feira, 25 de março de 1969.)

## *QUINTO ANIVERSÁRIO DA REVOLUÇÃO*

### *ORDEM DO DIA DO MINISTRO DO EXÉRCITO*

Meus camaradas:

É com redobrada confiança que eu vos dirijo a minha mensagem de congratulações, na data em que o Brasil festeja, inaugurando grandes empreendimentos estruturais e fortalecido na sua economia, no seu crédito e no seu prestígio, o quinto aniversário da Revolução de Março.

Já agora, diante do recrudescimento das violências e dos atos públicos de selvageria e terrorismo, conduzidos ou apoiados pelos que se diziam, antes, defensores da democracia contra a ditadura, pôde a Nação ganhar consciência das sérias ameaças que pesavam, e ainda pesam, sobre as suas liberdades e o seu direito de viver e de trabalhar em paz.

Os que antes encobriam e negavam a marcha da subversão ao mesmo tempo que a tramavam ou protegiam, desmascaram-se, agora, pelas prisões de líderes e apreensão de farto armamento e outros materiais em depósitos clandestinos.

Graças aos podéres de que dispõe, agora, o Chefe da Nação, foi também possível comprovar a conivência dos autores dos atentados à ordem pública, das depredações e desacato à Autoridade com os que, dizendo-se defensores das liberdades democráticas, cobriam de ofensas o Exército, procurando incitar contra êle a parte do povo desprevenida ou mal informada.

Eles tentaram minar a disciplina e a coesão das Fôrças Armadas por serem elas, precisamente, os sustentáculos naturais e maiores das Instituições democráticas e da tranqüilidade pública.

Muitos dos que o fizeram, como agora está comprovado, não vacilaram em pôr o exercício da função pública e o dinheiro do povo a serviço da traição e da corrupção do regime.

Houve, também, os que se esconderam ou fugiram, sob o peso da própria culpa, quando o Chefe do Govérno, depois do sereno exame da situação nacional, convocando e ouvindo os Chefes das Três Fôrças Armadas e o Conselho de Segurança Nacional, proclamou e justificou

perante a Nação o imperativo da decisão heróica e extrema que resolreu adotar no dia 13 de dezembro.

Não era possível, de outra forma, como ficou claro aos olhos da Nação e consta do preâmbulo do Ato Presidencial, preservar os ideais e a continuidade da Revolução, pois se uniram aos seus adversários naturais, os que traíram, em momento decisivo, o dever e os compromissos de defendê-la, de modo a deixar a democracia brasileira à mercê dos que lutavam, e continuam lutando, até de armas na mão, para subvertê-la e destruí-la.

O Exército que unissonamente se rejubilou, como as Fôrças Armadas irmãs, com o Ato Institucional n.º 5, festeja, por isso, mais confiante e mais cheio de responsabilidade, o 5.º Aniversário da Revolução.

Cumpre-lhe ter bem presentes ao espírito os fundamentos daquele Ato, na palavra do Presidente da República e Comandante Supremo das Fôrças Armadas:

"O Governo da República, responsável pela execução dos objetivos da Revolução e pela ordem e segurança internas, não pode permitir que pessoas ou grupos anti-revolucionários contra ela trabalhem, tramem ou ajam, sob pena de estar faltando a compromissos que assumiu com o povo brasileiro, bem como porque o Poder Revolucionário, ao editar o Ato Institucional n.º 2, afirmou categóricamente, que — não se disse que a Revolução foi, mas que é e continuará — e, portanto, o processo revolucionário em desenvolvimento não pode ser detido."

Eis, aí, meus prezados camaradas, a razão de ser da atitude de espírito e do sentimento em que se inspira o Exército para festejar o dia de hoje, com a sua confiança redobrada, porém vigilante, disciplinado, coeso, em permanente e estreita ligação com a Marinha e Aeronáutica, dentro das Diretrizes de seu Comandante Supremo, o Senhor Presidente da República.

A DEFESA NACIONAL é a sua Revista  
de estudos e debates profissionais. É a sua  
tribuna.

MANDE-NOS SUAS COLABORAÇÕES!

# A POSIÇÃO DAS FÔRÇAS ARMADAS NA VIDA BRASILEIRA

GEN EX AURELIO DE LYRA TAVARES

A destinação constitucional das Fôrças Armadas do Brasil, como na generalidade das nações democráticas, é a de assegurar a defesa da Pátria e garantir os poderes constitucionais, a lei e a ordem.

Tais relevantes missões não excluem, porém, a participação decisiva das Fôrças Armadas em atividades e empreendimentos de ordem econômica e social, reclamados, tanto pelo progresso, como pela segurança da nação, em cujo quadro de vida e em cujos destinos, pelo seu espírito democrático e pela sua contribuição construtiva, elas exercem especial influência realizadora.

Não apenas as organizações militares do Brasil participam de encargos relacionados com o desenvolvimento do país, como os seus oficiais, individualmente, pelo alto padrão de cultura profissional e pelo conhecimento seguro dos problemas nacionais, que lhes dão os cursos militares de nível superior, são chamados, freqüentemente, a dirigir certos serviços e órgãos, não militares, quando prevalecem nêles os interesses da segurança nacional.

## As Fôrças Armadas na construção da nacionalidade

Não é exagero afirmar-se que os principais lances da constru-

ção e do desenvolvimento do Brasil devem-se, em grande parte, ao trabalho vanguardaço das Fôrças Armadas, desde a Independência aos tempos atuais, inclusive no campo social, pelo seu permanente e amplo trabalho em proveito da valorização do homem e da sua participação mais ativa nos destinos da Nação.

A posição, especial que elas ocupam na vida brasileira é uma decorrência do grande papel que sempre representaram no processo da evolução do país, a começar pela sua ação decisiva na salvaguarda da unidade nacional. Caxias, patrono do Exército Brasileiro, é a grande figura de pacificador e de guerreiro, cuja maior benemerência é a de ter mantido o Brasil unido e íntegro, a despeito das ações internas e externas que o ameaçavam de desagregação nos primeiros tempos do Império.

Sobre o imenso patrimônio territorial da nação, repartida em províncias autônomas, de fisionomias sócio-econômicas diversas, e até contrastante, isoladas nas suas peculiaridades características e nas grandes distâncias da Corte Imperial, o maior vínculo de brasiliade, a grande força integradora e o principal veículo de convergên-

cia espiritual era, como ainda é, o Exército Nacional.

Os seus quartéis, distribuídos pelo interior do país, como grande malha estrutural, que abrangia e integrava as áreas mais longínquas do território, não eram, como nunca foram, simples centros de preparação e de ação militar, mas verdadeiros núcleos de desenvolvimento e de aglutinação social, de assistência, de instrução e de presença do Poder Central.

O maior e mais direto beneficiário do seu apoio, desde que se consolidou a primeira organização do Exército Nacional, em dezembro de 1823, foi o cidadão de condição humilde, sem recursos para encaminhar-se e progredir na vida, inclusive por falta de aptidões, que não tinha onde adquirir.

Muito antes, mesmo, da abolição da escravatura, já o negro se transformava, através do Exército, com a condição de soldado, de simples mercadoria negociável, em valor positivo da sociedade, com instrução, com os hábitos de convivência social e, até mesmo, com certa parcela de autoridade.

O quartel alfabetizava e instruía, nos seus cursos, os cidadãos de origem mais modesta, abrindo-lhes acesso às escolas militares da Corte e, por intermédio delas, aos cursos superiores.

Foi assim que a nação pôde formar, não apenas grandes valores militares, como ilustres estadistas, pois as Escolas Superiores do Exército, regidas por gran-

des professores militares, incluíam, também, nos seus programas, os assuntos científicos, filosóficos e sociais, colocados nos mais altos níveis da cultura da época.

Elevou-se, assim, rapidamente, o padrão social e intelectual dos seus oficiais e o grau de instrução dos quadros subalternos, recrutados, em geral, nas camadas mais desfavorecidas da população.

A Engenharia brasileira era toda militar, até às vésperas da República. Só, então, a antiga Escola Central do Exército começou a formar os engenheiros civis reclamados pela modificação e ampliação do quadro da vida do país.

No interior do Brasil, sobretudo no inicio do regime republicano, a obra civilizadora do Exército se afirmava cada vez mais, através dos empreendimentos de maior significação e alcance no fortalecimento do país, tendo em vista, sobretudo, a interiorização do progresso. Basta citar a catequese dos índios, a construção de linhas telegráficas e de ferrovias, a exploração científica do "hinterland", as cartas geográficas, etc., etc., serviços em que surgiu, para imortalizar-se, a grande figura do Marechal Rondon.

Erigia-se, assim, progressivamente, no quadro da sociedade brasileira, arraigada aos padrões e às injustiças da organização agrária colonial, em que predominavam os interesses da nobreza do capital, com o seu conservantismo e os seus privilégios,

uma força nova, que se confundia com a própria nação, porque superpunha, pouco a pouco, à antiga estrutura sustentada por escassa minoria, o quadro novo de um Brasil livre, democrático e mais brasileiro, que terminaria por abolir a escravatura e por instituir a República.

Através de todo esse processo histórico se confundem, nos mesmos anseios e nas mesmas atitudes, o espírito das Fôrças Armadas e o espírito da nação.

O sentimento de brasiliade, que libertara o país do jugo colonialista e se afirmava sobretudo contra élle, crescia e ganhava força, juntamente com o sentimento democrático, à medida que o povo lograva influir, mais ativamente, nos destinos da Nação.

#### **O militar e a política**

A instauração da República realizou, no Brasil, com a participação ativa das Fôrças Armadas, a suprema aspiração do povo, sendo de notar que as várias insurreições regionais contra o Poder Central, tanto antes, como depois da Independência, foram em geral inspiradas pelo ideal republicano.

O movimento popular de 15 de novembro de 1889 partiu, sobretudo, dos quartéis, sendo Benjamin Constant o seu principal pregador no meio da mocidade militar. O Proclamador da República e Chefe do Governo Provisional foi, também, um militar de prestígio. Finalmente, foi o Marechal Floriano Peixoto o consolidador da República no Brasil.

Nos primeiros tempos do novo regime, por motivos ligados à própria natureza e à inspiração doutrinária do movimento popular que determinou o seu advento, e quando o problema da guerra externa não preocupava seriamente a nação, houve casos de carreiras militares feitas do começo ao fim, em funções públicas inteiramente estranhas à profissão militar.

Sob a nova mentalidade que as Fôrças Armadas adquiriram, por força das reorganizações sucessivas por que passaram, sob o influxo de missões militares estrangeiras, pela participação do Brasil na última Grande Guerra e com os benéficos reflexos do amadurecimento político da nação, passou a predominar nelas o sentido exclusivamente profissional, que rege as atividades de todos os seus integrantes, através da exigência de cursos e outros requisitos, ao mesmo tempo que a atividade política dos militares foi limitada, pelos regulamentos, ao exercício do direito de voto.

É essa, aliás, a tendência a que obedecem, uniformemente, as restrições, cada vez maiores, impostas pelas Constituições da República ao exercício, por militares, de funções estranhas às Fôrças Armadas. Assim é que se chegou à obrigatoriedade da transferência para a inatividade do militar que complete, em cargo civil, o período de oito anos, consecutivos ou não.

No consenso geral, esse prazo já é demasiadamente longo para a readaptação do militar afasta-

do das fileiras às atividades, às servidões e às exigências do preparo profissional constantemente atualizados, que caracterizam a carreira das armas. \*

Decorre daí o problema do exercício de cargos eletivos por militares, a requerer, sem dúvida, a atualização dos dispositivos constitucionais que regulam o assunto, de modo a adequá-los ao estágio atual da democracia brasileira.

O que não parece mais conciliável, no estágio atual da democracia brasileira, cujo livre funcionamento tem nas Fôrças Armadas sua maior força garantidora, sobretudo no processamento das eleições, é a coexistência, na mesma pessoa, da figura do militar e do político. \*\*

Vencida essa etapa imprescindível ao aperfeiçoamento do regime o Brasil terá dado novo e importante passo no amadurecimento progressivo das suas instituições democráticas.

(\*) A Constituição do Brasil, de 24 de janeiro de 1967, reduziu esse período para dois anos (§ 4.º do art. 94).

(\*\*) A Constituição do Brasil, de 24 de janeiro de 1967, fixou no Parágrafo Único do art. 145:

Parágrafo único. Os militares alisáveis são elegíveis, atendidas as seguintes condições:

a) o militar que tiver menos de cinco anos de serviço será, ao se candidatar a cargo eletivo, excluído do serviço ativo;

b) o militar em atividade, com cinco ou mais anos de serviço, ao se candidatar a cargo eletivo será afastado, temporariamente, do serviço ativo, e agregado para tratar de interesse particular;

c) o militar não excluído, se eleito, será, no ato da diplomação, transferido para a reserva ou reformado, nos termos da lei.

## O espírito e a ação das Fôrças Armadas

Pela sua participação ativa na evolução política, social e econômica do Brasil e pelo caráter eminentemente popular da sua constituição, as Fôrças Armadas constituem uma expressão autêntica do próprio povo, na síntese das classes, na legitimidade dos seus interesses gerais e na compreensão mais pura dos seus anseios. Elas se empenham com entusiasmo, no estudo dos grandes problemas nacionais, colaborando, muitas vezes, para a sua solução. É relevante a sua contribuição no desenvolvimento e na racionalização dos transportes, no estabelecimento da indústria siderúrgica nacional, na exploração do petróleo brasileiro, na implantação da indústria nacional de automóvel, no desenvolvimento das telecomunicações, no levantamento de cartas e outros problemas relacionados com a segurança nacional.

Para tal fim, a Engenharia Militar, sobretudo a do Exército, com o concurso de suas modelares escolas, desenvolve benemérito esforço pioneiro.

Além disso, o caráter de instituições eminentemente nacionais, originárias e representativas da massa do povo, nos seus sentimentos e nas suas virtudes, faz das Fôrças Armadas um fator básico da coesão nacional, em oposição à diversidade e à extensão geográfica do país.

Em períodos críticos, como o da presente conjuntura nacional, sobretudo porque a luta política

e ideológica explora e agrava o quadro econômico difícil que o país atravessa, as Fôrças Armadas são chamadas a intervir em ações que normalmente cabem ao aparelho policial dos Estados. Sofrem elas, ainda, em tais situações, influências tendentes a atraí-las para o campo da política partidária, o que acarreta o desvirtuamento do seu papel constitucional, num retrocesso, que já não é mais possível, aos tempos em que ainda lhes faltava uma verdadeira consciência militar.

A mentalidade amadurecida das Fôrças Armadas brasileiras,

o sentimento esclarecido e firme de legalidade, que nelas predomina, além do respeito e do acatamento ao Poder Civil, em que elas se educam e em que se forma o seu espírito, constituem, para orgulho cívico dos que se integram, a demonstração mais positiva do aperfeiçoamento da democracia brasileira, já comprovado em acontecimentos muito recentes.

(Publicado na edição especial do jornal alemão 'Das Parlament', dedicada ao Brasil, em setembro de 1964).

## PREÇOS

### ASSINATURA ANUAL

Brasil .....	NCr\$	5,00
Exterior .....	NCr\$	15,00

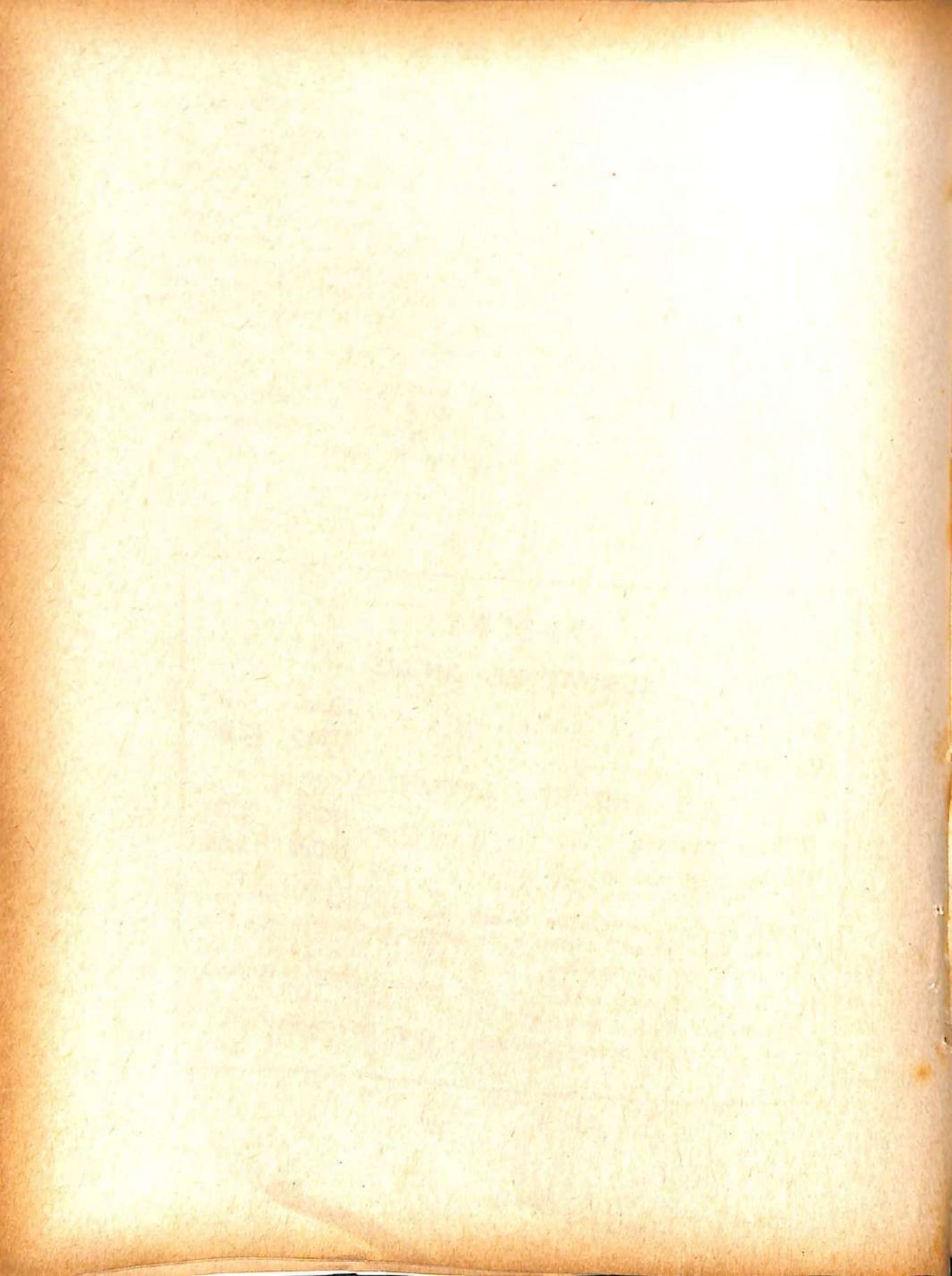
### NÚMERO AVULSO

Último número .....	NCr\$	1,00
Número atrasado .....	NCr\$	1,20

**NOTA** — As importâncias deverão ser enviadas por cheque ou vale postal, correndo as despesas de remessa por conta do interessado.

— Haverá acréscimo nos preços acima, em caso de registro ou via aérea.

— Estes preços vigorarão a partir de Jan 69.



## **O FUTURO DO SERVIÇO DE VETERINÁRIA DO EXÉRCITO**

Gen STOESSEL GUIMARÃES ALVES  
Diretor de Veterinária

1. Tem-se dito — na maioria das vezes sem perfeito conhecimento de causa ou por má interpretação conceptual — que o Serviço de Veterinária há que ser reduzido ou extinto por força do desaparecimento das nossas Unidades Hipomóveis. Na realidade, a idéia de que o Serviço de Veterinária existe sómente em função do Cavalo — fundado na sua origem em nosso Exército e nos relevantes serviços prestados, por mais de sessenta anos, na manutenção dos efetivos de equíideos — está hoje inteiramente superada pelo desenvolvimento de suas atividades em outros setores, tão importantes quanto aquêle. E esse conceito está plena e universalmente confirmado pela persistência dos veterinários nos Exércitos de grandes potências, como os Estados Unidos, França, Alemanha etc., todos integralmente motorizados. Na América do Sul, todos os Exércitos, com exceção do Paraguai — que já pensa em sua organização — possuem Serviço de Veterinária unido ou não ao de Remonta.

2. De início, para que se tenha uma idéia da importância do Serviço de Veterinária num Exército Moderno, tomemos como parâmetro o norte-americano, sabidamente motorizado em todos os seus elementos e distribuído por quase todo o mundo. Tem êle, atualmente, em serviço, mais de 500 (quinhentos) Oficiais Veterinários (durante a II Grande Guerra estiveram sob bandeira cerca de dois mil) distribuídos pelas seguintes categorias: Oficial Veterinário Geral, Oficial Veterinário de Grandes Animais, Oficial Veterinários de Pequenos Animais, Oficial Veterinário de Carnes e Laticínios, Oficial Veterinário de Laboratório e Oficial Veterinário de Estado-Maior. Aproximadamente 60% do pessoal veterinário é empregado na inspeção de alimentos, 18% em trabalhos de pesquisa (inclusive espaciais) e os restantes em diversas tarefas ligadas à prevenção e controle das doenças de animais transmissíveis ao homem e à saúde pública em geral.

A Fôrça Aérea Americana também dispõe de Serviço de Veterinária, no qual existem mais de 300 (trezentos) Oficiais, com atribuições semelhantes às de seus camaradas do Exército.

Um aspecto muito interessante das atuais atividades do Serviço de Veterinária no Exército Norte-Americano é o destaque dado ao veterinário nos programas de Ação Cívica. Consideram os americanos que os veterinários militares têm importante papel num programa de ação contra-revolucionária. Seu trabalho poderá ser levado até

às populações rurais, às quais procurará ensinar, inclusive, novas técnicas de exploração da terra. Existem vários planos para a Ação Cívica Veterinária, um dos quais está consubstanciado em 5 itens:

- 1) Melhoramento dos produtos alimentícios, oferecendo orientação e ajuda para modernizar os métodos de criação e abate de animais, além dos de preparação, manipulação e armazenagem de outros alimentos locais;
- 2) Contrôle das doenças de animais por meio de exames, quarantena, vacinação e outros meios de erradicação;
- 3) Fornecimento de material veterinário, vacinas, antibióticos, antígenos e equipamentos diversos;
- 4) Aumento do rendimento da exploração de animais, por meio da prevenção de doenças e lesões e de maior cuidado e habilidade no seu manejo;
- 5) Cooperação com outras organizações governamentais ou privadas, na reabilitação da economia civil.

Nesse particular deve-se ressaltar que uma das formas de efetivação desses programas tem sido a instalação e exploração de Granjas Militares, modalidade de aplicação da capacidade profissional dos veterinários militares de que o nosso Exército é o pioneiro nas Américas. A importância das Granjas Militares Brasileiras foi posta em evidência no I Encontro Nacional de Engenheiros Agrônomos e Médicos Veterinários, realizado em 1967, em Brasília e no qual foi sugerido o incremento de sua produção como fator do desenvolvimento nacional.

3. Mas — creio — seria interessante procurássemos apresentar, como elemento de estudo, o que é e o que faz atualmente, o nosso Serviço de Veterinária, para que possamos verificar, particularmente, aquêles que têm uma visão deformada de suas possibilidades, quanto valem elas, mesmo num Exército integralmente motorizado. E é importante assinalar, ainda, que existam certas razões pelas quais as Grandes Potências mantiveram o veterinário em suas Fôrças Armadas. Presentemente e de acordo com os regulamentos que disciplinam suas atividades, o Serviço de Veterinária do Exército tem as seguintes missões principais:

- a. Assistência Veterinária inclusive profilaxia e polícia sanitária aos animais de emprêgo militar, que incluem os solípedes, columbídeos e cães de guerra;
- b. Inspeção dos Alimentos destinados ao consumo da tropa e da família militar, desde sua aquisição, em grosso ou a varejo, até sua utilização;
- c. Inspeção das forragens destinadas aos animais de emprêgo militar ou de Granja, desde sua aquisição ao consumo;
- d. Direção técnica das Fazendas e Granjas Militares, as quais, vivendo como empreendimentos econômicos auto-suficientes (sem auxílio de verbas orçamentárias), contribuem para melhoria do padrão

alimentar da tropa e da família militar; prestam assistência social ao pessoal militar, quer pela redução dos preços dos artigos de sua produção, quer de outras formas, quando se integram nos centros sociais; criam condições favoráveis à fixação de populações, como é o caso das Unidades de fronteiras norte, noroeste e oeste e, finalmente, cooperam para o melhoramento do padrão técnico agropecuário do nosso homem rural, permitindo-lhe conhecer e aplicar técnicas modernas de pecuária e agricultura;

e. Criação, adestramento e, eventualmente, emprêgo do cão de guerra, arma de ação contra-revolucionária e antiguerrilha das mais importantes, como o demonstram os exemplos das Guerras da Indochina, da Tunísia, da Coréia e do Vietnam;

f. Suprimento do material necessário às suas atividades.

4. Examinaremos agora como se cumprem essas missões:

a. *Assistência Veterinária*

Durante o ano técnico de 1968 (2.º semestre 67 e 1.º semestre 68), o número de baixas (animais atendidos e sujeitos a tratamento) atingiu a 169,4% do efetivo médio. Dos animais baixados 93% foram recuperados e 5,4% tiveram alta por morte. A taxa de mortalidade, anormalizada pelos sacrifícios impostos pela profilaxia da anemia infecciosa equínea e mais do que isso, pela idade média demasiadamente avançada, foi de 9,2%. Essa taxa se fixa, normalmente, em torno de 6%, mas vem sofrendo de uns 5 anos para hoje, um aumento constante atribuível ao número de animais que ultrapassam a idade tida como limite para o emprêgo militar. Mas tende a decrescer e normalizar-se se fôr mantido o ritmo atual da Remonta.

Exceção feita da anemia infecciosa equínea, doença até então sem ocorrência em nosso país, que irrompeu, sob forma subepizoótica, em fins de 1967 e já em vias de ser controlada, nenhuma outra doença infecto-contagiosa de importância atacou nossos efetivos eqüíideos, assinalando da forma mais objetiva, a eficiência da profilaxia e das medidas de polícia sanitária adotadas. O Exército combate, pela imunização e pelo tratamento, a raiva, a encefalomielite equínea, o mormo, o tétano, a gasterofilose, as verminoses e as sarnas, cumprindo um plano profilático sistemático revisto anualmente para atualização. E coopera com o Ministério da Agricultura na profilaxia da raiva e no controle da aftosa, no que concerne às exigências do nosso comércio de exportação de carne.

b. *Inspeção de Alimentos e Forragens*

Realizada em todos os níveis da escala de suprimento, por pessoal especializado. Os Estabelecimentos de Subsistência, a AMAN e a Escola de Veterinária do Exército dispõem de Laboratórios Bromatológicos em condições de verificar, com o emprêgo de técnicas adequadas e modernas, as condições, composição, preparação e conservação de todos os víveres e forragens, visando a entrega ao consumo de artigos sanitariamente perfeitos e isentos de fraudes.

No mesmo ano técnico já citado, foram inspecionados pelo Serviço de Veterinária os seguintes artigos:

(1) <i>Aprovados e recebidos</i>	Volume (Ton)	Valor (NCr\$)
Produtos de origem animal .....	18.925,703	32.575.383,50
Produtos de origem vegetal .....	55.950,103	34.290.787,20
Bebidas .....	276,176	340.180,00
Produtos diversos .....	2.583,677	1.982.216,00
Forragens .....	26.128,890	3.808.646,80
 SOMA .....	 103.864,549	 72.997.213,50
(2) <i>Rejeitados ou condenados</i>	Volume (Ton)	Valor (NCr\$)
Produtos de origem animal .....	562,226	1.413.661,50
Produtos de origem vegetal .....	2.804,487	2.183.594,50
Bebidas .....	6.439	6.444,00
Produtos diversos .....	46.577	37.971,70
Forragens .....	219,778	59.707,40
 3.639,507	 3.701.379,10	

Não estão computados nos resultados acima, embora sejam sistematicamente inspecionados, os produtos hortigranjeiros oriundos da própria Unidade.

Além dos Laboratórios fixos já citados, o Serviço de Veterinária dispõe de um Equipamento Portátil para Inspeção de Alimentos, uma "canastra" idealizada pelo Curso de Inspeção de Alimentos e Bromatologia da Escola de Veterinária do Exército e que tem como finalidade de atender às necessidades do serviço de inspeção em campanha e, em tempo de paz, à inspeção de alimentos nas unidades isoladas. O referido Equipamento, cujo protótipo também foi feito na Es VE, já está sendo fabricado por uma firma especializada de São Paulo, existindo diversos distribuídos e em serviço. Com orgulho registramos que a apresentação do nosso "Equipia" foi o ponto alto do II Seminário de Veterinários Militares Americanos, reunido no Panamá, em fins de 1967 e hoje vem sendo procurado por várias Escolas de Veterinárias a fim de que sirva ao ensino nas mesmas.

Atualmente está em estudos, na Escola de Veterinária do Exército, um tipo reduzido do "Equipia", especialmente destinado aos corpos de tropa de pequeno efetivo, e capaz de resolver, técnicamente, a maioria dos problemas de inspeção que nelas normalmente ocorrem. Exames para confirmação do estado de conservação da carne, verificação das fraudes mais comuns no leite e na manteiga, alterações de óleos e gorduras, etc., poderão ser realizadas com eficiência pelo nosso Equipamento. Também se estuda um novo equipamento para exame da água, responsabilidade que caberá ao veterinário de acordo com o novo Manual Técnico de Contrôle Sanitário dos Corpos de Tropa e Estabelecimentos Militares.

c. *Granjas e Fazendas Militares*

O Serviço de Veterinária controla técnicamente, 164 Granjas Militares, assim distribuídas:

1. <sup>a</sup> RM .....	22
2. <sup>a</sup> RM .....	15
3. <sup>a</sup> RM .....	53
4. <sup>a</sup> RM .....	12
5. <sup>a</sup> RM .....	16
6. <sup>a</sup> RM .....	2
7. <sup>a</sup> RM .....	8
8. <sup>a</sup> RM .....	16
9. <sup>a</sup> RM .....	13
10. <sup>a</sup> RM .....	5
11. <sup>a</sup> RM .....	2

(1) *Quadro demonstrativo dos rebanhos existentes e das áreas cultivadas em 30 de junho de 1968.* (ANEXO 1).

(2) *Quadro demonstrativo da produção do ano técnico de 1968.* (Anexo 2).

(3) *Estimativa do rendimento em cruzeiros novos* (preços padrões, correspondendo no máximo a 80% dos preços vigentes no meio civil). (Anexo 3).

Como se observa nos quadros em anexo, as 164 Granjas produziram, no ano técnico de 1968, quase 7 milhões de cruzeiros novos, com uma despesa, computados, inclusive, os vencimentos do pessoal militar, de pouco mais de 6,5 milhões de cruzeiros novos. Houve, assim, um "superávit" de quase 500.000 cruzeiros novos, empregados na melhoria das próprias Granjas e em obras de assistência social das Unidades a que estão vinculadas. Importa ressaltar que os preços de venda dos produtos, embora respeitando o valor do custo de produção, ficaram, de um modo geral, cerca de 20%, no mínimo, abaixo dos vigentes no mercado civil local.

5. *Criação e adestramento dos cães de guerra*

Tal como aconteceu no Exército Francês, o nosso Serviço de Veterinária, acompanhando pari-passu o desenvolvimento da Guerra Moderna, particularmente a contraguerrilha, procurou interessar-se pelo assunto. Desde a publicação, na Revista Militar de Remonta e Veterinária (1951), de um artigo a respeito, e, depois, com a da tradução, publicada na mesma Revista, de um outro, de autoria do Ten Cel Vet M. Pasquini, Diretor do Serviço de Veterinária das Forças Terrestres do Extremo Oriente (Exército Francês), estudos foram sendo feitos e o problema equacionado, com a elaboração dos Manuais T 42-280 — Cinotecna e C 42-30 — Adestramento do Cão de Guerra, ambos já aprovados pelo Estado-Maior do Exército. E a

resposta de criação de um Centro de Criação e Adestramento e de outros elementos, em estudo naquele alto órgão deixa o problema na dependência exclusiva de sua aprovação para ter início o trabalho. De um modo geral o planejamento está completado, aguardando apenas a oportunidade de execução.

As tentativas até agora feitas no Exército para introdução do Cão de Guerra — um quase imperativo, na opinião dos franceses e norte-americanos, das atividades antiguerrilha — se bem que louvável e, em alguns casos, testadas, em exercícios, com o melhor êxito, têm sido empreendimentos isolados e sem a extensão e a profundidade que o plano e a observação nos demais Exércitos estabelece como necessária.

Nosso Serviço de Veterinária tem possibilidades de assumir os encargos de criação, fomento, adestramento e até emprêgo de cães de guerra. Tal como o fizeram, neste último caso, os veterinários franceses nas guerras da Indochina, da Tunísia e da Argélia.

#### 6. Suprimento do material veterinário

Como Serviço que é, cabe ao veterinário o suprimento de seus órgãos em material especializado necessário às suas atividades. Dispõe, para isso, de uma Seção própria, na Diretoria de Veterinária, que, trabalhando em equipe com as Seções Técnicas (Assistência Veterinária, Inspeção e Granjas Militares) elabora um plano de aquisição, tendo em vista as necessidades. Esse plano tem como base, evidentemente, o efetivo provável a atender e a incidência nosológica. O cálculo das necessidades em material de consumo (drogas, medicamentos, reagentes, apósitos e material para ferrageamento) é feito aplicando-se "fatores de suprimento", atualizados anualmente, em função da incidência da gravidade dos casos observados.

O aumento constante do custo dos medicamentos e a consequente diminuição da capacidade de aquisição, agravada pela redução das disponibilidades em verbas, levou ao estudo e à execução de um Plano de Fabricação de alguns deles, pelo Laboratório de Produtos Químicos da Escola de Veterinária do Exército.

Esse Laboratório, criado apenas para atender às necessidades da mesma Escola, foi inteiramente remodelado e equipado com maquinaria adequada à produção em escala industrial. Na seleção dos produtos a serem elaborados levou-se em conta não sómente reduzir o custo (para permitir a distribuição de maiores quantidades) como também resolver certos problemas de preparação e aplicação dos medicamentos. Neste último caso se colocam o "Pó Vilate", fórmula acondicionada em saco plástico e que permite a rápida preparação do conhecido "Licoç de Vilate" e o "Apasul", fórmula melhorada e de rápida preparação, que substitui, com van-

tagem, a antiga solução de azul de metíleno. Além desses produtos, a Escola fabrica ainda uma linha de produtos injetáveis de maior emprêgo (com 15 artigos), uma pomada cicatrizante, um pó cicatrizante, um linimento, duas fórmulas de xampu inseticida (para pequenos animais), sôro fisiológico, sôro glicosado, etc.

O Laboratório de Soros e Vacinas produz material imunizante que atende a todas as necessidades do Exército na profilaxia da raiva (2 tipos de vacina: a fenicada e a de hidróxido de alumínio) e da encefalomielite equina. Produz, também, a maleina, para diagnóstico do Momo.

De um modo geral, o custo da produção equivale de 1/3 a 1/5 dos preços vigentes no mercado civil. Isto significa que, com os mesmos recursos, podemos atender a maiores efetivos.

5. As informações que aqui trouxemos, nem todas conhecidas pelos leitores desta Revista, permitem-nos assegurar que o Serviço de Veterinária do Exército vem cumprindo satisfatoriamente as missões de que está incumbido e que soube adaptar-se vantajosamente às modificações introduzidas no Exército, após a II Guerra Mundial, particularmente no que se refere à motorização de algumas de suas unidades e consequente redução de seus efetivos de animais. A economia de pessoal e material resultante da diminuição das atividades clínicas, foi, a nosso ver, adequadamente empregada no desenvolvimento de outras atividades. A inspeção, por exemplo, limitada antes ao simples exame das propriedades organolépticas dos produtos de origem animal, evoluiu para um trabalho eminentemente técnico, com utilização de recursos de Laboratório e ampliou-se, atingindo a todos os alimentos e forragens consumidos pelo Exército. Ao desafio da necessidade de formação de pessoal especializado — inspetores e auxiliares de inspeção — reagimos com a organização, na Es VE, dos cursos de Inspeção de Alimentos e Bromatologia, para oficiais e de Auxiliares de Inspeção para Sargentos. Ambos desfrutam, hoje em dia, de honroso conceito e já têm sido freqüentados inclusive, por oficiais e sargentos das nossas Forças Auxiliares e de Forças Armadas de países amigos. São eminentemente objetivos, feitos em regime de tempo integral, em prazos (6 e 4 meses, respectivamente) que não prejudicam, pelo afastamento dos alunos, às atividades de rotina.

6. No que diz respeito às Granjas Militares, a Portaria nº 181, de 9 de novembro de 1948, oficializando uma situação de fato, preexistente, criou condições favoráveis à sua multiplicação e hoje existem 164 registradas. É importante ressaltar que as mesmas não são contempladas com dotações orçamentárias ou subvenções e que, na sua quase totalidade, dão lucro, apesar de terem preços de venda muito abaixo dos vigentes no mercado civil e serem incluídos, no cálculo da despesa, os vencimentos e vantagens do pessoal militar

que nelas trabalha. Muitas delas contribuem substancialmente para a economia da Unidade, seja diretamente, seja através dos Centros Sociais.

Por sua própria definição, que inclui a auto-suficiência financeira, as Granjas devem adquirir, por sua própria conta, todo o material necessário às suas atividades. Não cabe, pois, ao Serviço de Veterinária o seu suprimento em material. Entretanto, para atender a casos excepcionais, como os das unidades de fronteira, têm sido fornecidos implementos agrícolas, reprodutores, sementes e insumos diversos, com recursos eventualmente postos à disposição da Diretoria de Veterinária. No momento, a grande preocupação é situar melhor a Granja com empreendimento econômico. As vantagens oferecidas à tropa e à família militar, particularmente no tocante aos preços de venda, deformaram o seu verdadeiro conceito econômico para encará-las como uma simples forma de assistência social. Daí a fixação de preços que não correspondiam aos custos e que redundavam, em muitos casos, na estagnação ou mesmo no desaparecimento da Granja. Para colocar o pessoal veterinário em condições de enfrentar a situação, amparado por conhecimentos de técnica agropecuária e de administração rural, foi criado para sargentos, o curso de auxiliar de granja e introduzidos no currículo do Curso de Formação de Oficiais Veterinários, a partir de 1966, assuntos de economia rural, inclusive técnica de planejamento, pesquisa de mercado e levantamento de custos. A par disso desenvolveu o estudo, essencialmente prático, de análise, correção e adubação de solo; de seleção e escolha de sementes; de combate à erosão, etc., etc., pois que era reconhecida e precisava ser corrigida nossa deficiência nas pesquisas agrícolas.

7. O veterinário tem hoje, em todo o mundo, atuação relevante na resolução dos problemas de saúde pública, quer como inspetor de alimentos quer como colaborador do médico na profilaxia e no combate às doenças comuns ao homem e aos animais. Nesse particular, o veterinário militar brasileiro vem dando a sua contribuição anônima à preservação da saúde de diversos núcleos populacionais do nosso interior, onde, em muitos casos, falta inteiramente a inspeção sanitária nos matadouros, frigoríficos, charqueadas, etc. Para darmos apenas dois exemplos, citamos Guarapuava, no Paraná e Boa Vista, no território de Roraima, onde a Inspeção Veterinária no Matadouro Municipal é assegurada pelo veterinário da Unidade da Guarda. O mesmo ocorre em muitas outras cidades e qualquer dos leitores poderá trazer seus exemplos de nossa afirmativa. No grande trabalho de valorização das nossas populações rurais, pela falta conhecida de veterinários civis, tem ainda o veterinário do Exército um papel relevante a desempenhar.

O mesmo ocorre no trabalho conjunto com o médico na profilaxia, polícia sanitária e combate às infecções. Inclusive no que tange aos trabalhos de laboratório, desde a pesquisa à produção de imunizantes. Conta hoje o Serviço de Veterinária com dois laboratórios — um na Guanabara e outro em Pôrto Alegre — empenhados em pesquisas microbiológicas e na produção de soros e vacinas, o da Guanabara e, em trabalho de diagnóstico, o de Pôrto Alegre. Dentro das possibilidades e recursos de que possamos dispor, é pensamento da Diretoria de Veterinária organizar a produção de vacinas também em Pôrto Alegre, com o que muito lucrariam a profilaxia e o combate às doenças infecto-contagiosas particularmente a Raiva — pela maior facilidade de distribuição e melhor conservação dos imunígenos. Já possuímos pessoal especializado pelo Instituto Oswaldo Cruz, e, entre os formados, alguns obtiveram resultados dos mais honrosos para o nosso Serviço.

8. O Serviço de Veterinária está perfeitamente estruturado. Dispõe de órgãos de Direção e execução centrais e regionais e Secções em 6 Quartéis-Generais de Grandes Unidades; opera mais de 50 Formações Veterinárias em Corpos de Tropa ou Estabelecimentos Militares e dirige técnicamente mais de 160 Granjas Militares; aciona uma escola, com 7 cursos em funcionamento; 13 laboratórios de Inspeção de Alimentos e Bromatologia; 2 laboratórios de Pesquisas Clínicas; 1 laboratório de produção de soros e vacinas; 1 laboratório de produtos químicos; um Hospital de Grandes e outro de Pequenos Animais, esse, talvez, o melhor do Brasil. Todos os seus oficiais superiores passaram pela Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais e existem, no serviço ativo, 10 dos 19 com o Curso de Chefia de Serviços da Escola de Comando e Estado-Maior do Exército. Possuímos oficiais pára-quedistas e com o Curso de Guerra na Selva (inclusive instrutores); de guerra química, técnica de ensino e psicologia, além de outros pertinentes à profissão veterinária.

Os claros existentes nos postos inferiores estão sendo preenchidos e espera-se que, dentro de 2 a 3 anos, se reduzam a evasão normal consequente às transferências para a reserva por imposição regulamentar. Isso permitirá levar o Serviço de Veterinária a maior número de unidades e guarnições e, com êle, os benefícios da inspeção de alimentos, da produção de hortigranjeiros e da Saúde Pública, cooperando, com seu trabalho anônimo mas patriótico, na integração de nossas populações rurais ao padrão de desenvolvimento do País. Num esforço que ampliará o que vem realizando na Amazônia e nas nossas fronteiras, onde — com orgulho o proclamamos — somos talvez, no conceito das Armas e Serviços, o único que tem efetivos completos em missão.

(ANEXO 1)

**QUADRO DEMONSTRATIVO DOS REBANHOS EXISTENTES E ÁREAS CULTIVADAS DAS GRANJAS DO EXÉRCITO EM 30 DE JUNHO DE 1968**

R.M	GRAN-JAS	AVI-CULTURA (Cabeças)	SUINO-CULTURA (Cabeças)	BOVINO-CULTURA (Cabeças)	OVINO-CULTURA (Cabeças)	HORTI-CULTURA (ha)	POMI-CULTURA (ha)	FORRA-GEIRAS (ha)	LAVOU-RA (ha)	SILVI-CULTURA (ha)
1.a	22	66.520	2.109	664	—	117.330	53.380	30.410	40.550	42.000
2.a	15	23.518	2.120	2.909	13	21.580	32.971	62.760	630.770	37.000
3.a	53	36.696	4.581	3.357	5.244	63.950	76.750	1.514.300	877.150	103.030
4.a	12	11.202	1.289	300	—	42.250	21.320	32.000	104.430	157.500
5.a	16	9.318	1.113	292	—	17.500	11.800	204.000	84.000	68.500
6.a	2	701	276	20	—	1.500	16.500	1.500	2.500	—
7.a	8	8.437	484	265	—	9.010	110.360	20.200	138.000	267.000
8.a	16	4.746	763	344	34	5.920	8.490	31.552	17.200	204.880
9.a	13	1.442	928	759	50	16.569	11.401	70.100	62.438	401.931
10.a	5	4.247	84	95	—	5.000	6.500	3.000	24.500	—
11.a	2	3.575	232	42	—	1.743	0.060	17.000	3.676	—
Tot.	164	170.402	13.979	9.047	5.341	302.352	349.542	1.986.822	2.034.814	1.231.840

(ANEXO 3)

**ESTIMATIVA DO RENDIMENTO, EM CRUZEIROS NOVOS, DAS  
GRANJAS MILITARES NO ANO TÉCNICO DE 1968, POR  
REGIÃO MILITAR**

(2.º Semestre de 1967 e 1.º de 1968)

RM	VALOR TOTAL DA PRODUÇÃO	VALOR TOTAL DAS DESPESAS
	NCr\$	NCr\$
1. <sup>a</sup>	1.757.037,95	1.515.048,50
2. <sup>a</sup>	1.057.831,45	896.291,65
3. <sup>a</sup>	2.340.800,01	1.948.522,66
4. <sup>a</sup>	619.519,75	639.167,61
5. <sup>a</sup>	255.148,45	242.203,95
6. <sup>a</sup>	34.610,44	36.105,20
7. <sup>a</sup>	229.443,76	291.842,51
8. <sup>a</sup>	245.054,53	313.682,79
9. <sup>a</sup>	228.430,17	377.067,00
10. <sup>a</sup>	82.194,37	103.539,28
11. <sup>a</sup>	28.164,94	28.397,08
TOTAL	6.878.235,82	6.391.868,23

LUCRO ..... NCr\$ 486.367,59

*Observações :*

- a) Não computando as despesas com pessoal (oficiais, praças e funcionários civis não necessários), as Granjas Militares passam a dar um lucro de NCr\$ 2.654.485,41 correspondente ao ano técnico de 1968.
- b) Na elaboração do referido Quadro, foram considerados os preços constantes dos mapas vindos dos Serviços de Veterinária Regionais, todavia muito abaixo da média real do comércio local.

## REPRESENTANTE!

A Revista precisa manter ligação mais constante e íntima com o senhor. Pretende fazê-lo, mas necessita da sua máxima cooperação. Assim, para iniciarmos nova fase de entendimento entre a Redação e o Representante pedimos-lhe comunicar-se conosco, com a possível brevidade e preferentemente por carta, informando-nos detalhadamente da situação da Revista na sua Unidade. Esperamos, também, a sua colaboração, não sómente no tocante a sugestões para melhoria da nossa "A Defesa Nacional", como também no envio de matéria para publicação. Estamos às ordens, aguardando sua palavra.

# *O MCI E O IMPERIALISMO SOVIÉTICO*

(Continuação)

Cel Eng ADIB MURAD

## IV — OS CENTROS DE IRRADIAÇÃO DO MCI

São três os principais centros de irradiação do MCI:

- A URSS (e os países satélites da Europa Ocidental);
- Cuba; e a
- República Popular da China.

Já estudamos o primeiro desses Centros. Veremos, pois, sucessivamente, os outros dois, estudando, em relação ao último, também o conflito Sino-Soviético.

### 1. Cuba

Em Cuba, Fidel Castro insurgiu-se contra a ditadura de Fulgêncio Batista. Iniciou ações de guerrilha, com base na Sierra Maestra, e, aos poucos, obteve apoio de todo o povo, apossando-se do poder a 1º de janeiro de 1959, contando com a simpatia das democracias.

Consolidada sua posição, Castro surpreendeu o mundo declarando-se comunista e impondo essa ideologia a seu povo, apesar de estar o seu país situado a poucas milhas dos EUA.

Imediatamente, empolgada pela obtenção de uma base de atuação em pleno coração das Américas, a URSS concedeu a Cuba todo o apoio.

Em contraposição, a Organização dos Estados Americanos (OEA), em face da ameaça comunista e pela decisão de não interferir em força, colocou Cuba sob bloqueio econômico; todos os países americanos, exceto o México, cortaram suas relações comerciais e diplomáticas com Cuba, que passou a depender preponderantemente do auxílio material da URSS e do pequeno comércio que ainda mantém com as nações européias.

Cuba é uma pequena nação, a 90 milhas dos EUA, e que não pode ter pretensões de hegemonia mundial, nem continental; sua população é inferior a oito milhões; não possui indústria desenvolvida; é um país essencialmente agrícola, grande produtor de açúcar, que é sua maior fonte de divisas, seguindo-se o fumo, o café, o cacau, o arroz e as frutas tropicais.

É interessante assinalar que, na parte sudeste da ilha, os norte-americanos continuaram mantendo a Base de Guantânamo, como pequenino território dos EUA.

Deve ser também assinalado que os soviéticos, menosprezando a capacidade de reação das Democracias, pretendiam transformar o pequenino país em uma

fortaleza militar capaz de ameaçar a segurança dos EUA e, em 1962, iniciaram, ai, a implantação de bases de lançamento de mísseis. Entretanto, o Presidente Kennedy adotou uma posição firme, impôs que a URSS removesse os mísseis e ameaçou torpedear navios soviéticos que estavam levando material bélico para Cuba. Houve um período de tensão mundial, ante a iminência de uma guerra, mas os soviéticos recuaram, fizeram com que seus navios voltassem e procederam à desmontagem de suas bases, sujeitando-se à fiscalização direta dos americanos.

A URSS sofreu um rude golpe em seu prestígio e Fidel Castro jamais lhe perdoou essa atitude, após o que se aproximou mais da China, a despeito de sua total dependência do apoio econômico da URSS.

Cuba é o centro de irradiação subversiva na área do Caribe e América Central, exercendo, também, grande influência, na América do Sul, sobre a Colômbia, Venezuela, Chile e Uruguai.

Ela representa o sucesso de uma experiência original: uma revolução rural, iniciada sem unidade, e que foi conquistando adesões até engolfar o poder; representa uma forma originalíssima da implantação do comunismo num país católico — sem pregação ideológica, sob ideais democráticos; primeiro a obtenção do poder; depois, o processo político da comunicação em massa, mediante ostensiva propaganda dirigida, apoiada na força, nos expurgos violentos e

nos processos de favorecer o exílio para os recalcitrantes.

Fidel Castro admite que seu processo é o ideal para a implantação do comunismo nas Américas e nega qualquer valor aos processos tradicionais de luta política dos PC e à pregação ideológica prévia.

Tentou a experiência sobre países e a URSS deixou-o agir livremente.

Em abril de 1959, tentou um desembarque de guerrilheiros no Panamá; em maio, tentou contra a Nicarágua; em junho, contra a República Dominicana e, em agosto, contra o Haiti. Fracassou redondamente em todos eles.

Depois, para manter o seu prestígio, dedicou-se à promoção dos planos subversivos em grande escala na A.L., esponsando os ideais revolucionários do MCI, que pretende liderar no hemisfério.

Não apreciaremos a ação e os insucessos de Castro em cada um dos países americanos, mas desejamos ressaltar o seguinte:

— A URSS já não concorda com os processos subversivos de Castro, proclamando: que seus pontos de vista estão errados, que seu tipo de revolução não pode ser exportado porque só triunfou em Cuba sob condições muito especiais, por estar o povo farto da ditadura de Batista e que a A.L. não está amadurecida para a Revolução e seu povo necessita de um longo período de endoctrinação, para adquirir maiores condições de politização

e estímulos para o emprêgo da luta armada.

— Cuba não tem condições para galvanizar povos estrangeiros sob sua liderança, por ser um país fraco, sem projeção política, econômica ou cultural e ter sua própria população com baixíssimo padrão de vida e descontente com o regime escravizador que lhe é impôsto.

— O que Cuba realmente representa é um grande centro de propaganda subversiva, dirigido e financiado pelos soviéticos.

— Em 1966, realizou-se, em Cuba, a Conferência Tricontinental de Havana, da qual resultaram duas organizações revolucionárias:

— A OLAS (Organização Latino Americana de Solidariedade), que visa a promover e apoiar os Movimentos subversivos na A.L. e lutar contra o imperialismo e a influência dos EUA; e

— A OSPAAAL (Organização de Solidariedade dos Povos da Ásia, África e A.L.), praticamente com os mesmos objetivos, mas englobando três continentes.

— Em 1966, ainda, Cuba promoveu um Congresso Latino Americano de Estudantes (IV CLAE), para planejar e orientar os movimentos estudantis.

Em 1968, Cuba promoveu o Congresso Cultural de Havana, reunindo cerca de 500 intelectuais, para firmar uma posição uniforme na orientação dos processos subversivos.

O que deve ser compreendido é que Cuba, embora insignificante como potência, tem sido muito útil à causa do MCI, não só pela sua posição geográfica, mas pelas facilidades que oferece para o

acesso ao centro de coordenação e instrução que representa.

Em Cuba se proporciona, em vários centros, instruções sobre comunismo e sobre guerrilhas urbana e rural; de Cuba, saem toneladas de material de propaganda subversiva para a A.L.; a rádio de Havana transmite regularmente, pregando a subversão e com alcance sobre todo o hemisfério; de Cuba, mais facilmente, os soviéticos enviam armamento, munição e equipamentos aos guerrilheiros americanos.

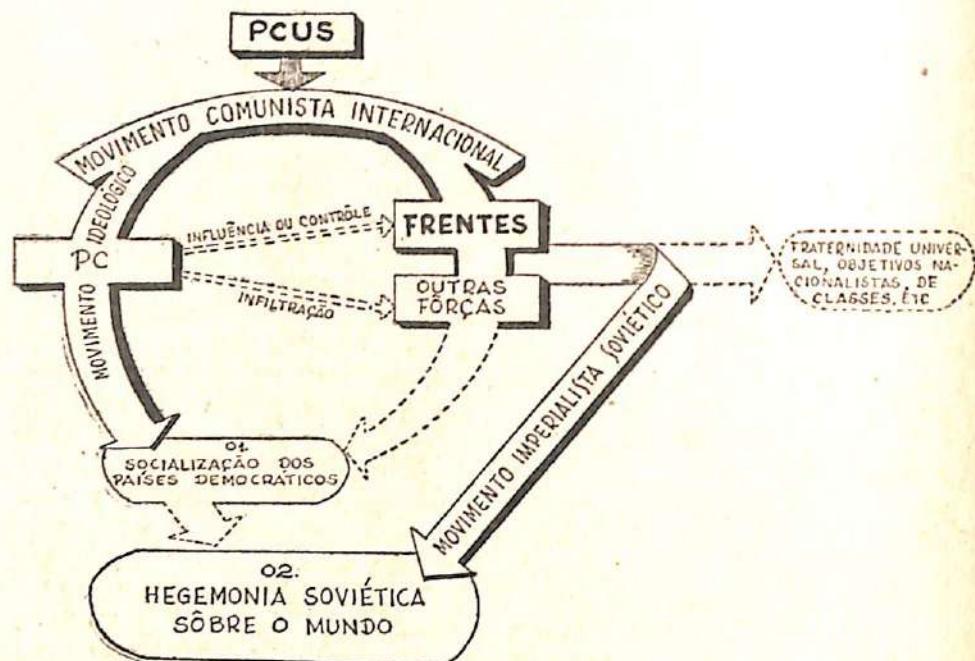
De Cuba parte a motivação e o apoio para a luta armada, urbana ou rural, na A.L., sendo a influência do Castrismo percebida mais notadamente no seio dos estudantes e dos campões e muito pouco na massa trabalhista, que segue a orientação preponderante do PC pró-soviético.

Tudo indica que Fidel Castro perderá em breve o apoio soviético e será substituído no poder. Entretanto, apesar dos ônus que Cuba representa, a URSS não abrirá mão voluntariamente desse país e tudo fará para que ele continue socialista e sob a sua esfera de influência.

## 2. República Popular da China (e o conflito sino-soviético)

Com a guerra civil de 1949, Chiang-Kai-shek teve de fugir para Formosa e os comunistas fundaram a República Popular da China.

A China Popular, hoje em dia, é um país isolado, sem assento na ONU, sem representações diplomáticas junto a muitos povos ocidentais e com sua população de mais de 700 milhões de almas



ainda submetida a um padrão de vida muito baixo.

O líder da China é Mao Tsé-tung, considerado um dos maiores filósofos do marxismo-leninismo e o maior incentivador da Revolução Mundial pela violência.

De milenares tradições agrícolas, a China está obcecada pela necessidade de tornar-se uma grande potência industrial e, à custa de ingentes sacrifícios, conseguiu fabricar a sua bomba atómica, formando no rol dos países detentores do poder nuclear.

Existe, de fato, um conflito ideológico entre a China e a URSS, e que se intensificou após a morte de Stálin (1953), momente quando Kruchev esposou a doutrina da Coexistência Pa-

cífica, que os chineses, por motivos que procuraremos ventilar, consideraram como uma aproximação com o capitalismo e uma flagrante traição aos ideais comunistas.

Hoje em dia, o conflito China-URSS apresenta três aspectos característicos:

1.º — Divergência quanto às táticas e estratégicas dos Movimentos de Libertação Nacional (A China quer aplicar a teoria marxista-leninista da luta violenta; a URSS preconiza a luta econômica e política, sob a égide da coexistência pacífica).

2.º — Rivalidade pela conquista de influência sobre os povos da África e do Sudeste Asiático.

3.º — Disputa pelo Controle dos PC mundiais.

Por outro lado, a China ameaça a URSS com a formação de um MCI afro-asiático sob a sua liderança, explorando a tese da "união das raças de côntra o imperialismo dos brancos".

Sobre o conflito sino-soviético, as opiniões divergem muito. Uns o consideram real, irreconciliável, baseado em ambições de hegemonia mundial, no ódio racial, em antagonismos históricos, etc. E argumentam com as sistemáticas e violentas críticas que Mao Tsé-tung sempre dirige aos soviéticos, acusando-os de terem abandonado o comunismo, de estarem se tornando capitalistas e se aproximando dos EUA, não só para dividirem o mundo entre si, como para atacarem a China e impedirem que ela se torne numa grande nação, capaz de disputar e obter a hegemonia sobre o mundo.

Outros admitem que tudo não passa de uma farsa, para fortalecer a posição da URSS na coexistência pacífica que apregoa para melhor penetrar no mundo ocidental e preparar a sua derrocada. Admitem, portanto, que a China faz o jogo da URSS, submetendo-se como um país satélite, apesar de sua pretensão de ser grande potência, rival e insolente.

Segundo o nosso ponto de vista, ambos têm razão e isso poderá ser bem compreendido se analisarmos o presente com uma visão perspectiva sobre o futuro.

Que vemos hoje?

— A União Soviética desenvolvida, poderosa, industrializada,

necessitada de comerciar com o Ocidente, para dar a seu povo um melhor padrão de vida. É um país que precisa evitar a guerra com os EUA, pois já tem muito a perder, e quer restabelecer relações diplomáticas com todos os países do mundo, não só para fins econômicos, mas para eliminar a influência dos EUA sobre as Democracias e preparar condições para a sua hegemonia sobre o mundo. Ela não pode aparecer como agressora, nem como fomentadora da subversão, ou as consequências lhe seriam contraproducentes, pois seria isolada ou encarada com suspeição, como até recentemente.

— E vemos o MCI, como instrumento da grande Revolução Mundial que enfraquece as democracias, sob a liderança firme da URSS. No âmbito do MCI não há divergências. URSS, China, Cuba e todos os países socialistas espalam os mesmos ideais:

— o grande inimigo são os EUA; os alvos são as nações democráticas; os temas de propaganda e os slogans usados são sempre os mesmos, numa harmonia e com uma objetividade que indicam direção rigidamente centralizada. As variações giram em torno das táticas: — uns, filiados à China ou à Cuba, querem a revolução pela violência; outros, filiados a Moscou, seguem a linha pacifista. Os PCs estão cindidos em alas pró-Moscou e pró-Pequim ou Havana, MAS TÓDAS AS ALAS, embora usando processos diversos, perseguem os MESMOS OBJETIVOS, isto é, trabalham harmônicaamente, ten-

do em vista os resultados finais. O que se verifica nessa aparente cisão não é o enfraquecimento, mas o fortalecimento extraordinário do MCI, que, em última análise, está em condições de empregar recursos de todos os tipos legais ou clandestinos, pacíficos ou violentos, morais ou amoraís, para alcançar o triunfo de uma causa que só representará o triunfo final da URSS, pois lhe dará a ambicionada hegemonia sobre o mundo.

Antigamente, quem se desiludia com o comunismo, se tornava anticomunista; hoje, muda de linha, obedece a um outro patrão, mas não deixa de ser comunista e de combater as democracias.

Em suma, o que é inegável é que o policentrismo na direção dos PCs, a divergência de linhas táticas, as lutas pela liderança ou os choques de palavras ou de interesses entre as potências vermelhas, NÃO MODIFICAM em essência a grande estratégia de dominação mundial aplicada pelos soviéticos, tendo como instrumento principal o MCI.

— Cuba pode exercer a pregação revolucionária na A.L. e nos países africanos de língua portuguesa.

A linha pacifista de Cuba não teria utilidade no seio dos países da A.L. que a repudiaram e isolaram. Então, ela se opõe à coexistência pacífica, mostra-se descontente com os líderes soviéticos que a mantêm e dos quais depende para sobreviver, aproxima-se de Pequim ostensivamente e prega abertamente a subversão, que apóia com armas e dinheiro fornecidos pela URSS.

O absurdo da posição de Cuba é flagrante, mas está dando resultado, por mais que isso depõna contra o bom senso dos povos ocidentais que se deixam iludir pelas artimanhas dos socialistas.

Na verdade, as massas acreditam no pacifismo da URSS e se negam a reconhecer que Cuba é simples testa-de-ferro desse país. E se é Cuba quem promove as agitações, poucos vêem motivos que justifiquem medidas mais enérgicas de segurança contra a URSS, "tão bem intencionada" e "tão sincera"!...

— A China requer uma análise menos fácil, menos ao alcance do bom senso comum das massas.

Afastada da ONU; sem relações diplomáticas com muitas nações do mundo e todos os países da A.L. exceto Cuba; sem poder económico para apoiar governos; necessitada de empenhar-se, no âmbito interno, para progredir e industrializar-se, ela só poderia mesmo, no plano internacional, pregar a violência e buscar liderar as massas. Não tendo penetração nos povos de raça branca, ela influencia particularmente o mundo amarelo e o mundo negro.

O seu papel no âmbito do MCI é, pois, perfeitamente racional, tendo em vista as suas possibilidades.

Como está evidenciado, o MCI emprega seus elementos com absoluto critério, com muita lógica, dentro das melhores possibilidades de cada qual, segundo uma estratégia geral de ação ditada pela URSS. E a coexistên-

cia pacífica proclamada pelos soviéticos nada mais representa do que a maior mistificação internacional de nosso século, com Cuba, China e os países socialistas atuando como fantoches, como testas-de-ferro da União Soviética.

O que desfigura um pouco essa realidade é que por vezes ocorrem conflitos mais sérios no mundo socialista, o que pode ser compreendido pelo fato de o sentimento nacionalista de cada povo ser maior que o sentimento ideológico. Um país pode ser comunista, mas quer ser soberano e defender seus interesses e reage, mesmo contra o senhor absoluto, quando êsses interesses são contrariados.

Não temos dúvidas de que, para preservar o êxito de sua penetração cultural, política e econômica no Ocidente, a URSS comanda a cisão do PC em alas pró-Pequim e pró-Havana; dirige e financia a linha subversiva das demais facções; e procura eximir-se da responsabilidade pelos desmandos cometidos, mostrando que a ala pró-Moscou só se empenha na luta politico-ideológica por processos legais e pacíficos.

Inclusive, como no caso de Cuba, ela condena abertamente as violências atribuídas a Fidel Castro, que vive a suas expensas e que também critica a URSS e faz expurgos internos dentre seus desafetos, alegando que os atingiu porque eram espiões a serviço da URSS. Isso deveria provocar gargalhadas, porque os soviéticos estão aos

milhares em Cuba, orientando, dirigindo tudo oficialmente nesse país, mas a massa popular acredita nos disparates que ouve e os comunistas obtêm êxitos, principalmente porque os governos democráticos não se preocupam devidamente com a propaganda e o esclarecimento da opinião pública.

Voltando ao problema da China: — Há, entre chineses e soviéticos, um ódio irreconciliável, que se reflete em todos os pronunciamentos de Mao Tsé-tung e de cuja sinceridade ninguém pode duvidar.

Realmente, como todo seu empenho, a China combate a influência da URSS na Ásia e na África e critica a liderança soviética com o máximo de energia virulenta.

Em comum, entre a China e URSS, só existe o ódio ao norte-americano e o desejo de subverter e desagregar os países democráticos, para que caiam sob o regime comunista.

Assim, a China está ligada à URSS, mas tanto um como outro país pretende, ao final da luta, emergir como o único poder dominante sobre o mundo.

Um choque entre êles delinearia-se como uma fatalidade no horizonte.

Muitos se admiraram de que a URSS não reaja às provocações da China, senão com uma ou outra advertência. Mas isso é perfeitamente explicável, na atualidade.

A URSS pode ser vista, para exemplificar, como um homem adulto e forte, ao passo que a

China representa o rapazinho enfecado, fervendo de ódio, impotente para agredir, mas ruminando planos de agressão para quando crescer e ficar mais forte que o seu rival.

De fato, ao passo que a URSS é uma respeitável potência econômica e militar, a China é um país gigantesco, com um potencial demográfico extraordinário, mas ainda lutando para organizar-se, progredir e ter real potencialidade militar.

Os problemas internos da China são atordoantes. Mao Tsé-tung está tentando, agora, o que Lenine e Stalin fizeram a partir de 1918: — expurgos, trabalhos forçados, orientação rígida, rompimento com estruturas anacrônicas que entravam o progresso, enfim, a mobilização de todo o povo para a arrancada pelo desenvolvimento.

Mao tentou o "grande salto", há alguns anos; depois, fracassado este, partiu, em 1966, para a sua Revolução Cultural, com apoio na Guarda Vermelha, formada pela juventude. Foi uma experiência também fracassada, pois Mao teve de dissolver a Guarda Vermelha, porque os jovens eram inexperientes em assuntos administrativos e difíceis de controlar. Recentemente, Mao tenta acelerar o progresso com apoio do seu Exército de mais de dois milhões de homens.

De qualquer forma, a China está cinqüenta anos atrasada em relação à URSS. Além disso, Mao Tsé-tung é um velho e com sua morte preve-se que o país sofra

novo grande retrocesso, em virtude das lutas internas pela posse do poder.

Ao ler as obras de Mao Tsé-tung, podemos sentir que ele tem esperanças numa guerra entre URSS e EUA e que tudo faz para fomentá-la, usando as crises do sudeste asiático.

Por outro lado, ele sabe que a China está em luta de vida ou de morte contra o tempo. Se conseguir manter-se organizada por alguns decênios, industrializar-se, equilibrar seu poder nuclear com o das grandes potências, então poderá acalentar sonhos de hegemonia mundial, com grandes possibilidades de vitória, de tornar realidade a velha teoria da ameaça invencível da raça amarela.

Por ora, tem de ser cautelosa e obedecer, embora jogue com a tensão soviético-americana para poder ser insolente e desencadear luta cerrada pela maior influência política sobre os países que lhe são vizinhos.

Mao Tsé-tung tem plena consciência de que o seu país pode vir a ser no futuro e das suas cruciais vulnerabilidades no presente.

Não é por simples objetivo propagandístico que ele sempre denuncia o capitalismo soviético e os entendimentos entre a URSS e os EUA para uma divisão do mundo entre os dois, ou os acusa de estarem tramando um ataque contra a China, com base de operações na Índia.

Ele sabe que se a URSS e os EUA deixarem a China crescer, poderão ser vencidos por ela e

prevê que, mais dia, menos dia, URSS e EUA serão forçados a se unirem para liquidarem com o perigo amarelo, enquanto podem fazê-lo com menores ônus.

Esse é o quadro completo, apresentado em síntese, sobre o conflito sino-soviético, que realmente existe, mas que, só projetado no futuro tornar-se-á profundo e terá caráter explosivo, pois no momento atual a China serve como mero joguete dos interesses soviéticos na grande fraude psicológica que a URSS desencadeia sobre o mundo ocidental.

#### V — A VERDADEIRA FACE DO MCI

Com os conhecimentos examinados até agora, podemos, enfim, chegar à verdadeira caracterização do MCI.

Chegamos à conclusão de que, no âmbito do MCI, pela atual estratégia, o PC tem duas finalidades principais:

- Difundir a ideologia comunista; e
- Cooperar para a socialização do país.

E tem uma finalidade secundária, mas concomitante:

- Promover a subversão, sem dela participar ostensivamente.

Já as *Frentes* nacionais têm as finalidades principais de apoiar a penetração da influência soviética nos países democráticos e promover a subversão, a serviço do imperialismo soviético.

E têm a finalidade secundária, mas concomitante, de cooperar com o PC para efeito da socialização desses países.

Examinando a dinâmica do MCI, podemos chegar à caracterização de dois movimentos distintos, paralelos, no âmago desse movimento:

— O *Movimento Ideológico*, que tem o PC como principal instrumento de ação e visa à socialização dos países democráticos; e

— O *Movimento Imperialista Soviético*, apoiado pelo Bloco Comunista, que tem nas organizações de Frente nacionais e nas chamadas "Outras Fórcas", o seu principal instrumento de ação e visa, particularmente, a hegemonia soviética sobre o mundo.

Em relação ao componente PC, do MCI, duas grandes definições se impõem:

- 1 — Tem caráter ideológico;
- 2 — Sua destruição interessa ao governo.

Em relação ao Movimento Imperialista Soviético (MIS), devemos analisar uma série de considerações particulares:

- 1 — Não tem caráter ostensivamente ideológico;
- 2 — Há, em seus militantes, o predomínio do espírito nacionalista;
- 3 — As "bandeiras" aglutinadoras das massas são justas e, em geral, estimulantes do desenvolvimento do país;
- 4 — Nas manifestações públicas, a maioria dos participantes comparece sob a motivação de ideais defensáveis e sadios, sem visualizar as mais profundas repercussões políticas, econômicas e sociais que essas manifestações aparentemente inocentes podem

acarretar, quando desvirtuadas em suas finalidades.

5 — A massa de manobra, composta de democratas-cristãos e patriotas, está, inconscientemente, sendo dirigida para os objetivos do MIS, porque a minoria, que exerce uma liderança espúria, a desvia maquiavélicamente de seus rumos.

6 — Essa massa de manobra, a rigor, representa parte do nosso próprio potencial demográfico, que ao governo interessa preservar e fortalecer e que, bem esclarecida, poderá cooperar para a neutralização dos comunistas, embora continuando a lutar democraticamente por seus ideais.

7 — A estratégia soviética, com admirável capacidade mistificadora, confusionista, tornou os componentes do MCI tão entrelaçados, tão interdependentes, que dificultou sua caracterização como entidades distintas, pois em todas há a mancha comunista. Por isso, inocentemente, por perigoso espírito de simplificação e pelo fato de estar a liderança geral com o PC, muitas autoridades encaram *todos* os integrantes do MCI como comunistas. E estão cometendo o êrro grave de ferir a justiça e de comprometer a validade de seus argumentos para esclarecer a opinião pública, mormente quando apontam, como comunistas, elementos não comunistas, até mesmo religiosos ou ardorosos democratas que empunham bandeiras justas e, inconscientemente, deixam-se influenciar pelo MCI.

É de se ressaltar, ainda, o papel desempenhado pelos políticos

oportunistas, que procuram capitalizar a agitação em proveito próprio, e de intelectuais e jornalistas ainda não esclarecidos sobre as verdadeiras finalidades do MCI. São eles que mais perturbam a ação das autoridades e dificultam o trabalho de identificação dos verdadeiros agitadores. Esses elementos, em sua quase totalidade, são patriotas, não são comunistas, mas fazem o jôgo do inimigo e servem para ampliar a "câmara de ressonância" da grita da minoria que lidera o movimento, contribuindo para que a desordem se alastre, ou para que o povo tenha a impressão de que um movimento intrinsecamente frágil ganhou proporções inauditas e ameaça a estabilidade do governo — o que, então, é capitalizado com eficiência pelo MCI.

Se o PC pode ser combatido no campo tático, como tem sido, as componentes que grupamos sob o rótulo do Movimento Imperialista Soviético devem ser preponderantemente atacadas no campo estratégico, particularmente com as armas representadas pelos meios de comunicação com as massas e a ação político-administrativa do Governo.

Nós admitimos que as reivindicações sociais ou de cada classe são desejáveis, por constituírem estímulos ao dinamismo do governo no sentido do progresso do país, do bem-estar do povo e do aperfeiçoamento do nosso sistema democrático.

É necessário o diálogo franco e honesto entre as autoridades e o povo, para que se fortaleça o

sentimento cívico pela conjugação dos esforços na superação dos erros e dificuldades, sob a égide de uma equilibrada compreensão das condições do país e de suas possibilidades, sem perturbação da ordem pública e sob os ditames da lei.

Esse objetivo só poderá ser alcançado pelo esclarecimento da opinião pública sobre a ameaça que se exerce contra o país e por uma ação inflexível contra os elementos que pregam a subversão ou a desencadeiam.

O elemento de manobra do Movimento Imperialista Soviético — constituído por bons patriotas iludidos pelos inimigos de sua Pátria — deve ser combatido sem violência, por ações que visem a esclarecer-lo, ao passo que os líderes comunistas que manipulam essa massa de manobra, devem ser neutralizados pelos mesmos processos com que se procura neutralizar o PC.

Se passarmos a considerar o MCI no quadro de uma guerra-fria — que é a forma evoluída, moderna, da GUERRA entre nações — e, se dermos ao nosso povo uma nítida consciência de que estamos sendo vitimados por essa guerra e necessitamos de reagir por imposição da nossa soberania e da defesa do país, então poderemos fazer aplicar com o máximo rigor as nossas leis, em toda sua plenitude, para atacar o inimigo onde quer que ele se manifeste, sem que as providências que se impõem possam ser desvirtuadas pela propaganda inimiga, a ponto de se refletirem mal sobre a opinião pública.

Um estudo de situação sobre as premissas assinaladas em relação à ameaça comunista conduzirá, sem dúvida, à adoção de estratégias eficazes.

E, então, serão eliminadas flagrantes deficiências no combate ao MCI, deficiências que muitos atribuem levianamente à timidez dos responsáveis pela ordem pública ou à falta de autoridade, mas que se devem, sobretudo, à confusão entre as reais e distintas ameaças do MCI com a já anacrônica ameaça do PC.

#### VI — OUTROS ASPECTOS RELACIONADOS COM O PROBLEMA

##### a) Posição da Igreja e do Governo, face ao MCI

A Igreja tradicional, caritativa, espiritual, sempre se constituiu num grande obstáculo à infiltração comunista em nosso país.

A Igreja humana, reformista, social, que pode tirar das mãos dos comunistas as falsas bandeiras da justiça social para substituí-las por legítimas, pode constituir-se numa barreira invencível contra o MCI, por convidar sua luta sob os auspícios de um sincero sentimento de solidariedade cristã e de acatamento à ordem e à lei constituídas.

Os comunistas já equacionaram o problema e iniciaram a ofensiva contra a Igreja, seja pela infiltração direta no clero, seja pela "Operação Catolicismo Revolucionário", iniciada pelo MCI, para mistificar e confundir os verdadeiros cristãos.

Não existe uma Frente comuno-religiosa, impossível, talvez, de ser formada, mas existe uma minoria de padres implicados na subversão ou cooperando, ostensivamente, para o Movimento Revolucionário Camilo Torres, que surgiu no Uruguai, adotou o nome de um padre-guerrilheiro colombiano e projeta estender-se por toda a América Latina, usando Igrejas como núcleos de irradiação e propaganda.

O problema é gravíssimo e deve ser encarado por autênticos especialistas. No maior país católico do mundo, a Igreja deve ser mantida, como um símbolo apoiado e respeitado, aliada do governo em sua obra pela redenção e bem-estar do povo e nossa estratégia de ação deverá facultar o combate à minoria subversiva nela infiltrada, com a plena compreensão da maioria do clero, realmente motivada pela fé cristã.

Não devemos permitir, por omissão ou erros de nossa parte, que o MCI, explorando animosidades eventuais e a sua técnica de desvirtuar a realidade dos fatos, se apresente como o grande aliado da Igreja para iludi-la e colocá-la, no país, em uma posição intermediária que será sempre favorável a élle, por ser potencialmente antagônica em relação a nós.

*b) Posição de uma nação ainda não desenvolvida, face ao MCI*

Os soviéticos apresentam a nação norte-americana como a grande imperialista, responsável

por quase todos os males que afligem a humanidade, procurando criar e generalizar uma atitude universal negativa em relação à influência exercida pelo país líder do bloco democrático.

Realmente, no campo dos interesses econômicos, qualquer grande potência é egoista, interesseira, imperialista, por atender, nas suas relações com as demais, prioritariamente, a seus interesses e objetivos nacionais permanentes.

O imperialismo econômico pode manifestar-se como pressão prejudicial ao progresso de uma nação subdesenvolvida, mas de certo modo, é normal e se justifica dentro da ética peculiar ao terreno dos empreendimentos financeiros.

Não há como deixar de reconhecer o imperialismo econômico norte-americano, reflexo maior do imperialismo equivalente exercido por todas as nações sobre outras, delas dependentes.

Entretanto, deve ser ressaltado que o imperialismo norte-americano não possui a característica de devorador de nacionalidades que distingue o imperialismo soviético.

Provam-no os fatos históricos, a inexistência de um império colonial americano e a realidade de que se o norte-americano tivesse o mesmo caráter do imperialismo soviético, os EUA teriam dominado o mundo, quando desfrutavam do exclusivo monopólio nuclear.

Mas o que nos interessa destacar é que há necessidade de distinguir entre "segurança comum", "amizade entre nações", e os in-

terêsses que a cada governo compete defender, para zelar pelo bem-estar do povo que dirige.

Ressaltada a existência do voraz imperialismo soviético e de inúmeros imperialismos econômicos, cabe à nação não desenvolvida organizar-se estratégicamente para defender-se contra todos eles, conduzindo-se com equilíbrio face aos complexos problemas internos e internacionais envolvidos, não se deixando iludir pelos impactos de propagandas caepiosas, ou unilaterais, que procuram toldar-lhe a capacidade de analisar e discernir.

A verdade é que as nações não desenvolvidas, no mundo atual, como que flutuam num mar revôto, como joguetes de maré dos interesses e ambições dos países desenvolvidos.

Uma nação em desenvolvimento tem de ter nítida consciência de que seu progresso pode representar uma ameaça de concorrência indesejada no campo internacional e de que muitos males que afligem, causados pelo inimigo de todos, podem atender aos interesses internos das nações que lhe são aliadas e que, nesse particular, se não a atacam, se omitem na sua defesa, enquanto essa omissão não representar perigo real para a segurança coletiva.

Esse raciocínio se aplica bem ao perigo representado pelo MCI, no que tange à sua nefasta interferência contra o desenvolvimento do País.

Sob êsse aspecto, ao elaborarmos uma estratégia de ação contra o MCI, talvez seja conveniente adotar a atitude mental de

admitir que essa luta é nossa e que deveremos enfrentá-la com os nossos próprios meios, à luz de nossa exclusiva capacidade.

Contra o perigo comunista, temos aliados fortes, que promovem ações e planejamentos conjuntos tendo em vista a defesa do hemisfério.

Entretanto, considerando a ação do MCI no campo interno, devemos nos considerar praticamente sózinhos, ou contar, apenas, com eventuais alianças com outros países latino-americanos, admitindo que, dentro de sua compreensão sobre os limites entre "a luta coletiva" e cada "luta particular" contra o inimigo comum, as grandes potências amigas, sob muitos aspectos sempre se omitirão.

#### c) *O perigo das análises realizadas por estrangeiros*

A URSS procura apresentar o MCI como algo subjetivo, sem direção centralizada, sem organização especial, quase como um ideal de orientação comum a todos os PC, na luta desenvolvida contra os países cujo imperialismo denunciam e combatem.

E tem contado com a cooperação de intelectuais democratas, que escrevendo excelentes livros, ou análises, reforçam aquela convicção errônea no espírito de nossos homens mais responsáveis.

A prova disso reside no fato de que muitos chefes encarregados do setor de segurança e das informações e que conhecem tudo sobre o PC, desconhecem praticamente tudo o que refere às organizações nacionais de Frente.

Êles estudam documentos alienígenas e se convencem que o PC é o grande inimigo do seu país. Em consequência, tornam-se incapazes de equacionar com exatidão os problemas nacionais e são levados a erros sucessivos, seja pela ação inoportuna, seja pela omissão.

Realmente, os analistas americanos, ingleses, franceses, etc., do MCI são unâimes em identificarem, no PC, o instrumento principal do MCI, o que faz com que essa tese errônea seja naturalmente aceita por todos os povos subdesenvolvidos.

Devemos ter em mente, porém, que o analista de um país desenvolvido encara o MCI sob perspectivas diferentes, pelos reflexos desse movimento na conjuntura de sua pátria, cujas condições, interesses, vulnerabilidades e grau cultural são muito diversos dos existentes em um país subdesenvolvido e fazem com que as organizações de Frente tenham, de fato, papel secundário, o que não acontece entre nós, onde ocorre o inverso.

Essa realidade impõe que os analistas dos países latino-americanos não endossem cegamente as conclusões de seus colegas estrangeiros e que as adaptem à conjuntura nacional, pois o problema do MCI surge em cada parte com características diferentes, amoldadas às vulnerabilidades e às condições políticas, econômicas e psicossociais de cada país e o que é profundamente verdadeiro para um país desenvolvido pode revelar-se perigosamente falso em relação a um país subdesenvolvido.

## VII — CONCLUSÕES

Após haver apresentado um estudo analítico sobre o MCI, esperamos ter logrado deixar evidenciado:

— que o MCI é o instrumento principal da ação da URSS, na GUERRA-FRIA que desencadeia, ostensivamente, contra o Ocidente;

— que há necessidade da formulação de estratégias específicas, de essências profundamente diferenciadas, para o combate a cada um dos movimentos componentes do MCI e às Fôrças Armadas compete um papel preponderante nos estágios iniciais dessa formulação;

— que temos de evoluir, definitiva e urgentemente, na afirmação da autoridade legal do Estado, para não cedermos tôdas as iniciativas ao inimigo e não nos vermos forçados a adotar soluções sob a pressão de graves crises internas, pois tais soluções, em geral, são paliativas e imperfeitas e são sempre exploradas como um êxito da agitação, de modo a servirem de estímulo a novos atos subversivos.

Ao inimigo, calculista e frio, que nos agride em nosso próprio território e lança contra nós ponderável parcela do nosso potencial demográfico e democrático

— que consegue iludir e orientar com sua estratégia maquiavélica

— devemos opor a barreira da nossa união patriótica e consciente no sentido de definir a nossa estratégia e coordenar perfeitamente as ações preventivas ou repressivas, em todos os campos do Poder.

— Que na guerra fria atual — que traduz a guerra moderna, onde os Exércitos não se chocam, mas uma nação pode ser conduzida a exaurir-se numa inglória luta fratricida — A OPINIÃO PÚBLICA é o principal alvo dos subversivos, que estão conscientes de que ela pode representar a mais potente arma defensiva do arsenal democrático e tentam conquistá-la antes que os governos se deem conta de sua importância vital.

Portanto, a liberdade ilimitada concedida a intelectuais, professores, clérigos, agentes de influência e ativistas comunistas para orientarem insidiosamente o povo pela imprensa, a nossa juventude, nos colégios, etc., equivale a estarmos concedendo uma cabeça-de-ponte ao inimigo, precisamente na área mais sensível do baluarte democrático, que é a OPINIÃO PÚBLICA.

— Na nova estratégia defensiva contra a ação do MCI, as necessidades do esclarecimento da OPINIÃO PÚBLICA, de sua orientação e do planejamento integrado em todos os campos do poder, bem como da perfeita coordenação das ações projetadas, jamais poderão ser suficientemente enfatizadas.

É necessário que seja bem equacionada a necessidade essencial de que as medidas PREVENTIVAS da ação governamental tenham absoluta preponderância sobre as ações repressivas, tendo em vista que a massa de manobra dos comunistas é constituída de bons cidadãos, iludidos quanto às reais finalidades dos movimen-

tos de que participam. A repressão deve ser orientada, com energia e oportunidade, contra os líderes da agitação.

Se nos deixarmos iludir pelas aparências deliberadamente programadas pelo MCI, se tivermos a ingenuidade de crer que pode haver diálogo com líderes comunistas — que visam, não o atendimento das reivindicações exploradas para o incitamento das massas, mas, única e simplesmente, a subversão — cometemos o êrro da contemporização e de concessões contraproducentes a êsses líderes. E então, estaremos contribuindo para que êles consolidem e ampliem sua influência, continuem com a iniciativa das ações e coloquem as autoridades ante o dilema de novas e mais amplas concessões, pelo receio dos efeitos decorrentes da repressão contra a massa de "inocentes úteis".

A impunidade da minoria subversiva resulta sempre em perturbação da vida social, comprometimento do desenvolvimento do país, desestímulo às lideranças democráticas sob coação, aprofundamento da crise que ameaça as instituições e o regime, e em desprestígio para o governo, o que é capitalizado pelo MCI com apoio em intensa propaganda que desorienta a opinião pública.

— Finalmente, pretendemos haver deixado evidenciado que, nos países subdesenvolvidos, cujas vulnerabilidades são incontáveis, os comunistas acirram os ânimos das diferentes classes sociais em torno de justas reivindicações,

para firmarem sua liderança, e evitam qualquer prematura pregação ideológica.

Estimulam manifestações pacíficas da massa dinamizada sob pretextos aceitáveis e, iniciadas estas, destorcem-nas em suas finalidades e passam à agitação social, visando a:

- desprestigar as autoridades públicas, com base em sua inação ou nos seus excessos de autoridade;

- conquistar a opinião pública, valendo-se de todos os meios e artifícios e com apelos dirigidos mais aos sentimentos do povo do que à sua razão;

- desmoralizar as Fôrças Auxiliares empenhadas na repressão para, oportunamente, desprestigar e dividir as Fôrças Armadas;

- estimular a adesão de grupos econômicos e políticos descontentes;

- colocar o clero e a classe média em posição antagônica ao governo; e

- da união de estudantes, trabalhadores e intelectuais, reforçada por adesões indiscriminadas e em ambiente psicossocial próprio, criado pela guerra psicológica, generalizar a subversão e desencadear a guerra civil.

Deve ser bem compreendido que, com a ação do MCI, a URSS não visa a dominação comunista *imediata* sobre as nações democráticas. Na realidade, não lhe interessa ver, logo, o comunismo implantado na América pela tomada violenta do poder, particularmente devido às experiências obtidas na República Domi-

nicana, onde houve a intervenção da Fôrça Interamericana de Paz (FIP), e ao ónus que lhe acarreta a manutenção já pouco útil do abalado regime de Fidel Castro, em Cuba. Os soviéticos planejam a longo prazo. Alcançam resultados e, mantendo imutáveis seus objetivos, mudam apenas de tática, adaptando suas ações às realidades do país, com o que logram confundir a opinião dos desavisados.

Nos dias atuais, a URSS parece apenas interessada em implantar sólidamente o seu dispositivo no seio das nações democráticas, para que, futuramente, na devida oportunidade, possa vencer o bloco ocidental desencadeando a subversão generalizada, SIMULTÂNEA, em todos os países, o que lançará o caos no mundo democrático e impedirá uma intervenção eficiente das grandes potências aliadas.

Em trabalho que enviamos para publicação na Defesa Nacional, focalizamos como o esquema dos *comunistas* paralisou uma grande potência, a França, com rapidez, e como esse esquema poderá voltar a funcionar num momento de crise mundial, pois permanece intato. E esposamos a tese de que o quadro subversivo mundial deve ser encarado, com visão perspectiva sobre o futuro, sob o prisma da *segurança coletiva do hemisfério* e não, como até agora, como problema particular de cada governo, a ser resolvido por seus próprios meios e iniciativas.

O êxito dessa diabólica nova estratégia reside nos sucessos ini-

ciais obtidos pelos líderes da agitação, com a complacência de governos despreparados, ou ingênuos.

Inicialmente, o movimento subversivo pode ser neutralizado sem maiores esforços, se não fôr contido no nascedouro, poderá tornar-se incontrolável, à semelhança da bola de neve que se transforma em avalanche.

\* \* \*

Quando tentaram explicar a invasão da Tcheco-Eslováquia, os líderes comunistas apresentaram razões que, analisadas, demonstraram que os mais graves perigos, apontados como capazes de justificar aquela violência contra um país socialista, resumiam-se no surgimento de organizações de Frentes democráticas na Tcheco-Eslováquia. Um desses líderes, entrevistado pela imprensa e diante do argumento de que um clube (o 231), alguns panfletos (como o manifesto das 2.000 palavras), a ação de alguns mestres nas universidade e a liberdade de imprensa não podiam ameaçar o socialismo sob o respaldo da proteção soviética, respondeu: "Mas que ingenuidade!... O perigo não reside em cada qual isoladamente, mas na CONJUNÇÃO DÉSSES FATORES!"

**Essa opinião, dos criadores da estratégia do MCI, merece a nossa meditação, pois a CONJUNÇÃO DOS FATORES em nosso país, como nos demais países da A.L. é atordoante.**

Quem pode negar a vigorosa atuação do MCI, com inacreditável liberdade de ação?

Quem não pressente que os agentes do MCI atuam nas igrejas, nos colégios, nos meios intelectuais e artísticos, na imprensa, nos sindicatos, em todas as diversas associações de classe, na imprensa e, inclusive, em setores do Executivo, do Legislativo e do Judiciário?

Quem não tem consciência de que o nosso incondicional conceito de liberdades está nos conduzindo ao absurdo de permitir o fortalecimento de nossos inimigos, como se cultivássemos o sádico ideal de uma democracia suicida?

Quem não sente que o nosso povo já não agita bandeiras realmente nacionalistas e que nossos filhos, em muitos colégios, já não recebem lições de civismo, já não aprendem a cultuar nossos valores históricos, e estão sendo influenciados pelas lições insidiosas de mestres subversivos, que realizam um trabalho sistemático que visa a tornar desfibrados os nossos homens de amanhã?

Quem não sente que uma crise de descrença não combatida assola a nossa juventude, talvez devido ao comportamento dirigido de mestres comunistas?

Quem não percebeu que os comunistas fazem a propaganda do internacionalismo e combatem o civismo no seio da juventude porque, com exemplar capacidade de planejamento para o futuro, já equacionaram que o nacionalismo dos povos será o mais decisivo obstáculo contra a hegemonia soviética sobre o mundo?

Quem não percebe como os nossos inimigos, subestimando a

nossa inteligência, o nosso bom-senso e a nossa capacidade de reação, estão levando sua audácia ao extremo de nem disfarçarem mais os seus propósitos e de achincalharem com pronunciamentos públicos as nossas mais caras tradições, as nossas Fôrças Armadas e as nossas instituições, escudados em imunidades, ou na certeza de uma incompreensível impunidade?

Para muitos parece um êrro que os comunistas estejam se manifestando tão abertamente, como se estivessem dispostos a provocar-nos.

Entretanto, essa provocação obedece a uma estratégia inteligente, que se baseia na certeza de não existênciade uma estratégia bem definida de nossa parte.

O MCI está capitalizando sobre o êrro fundamental da nossa reação desorganizada.

Ele provoca, para forçar ações isoladas que o reforçam. Provo-ca, porque sabe que terá apoio no Parlamento e de certa imprensa, a simpatia dos não esclarecidos e o "habeas corpus" que garantirá a liberdade de seus agentes.

O MCI provoca e ofende, exata-mente para gerar revolta no seio dos bem intencionados, que constituem a maioria, mas uma maio-ria ainda desorganizada, sem doutrina de ação, por falta de uma estratégia defensiva global.

O MCI sabe o que faz e tem um objetivo definido, com essas provocações na conjuntura atual:  
— A divisão das Fôrças Armadas.

De fato, em tóda a A.L., os elementos democratas estão preoc-upados, querem ação imediata, e o MCI espera que os jovens bem intencionados, acreditando na falta de energia do governo e na apatia dos chefes, organizem-se em grupos de reação, que agirão na clandestinidade ou que se articularão sob lideranças que, fortalecidas, colocarão em perigo o regime constituido, ou, pelo me-nos, acabarão por chocarem-se com as Fôrças legais, como se estivessem, por ideal, em campos opostos.

Não vou alongar-me sobre isso. Deixo o problema à meditação dos senhores, pois parece muito clara a forma como poucos e frágeis elementos, com suas provocações, poderão levar o povo à desunião e até ameaçar o regime. Não pela força do MCI, mas pela intel-i-gente estratégia e à custa da imprevidência e dos erros das autoridades públicas.

Por esse meio não há dúvidas de que os comunistas não chegarão ao poder, de imediato, mas a tensão atua sobre a opinião pú-blica e a nação ficará paralisada, ou entrará em retrocesso, ou será convulsionada por uma guerra fratricida, e o MCI terá ganho mais uma batalha para impedir ou retardar o progresso do país, não pela ação de Exércitos, mas lançando o povo contra o próprio povo, numa fase mais avançada, em que já logrou desunir o seu mais temível e tradicional obstáculo, que são as Fôrças Armadas.

\* \* \*

O país necessita urgentemen-te de uma estratégia nova face

a uma nova forma de guerra e essa responsabilidade recai, em primeira instância, sobre os chefes militares.

Do estudo de situação objetiva surgirá a estratégia de ação em suas linhas básicas.

Definindo "o que fazer" e "onde fazer", chegaremos à fase mais delicada de "como fazer" e ao enfrentarmos essa fase, definiremos o quanto estamos evoluídos, ou ainda atrasados como povo que se orgulha de ser civilizado. O primeiro impulso será o de agir com radicalismo e violência, pelos processos tão tradicionais na A.L. e na Ásia.

Entretanto, estamos em pleno curso de uma Revolução irreversível e a solução pode ser encontrada pela organização, pela exata definição da estratégia, dentro da lei e da ordem. Mediante arregimentação de democratas capazes para orientarem as ações em cada campo especializado; pelo esclarecimento amplo da opinião pública sobre a nova guerra a que estamos sendo submetidos e a necessidade de maior rigor na aplicação das nossas leis pela punição ou pronto afastamento dos inimigos da pátria, estejam êles onde estiverem, seja qual for a sua profissão ou categoria social.

O MCI não pode ser combatido pura e simplesmente pela represão violenta indiscriminada e quase sempre contraproducente. Sua estratégia explora inteligentemente o setor psicológico e o subdesenvolvimento e só pode ser neutralizada por outra estratégia igualmente inteligente, que con-

sidere o campo psicológico, ou seja, a opinião pública, e que se fundamente em medidas políticas preventivas, no exato cumprimento do dever pelas autoridades, num inflexível combate à corrupção em qualquer nível onde se manifeste e na comprovação da disposição das autoridades de beneficiar o povo e, com seu apoio, superar com energia os resquícios de nosso subdesenvolvimento.

Estamos, hoje, diante de um grande desafio e na encruzilhada que definirá a futura projeção da nossa Pátria.

Para estarmos à altura de nossa missão, no momento atual, precisamos agir UNIDOS! Com ponderação e discernimento. Com firmeza e oportunidade. Com disciplina e confiança. Com método e objetividade. Com eficiência e serenidade. Escudados em nosso dever e na certeza da nossa justa causa. Como um povo agredido, que se defende orientado por seus líderes e obediente a uma doutrina ou estratégia de ação eficaz e integrada.

A guerra não foi formalmente declarada, mas foi desencadeada e isso nos impõe que estejamos à altura das nossas responsabilidades e que encaremos a realidade como ela se apresenta, para que possamos planejar primeiro e executar em seguida as ações que preservarão a segurança e o desenvolvimento de nossa Pátria e o direito à liberdade das futuras gerações.

A geração de hoje, num momento sombrio de nossa história, encontra-se ainda em condições

de agir com oportunidade e esta oportunidade não pode ser desperdiçada pela nossa passividade, o que equivaleria a uma renúncia de nossa inteligência, de nossa soberania e da nossa fé nos destinos do Brasil.

Com êste estudo, não pretendemos haver esgotado todos os

ângulos do problema, mas, apenas, contribuído com uma parceria para os estudos conjuntos que, sem dúvida, serão realizados pelas autoridades competentes, no sentido da definição de novos planos e da estratégia de que tanto carecemos.

## ASSEMBLÉIA-GERAL DE A DEFESA NACIONAL

Em 13 de dezembro de 1968, foi decidido pela Assembléia-Geral, modificar o Art 31 dos Estatutos, extinguindo o cargo de Diretor-Geral e criando os de Diretor Administrativo e Diretor Tesoureiro, para os quais foram eleitos por aclamação, o Gen Div R-1 JOÃO GAHYVA e o Ten-Cel (Ref) JOÃO CAPISTRANO MARTINS RIBEIRO.

Foi exonerado, a pedido, do cargo de Redator, o Ten-Cel Art Dávio Ribeiro de Farias e eleitos para o mesmo cargo o Ten-Cel Prof Pedro Wandeck de Leoni Ramos e o Ten-Cel Inf Brasil Ramos Caiado Filho.

Na mesma ocasião, foi decidido ainda, nomear uma Comissão constituída pelo Gen Div R-1 João Gahyva, Cel Art José de Sá Martins, Ten-Cel Prof Pedro Paulo Wandeck de Leoni Ramos e Ten-Cel (Ref) João Capistrano Martins Ribeiro, para proceder à revisão dos Estatutos.

# **SEGURANÇA NACIONAL — CONSIDERAÇÕES GERAIS**

**GERALDO KNAACK DE SOUZA**  
Cel Cav

## **1 — Resumo histórico**

O antigo problema de segurança das comunidades, garantia da soberania contra o jugo de um poder externo, bem como a falência de sua solução nos moldes da segurança individual, baseado em um direito das comunidades à semelhança dos direitos individuais, é assinalado pela História, desde a mais remota antigüidade.

Pode-se verificar, entretanto que, até a II GUERRA MUNDIAL, três foram as principais formas de estabelecer a segurança: a de preponderância do poder, a isolacionista e a associativa; com predominância para as duas primeiras, porque a última era de caráter mais transitório. Uniam-se os povos para enfrentar um inimigo mais forte, que nunca se poderia ver entre êles, tão logo era afastado o perigo desfazia-se, de alguma forma, a associação.

Entre as duas guerras mundiais, foram feitas várias tentativas para estabelecer um sistema de segurança associativa que, sendo permanente, seria elemento decisivo para evitar as guerras.

Era a idéia da segurança coletiva que se estava formando e que era, também, em "última ratio",

a razão de ser da LIGA DAS NAÇÕES.

Muitos fatores impediram-na de ir avante, principalmente, o recrudescimento e a intensificação do nacionalismo, verificado na EUROPA após 1918.

A idéia da segurança coletiva, visando a impedir ou suprimir a agressão, garantir a integridade territorial, promover o desarmamento, induzir as nações a resolverem seus conflitos sem a utilização do recurso à guerra, terminou sendo considerada mais uma controvérsia entre as nações da EUROPA, onde naquela mesma época, proeminentes Chefes de Estado agiam em sentido oposto e faziam peremptórias declarações sobre a inevitabilidade da guerra e até sobre a proximidade da mesma. Seu conteúdo político estava esgotado. Não atendia mais aos interesses de certas potências.

A II Guerra Mundial trouxe importantes modificações para o problema de segurança. Primeiro, porque fêz aparecer mais um elemento para o seu equacionamento, a bomba atômica, inicialmente sob o controle de um único Estado; segundo, porque evidenciou a crescente interdependência entre as nações.

Convém assinalar que, desde então, em determinadas nações, em face do crescimento dessa interdependência, como decorrência de várias circunstâncias, os aspectos relativos à segurança interna passaram a ter significativa importância, no quadro global da segurança nacional.

As nações reconheceram, de modo geral, que a segurança de cada uma dependia, em maior ou menor grau, da segurança das outras e o sistema de segurança coletiva tomou corpo, animado pela idéia da permanência da associação, em defesa de seus membros, contra qualquer agressão, mesmo feita por outro associado.

Não faltaram pensadores, para eliminarem das formas de estabelecimento da segurança nacional — o isolacionismo — por considerarem-no utópico, no mundo de hoje.

Em resumo, as formas de estabelecer a segurança nacional podem ser grupadas em quatro tipos principais: **segurança pelos próprios meios; equilíbrio do poder; preponderância do poder e segurança coletiva.**

O primeiro, o da segurança pelos próprios meios, utiliza exclusivamente o Poder Nacional para defesa isolada da nação. Admite, entretanto, auxílio ocasional, desde que este não interfira na atitude normal de isolamento e neutralidade em face de outras disputas externas.

**Exemplo:** Estados Unidos da América antes da II Guerra Mundial.

O segundo, **equilíbrio do poder**, resulta de um sistema de alianças, visando a um equilíbrio de

fôrças em face de outro Poder (nação ou grupo de nações), cuja predominância constitui uma ameaça. Foi, na realidade, a única forma de segurança associada, praticada até aquêle segundo conflito mundial.

**Exemplo:** O sistema da OTAN e o Pacto de Varsóvia, etc.

O terceiro, **preponderância do Poder**, é baseado em que a segurança só estará realizada se forem dominadas as áreas externas, consideradas como necessárias à segurança da nação.

**Exemplo:** O Império Britânico de ontem e o expansionismo soviético durante e após a II Guerra Mundial.

O quarto, **segurança coletiva**, é caracterizado pela ação comum de um grupo de países, em defesa de qualquer membro vítima de agressão, mesmo que esta violência seja cometida por outro membro da aliança.

**Exemplos:** Quase todas as alianças estabelecidas após o último conflito mundial, destacando-se a segurança adotada pelos Estados Unidos da América.

Convém notar que, jamais, qualquer nação adotou um sistema de segurança, enquadrado exclusivamente em um único desses tipos. Talvez possamos dizer que, em determinada conjuntura, segundo **seus interesses, utilizaram principalmente um deles, pois todos** apresentam vantagens e desvantagens e o sistema de segurança não deve ser estabelecido segundo normas rígidas.

Hoje, as considerações para o estabelecimento da segurança va-

riam mais do que ontem. Duas grandes frentes, a interna e a externa, devem ser consideradas em todos os seus aspectos.

O estabelecimento da segurança nacional, colimando Objetivos Nacionais e na dependência do Poder Nacional, incluída neste Poder, a capacidade de associação a outros Poderes é, obviamente, peculiar a cada nação, conforme o entendimento geral, bem registrado, por exemplo, por Padelford e Lincoln:

"Segurança pode significar coisas diferentes para povos diferentes. Para uns, significará a garantia do "status quo". Para outros, só poderá ser obtida, pela expansão territorial, pela conquista de um império ou submissão de outras nações ou outros povos".

## 2 — Elementos básicos da segurança

Os diversos conceitos de Segurança Nacional permitem que verifiquemos alguns elementos comuns ao entendimento geral do problema pelos Estados, embora a segurança possa ter significação diferente para cada um.

A Encyclopédia Britânica registra: — "Segurança Nacional significa comumente a segurança da nação contra o perigo da subjugação por um poder externo" — permitindo interpretá-lo como sinônimo de garantia da soberania, ou seja, do direito da nação auto-determinar-se; isto é, de agir norteada pelos seus objetivos vitais,

contra um poder que, situado fora do país, tanto poderá atuar na área externa, quanto na interna.

Esse conceito indica a soberania como o grande objetivo a ser mantido.

A Lei de Defesa Nacional da Argentina (Lei n.º 16.970, de .... 10-X-66) que assim define: .....

"Segurança Nacional é a situação na qual os interesses vitais da nação se acham cobertos de interferências e perturbações essenciais"

ressalta dois elementos: os interesses vitais da Nação a serem protegidos e as interferências de perturbações essenciais, sendo esse último bem mais geral que o da conceituação anterior, por não fixar como elemento adverso um poder externo. Admite, em consequência, perturbações sobre o poder desses elementos contrários aos interesses vitais da nação.

Walter Lippmann afirma que:

"... uma Nação dispõe de segurança na medida em que não corre perigo de ter de sacrificar seus objetivos vitais para evitar uma guerra ou é capaz de mantê-los mesmo que, para isso, tenha de vencer uma guerra" permitindo distinguir, também, objetivos vitais e um adversário, como elementos fundamentais, embora de modo menos abrangível que nos conceitos anteriores.

Entre nós, o Dec-lei n.º 314, de 13 de março de 1967, define:

"Art. 2.º — A segurança nacional é a garan-

tia da consecução dos objetivos nacionais contra antagonismos externos e internos”

caracterizando, precisamente, dois elementos — os objetivos e os elementos que se opõem à consecução dêles. Esta definição é também geral, quanto à origem do poder adverso.

Se tomássemos outras definições ou conceitos, assinalariam, sem dúvida, objetivos cuja consecução e manutenção devem ser garantidas e elementos adversos a que êsses mesmos objetivos sejam alcançados ou conservados.

### 3 — Doutrina de Segurança Nacional

A atitude perante a vida tomada pelos povos condiciona, basicamente, sua doutrina política.

A Doutrina de Segurança Nacional componente da Doutrina Política Nacional, não foge à regra. Ambas estão indicadas e contidas na Constituição e nas Leis existentes.

As explicações sobre as mesmas, normalmente, encontram-se nos livros dos estudiosos de ciência política que delas extraem a teoria pura, nos estudos exegétas das mesmas, ou, ainda, nos documentos das escolas de alto nível.

Um corpo de doutrina, normalmente, compõe-se de conceitos, princípios, métodos de raciocínio e métodos de trabalho.

#### 3.1 — CONCEITOS

Consideremos um conceito de Segurança Nacional.

“Segurança Nacional é o grau relativo de garantia, que, através de ações políticas, econômicas, psicossociais e militares, o Estado proporciona, em determinada época, à Nação que jurisdisiona, para a consecução ou manutenção dos Objetivos Nacionais, a despeito dos antagonismos ou pressões, existentes ou potenciais”.

Esta concepção de Segurança Nacional é válida, tanto para a área interna quanto para a externa. Ela é unitária, o que não significa que incida sempre da mesma forma e natureza e em igual intensidade, nessas duas áreas.

Em consequência, podem ser admitidas as expressões segurança interna e segurança externa, conceituadas assim:

“— Segurança Interna, integrada na Segurança Nacional, diz respeito aos antagonismos ou pressões, de qualquer origem, forma ou natureza, que se manifestem ou produzem efeito no âmbito interno do País.”

“— Segurança Externa, integrada em Segurança Nacional, diz respeito aos antagonismos ou pressões de origem externa, de qualquer forma ou natureza, que se manifestem ou possam manifestar-se no domínio das relações internacionais.”

Este conjunto representa o que poderemos chamar de Conceituação de Segurança Nacional ou, simplesmente, de Conceito de Segurança, que, comparado com os expostos no Decreto-lei n.º 314, em nada diferem, a não ser quanto à redação mais extensa.

O que importa observar neste conjunto, é que, além daqueles

elementos comuns a todas as concepções de segurança nacional — objetivos a serem alcançados ou mantidos e elementos que se lhe opõem-a conceituação acima, ainda considera nitidamente, as duas grandes áreas, interna e externa, onde a Segurança Nacional, encarando especificamente nosso País, poderá ser exercida.

Aqui, uma primeira definição nítida do enfoque que temos do problema. Países há em que se não encontra qualquer menção à área interna nos documentos que tratam desse assunto. É uma decorrência de sua condição particular.

Como outra peculiaridade desta conceituação, podemos ressaltar três idéias fundamentais nela contidas: a da limitação da Segurança; a da ligação das medidas de segurança ao tempo e a da antecipação.

A primeira está fundamentada em nossa atitude pacifista e torna bem clara a idéia do mínimo indispensável para as medidas de segurança, no entendimento também, de que se não deseja desviar, desnecessariamente, recursos a serem aplicados para o desenvolvimento, que, por sua vez produzirá segurança. É outra visão do problema, por outro ângulo, que indica mais um condicionamento de como pretendemos solucioná-lo e que permite, de certa forma, fazer previsões, sobre os térmos de nossas possíveis linhas de ação, muito em particular, na área externa.

A segunda caracteriza o aspecto dinâmico que damos ao problema da Segurança Nacional. Ela

permite entender que o nosso pacifismo não é passivo, mas, ao contrário, é atado às condições da época, que por serem variáveis e, hoje, surpreendentemente rápidas, exigem vigilância ativa, a justificar a existência de estrutura específica e permanente, como na realidade existe, indicando a idéia da providência de segurança oportunista.

A terceira, em harmonia com as anteriores, obriga-nos à antecipação, por levar-nos a considerar simples antagonismos em potencial, elementos que, por definição ainda são previsíveis e não dispõem de poder. Insinua resposta enérgica, vigilância, prudência e, ainda, planejamento como método de trabalho.

### 3.2 — PRINCÍPIOS

A análise, mesmo superficial, da conceituação de segurança nacional exposta, mostra-nos a sua filiação ao realismo moderado.

Nela notam-se dois princípios básicos: realismo e prudência, que poderão dar origem a vários outros.

Isto significa que ela deve estar de acordo com as condições gerais da época em que vivemos e com as nossas próprias condições. Não deve ser fruto de puro idealismo ou de fantasia.

A aplicação da doutrina, quando se vai estabelecer e executar a Política de Segurança Nacional exige, principalmente:

- elevados conhecimentos gerais
- conhecimento tão exato quanto possível, da situação

— experiência  
— método de trabalho  
pois, caso contrário, não podermos agir com prudência, que consiste principalmente em: não hesitar, não se precipitar, não negligenciar e não esmorecer.

#### 4 — Conclusões

Parece evidente que uma doutrina de Segurança Nacional, não é uma peça de um conjunto que possa ser isolada e transplantada, inteiramente, de uma nação para outra; sem adaptações sérias. Ela é basicamente, função da atitude perante a vida, tomada pelo povo

de uma nação e também das condições existentes em determinada época, tanto na área interna, quanto na externa.

Uma doutrina de Segurança Nacional para o Brasil deve estar em harmonia com a índole de nosso povo — pacífico, apreciador da justiça e amante da liberdade — ser suficientemente flexível e estar em sintonia com as nossas disponibilidades atuais e previsíveis possibilidades, no quadro dinâmico das conjunturas internacional e nacional.

Ela deve ser dinâmica — democrática e nacional — realista e flexível.

### A DEFESA NACIONAL ASSINATURAS

**Qualquer pessoa categorizada ou entidade civil pode tomar assinatura desta Revista, que se sentirá prestigiada com isto.**

**Para fazê-lo, bastará comunicar-se com a Secretaria da Revista, indicando nome e endereço (para remessa) e enviando cheque ou vale postal correspondente à assinatura desejada (anual — NCr\$ 5,00).**

# *A HISTÓRIA, A GEOGRAFIA E O PODER NACIONAL*

RUI VIEIRA DA CUNHA

## 1 — INTRODUÇÃO

## 2 — CONCEITOS

### 2.1 — Poder Nacional

### 2.2 — Geografia

### 2.3 — História

### 2.4 — Geopolítica e Geo-história

## 3 — RELACIONAMENTO

## 4 — CONCLUSÕES

### 1 — Introdução

Em qualquer debate concorrente aos problemas de uma Política Nacional, os argumentos enraizados na Geografia e na História vêm, imediatamente, à tona, por quanto os próprios Objetivos Nacionais Permanentes se configuram à luz espaço-temporal. O estreito laço entre as posições adotadas nesses setores científicos e a adesão às aspirações nacionais, ou sua recusa formal ou dissimulada, é flagrante na repercussão sobre a atividade prática dos indivíduos.

O fato geográfico e o histórico são reconhecidos como influências, de maior ou menor grau, a ponderar em todos os setores qualificados pela presença do fator humano. Mas, ao contrário, nem sempre se enfatiza devidamente a relevância do correspondente pen-

samento científico como instrumento de ação, quer elucidando os temas com correção, quer discriminando fundadas alternativas prospectivas para os investidos da competência decisória na vida prática. Em consequência, não é rara exceção o dilettantismo audaz ser encontrado na base de opções vitais ou ser invocado para delinear modelos-padrões, onde só por acaso se rastreia a manipulação consciente de uma metodologia científica.

O intuito desta palestra é, precisamente, ensaiar uma revisão crítica, em plano doutrinário, do vínculo existente entre Geografia, História e Poder Nacional. Este último, em virtude dos objetivos dos trabalhos da Escola Superior de Guerra, constituirá o ponto referencial.

Entendemos, por outro lado, que a fixação correta dos concei-

tos a serem empregados é a chave para responder, claramente, à investigação suscitada, dentro de um esquema histórico-cultural.

## 2 — Conceitos

### 2.1 — Poder Nacional

Considera-se Poder Nacional "a expressão integrada dos meios de toda ordem de que dispõe efetivamente a Nação, numa época considerada, para promover, sob a direção do Estado, no âmbito interno e externo, a consecução e a manutenção dos Objetivos Nacionais".

O primeiro exame do conceito logo revela que gira em torno de características essenciais: sentido instrumental, caráter de relatividade, concepção integrada, esfera de atuação, competência executiva.

Vale aqui ressaltar o aspecto da integração do Poder Nacional, que se manifesta nos campos econômico, político, militar e psicosocial. Essa divisão, de caráter didático, não implica em admitir um fracionamento real, pois não se trata de parcelas com fração correspondente das condições peculiares ao todo. É, em suma, uma categoria lógica e não ontológica. Daí as palavras de Lord Bertrand Russel:

*"Tentar isolar qualquer uma das formas do Poder — e, de modo especial, em nossos dias, a forma econômica — tem sido, e ainda é, uma fonte de erros de grande importância prática".*

A noção de Poder Nacional, ademais, evidencia que, como

qualquer outra envolvente do elemento humano, se inscreve dentro das coordenadas de espaço e tempo. A percepção exata dessa relatividade aparece fundamentada com os subsídios fornecidos pelos componentes ramos específicos do saber.

A observação das expressões do Poder Nacional, nos quatro campos citados, demonstra que os fatores geográficos e históricos estão sempre presentes, como já foi oportunamente analisado. Não sendo nosso fim repetir tais verificações, mas, sim, empreender o estudo do relacionamento do pensamento científico histórico-geográfico na determinação interpretativa do conteúdo do Poder Nacional, cumpre delimitar seu alcance. As oscilações aí ocorridas merecem atenção, porquanto muitas falhas de julgamento defluem da simples insistência habitual do apêgo a entendimentos de uma Geografia e de uma História há bastante ultrapassadas. Como diziam os feudistas, "*le mort saisis le vif*"...

O atual conceito científico da Geografia está longe da mera descrição da superfície terrestre, como resulta da aproximação etimológica, para se filiar à busca de causas e efeitos de fenômenos. Define-a o Professor Gastone Imbrighi da Universidade de Roma, como *"a ciência que estuda a distribuição regional e a coordenação espacial dos fatos físicos e humanos manifestando-se sobre a superfície terrestre e nos espaços marítimos, considerados em suas causas, em seus efeitos e nas relações de interdependência e co-*

nexão, e delineando, em particular, aspectos típicos da paisagem".

Aí temos consubstanciada uma longa evolução do pensamento geográfico, que êsse mestre italiano, que aqui reproduzimos, sintetizou sob uma perspectiva ocidental. A Geografia nasceu na Grécia, significando a representação da terra através de um mapa, para também abarcar, mais tarde, sua descrição mediante palavras. Quando o objeto da descrição era uma região limitada, tratava-se de coreografia, térmo ainda hoje empregado.

No segundo milênio a.C., a *Híada* e a *Odisséia* retratam vagos traços do conhecimento geográfico, que se ampliaria com as explorações mediterrâneas dos cretenses (século XV a.C.), micêniros e fenícios, e, sobretudo, com a expansão grega nos séculos VII-VI a.C. Anaximandro de Mileto, discípulo de Tales, traçou o primeiro mapa do mundo e, na apreciação das idéias a respeito da terra, elaborou a imagem do ecumeno (terra habitada): uma ilha que emergira das águas circundantes quando estas minguaram sob o efeito dos raios solares. Tal mapa foi, no século VI a.C., aperfeiçoado por Ecateu, que agregou um comentário descritivo abrangente, inclusive, dos novos territórios entremesmos conhecidos, falando dos citas, etíopes, celtas e hindus. A ênfase de Anaximandro sobre a execução da carta se transforma, em Ecateu, na consideração geográfica, científica e prática, do debuxo de países e povos.

Heródoto (485-430 a.C.) foi mais corógrafo do que geógrafo, mais interessado em países singulares do que em síntese gerais, enquanto Aristóteles (segunda metade do século VI a.C.), fundamentalmente genérico e especulativo, nem sempre se subordina aos fatos observados, embora autor de contribuições astronômicas e cosmológicas com base na esfericidade da terra, teoria que vingou, no século V a.C., com a escola pitagórica. Parmênides (513-440 a.C.) deu os primeiros passos para a climatologia e o matemático Eudóxio ensaiou medir o globo. Os horizontes se alargam, ao mesmo tempo, com as navegações, mórtemente na segunda metade do século IV a.C., com Pitácia e o célebre périplo de Haron, estudado por José Bonifácio. Graças a Dicearco de Messina (circa 300 a.C.) foi composto novo mapa ecumônico, referido ao famoso diafragma, isto é, um paralelo central de O a E, subsidiado por outros secundários.

O estudo da totalidade dos fenômenos do globo terrestre foi colocado no campo geográfico por Eratóstenes de Cirene (284-203 a.C.), autor do primeiro verdadeiro tratado sobre a matéria. Com discernimento científico na exposição, ele nos oferece elementos de geografia matemática e física geral, de geografia descritiva regional com referências humanas. Aristarco de Samos foi um precursor copernicano, numa época em que se meditava, com audácia, sobre o sistema solar. Possidônio de Apaméia (ca. 140-65 a.C.) se dedicou ao oceano e seus fenôme-

nos, e, estudioso de geografia física e meteorologia, é tido como precursor da Antropogeografia. É um período áureo da Geografia antiga, sem dúvida, malgrado os adversários que iriam criticar Eratóstenes, como Hiparco de Niceia (c. 190-125 a.C.), um dos maiores astrônomos gregos, e o estoico Cratete de Malo.

Entre os romanos, as preocupações pragmáticas ofuscaram as científicas. A obra político-administrativa de Augusto propicia a coleta de informações geográficas. Seu colaborador Agripa fez gravar, num pórtico de Roma, um mapa integral do mundo conhecido, em particular do Império. São marcantes as contribuições de Estrabão, Pompônio Mela e Plínio o Antigo relacionando características étnicas, sociais e culturais dos respectivos povos. Estrabão vale como síntese do conhecimento geográfico da época, propiciando seu confronto com Eratóstenes as diferenças de enfoque entre romanos e gregos. No século II d.C., viveu Martino de Tiro, cuja obra magna, um mapa do mundo, só nos chegou através de Ptolomeu. Este, principalmente, foi um astrônomo, consolidador do sistema cósmico geocêntrico e divulgador da medida da circunferência terrestre (180.000 estádios), alcançada por Possidônio e bem inferior à real.

A quebra da **pax romana**, assegurada pelo estado universal, vai dificultar as relações entre os povos. Submetido a um círculo progressivo, o Ocidente se enclausura, e, simultaneamente, pensa de forma teocêntrica. O riquíssimo

simbolismo cristão embebe todas as manifestações culturais, que, após a revolução antropocêntrica renascentista, se volvem cada vez de mais difícil inteligibilidade aos homens alheados a esse esquema mental. Nessa linha simbólica se inscrevem, por exemplo, os mapas mundi circulares, tendo Jerusalém por centro, e os monumentos arquitetônicos planejados como transcrição de mapas celestes, como o Castelo de Gisors, fortaleza situada em ponto militarmente vital, ao tempo, do Vexin.

As descrições geográficas, por outro lado, tirados os capítulos do bestiário e dos símbolos, são áridas, tendendo a reduzir-se a róis enumerativos de países, povos e cidades. Santo Isodoro de Sevilha (336), São Beda Venerável (733 ?) e Rabano Mauro (século IX) são os pontos altos, mas sem comparar-se à vasta literatura geográfica árabe, quase por completo ignorada no Ocidente. Gervásio de Tilbury (século XIII), Alexandre Neckam (1157-1217), Alberto Magno (1206-1280), Vicente de Beavais (ca. metade século XIII), Roger Bacon (1214-1294) e Ristoro d'Arezzo, todos, escrevem fundados na doutrina aristotélico-ptolomaica, (princípios físicos de Aristóteles e sistema cósmico de Ptolomeu), harmonizada com a Teologia Cristã. A observação geográfica é abandonada e os dados dos viajantes (Pian del Carpine, Rubruck, Oderico da Pordenone e Marco Polo) são alvo de incredulidade.

A renovação cartográfica principia no século XIV. O termo cosmografia se torna corrente e com

éle deparamos no livro do humanista Enéias Silvio Piccolomini, o Papa Pio II (1458), intitulado *História rerum ubique gestarum locorumque descriptio*.

Os descobrimentos, nos séculos XV e XVI, implicam uma etapa revolucionária: Estrabão e Ptolomeu ficam em moda; a cartografia alcança, no século XV, novo auge, com Leonardo da Vinci, Fi-neo, Gastaldi, Apiano e Mercator; a geografia descritiva ressurge com Sebastião Münster (1554); Kepler, Copérnico e Galileu estruturam o sistema heliocêntrico... Em Varênia (1650), p. ex., a Geografia aparece com seus fenômenos claramente divididos em celestes, terrestres e humanos.

A partir do século XVI, a geografia matemática recebe outros rumos, com Sanson, Cassini, De-lisle e d'Anville. Na centúria imediata, N. Stenoni, fundador da estratigrafia, dá o impulso inicial à geologia. No século XVIII, vige a tendência a relegar a Geografia à posição de mero disciplina auxiliar das novas ciências econômicas, sociais e estatísticas, perdendo o caráter da ciência de observação e mutilado seu conteúdo. Mas no XIX recupera seu prestígio, retomadas as grandes explorações — Cook, Niebuhr, Pallas, Bruce, Nansen, Peary, Ross, Amundsen, Challanger (pioneiro da moderna oceanografia)... Oscar Peschel (1826-1875) é o expoente na afirmação da biogeografia. O terreno da Geografia é demarcado por Giuseppe Dalla Vedova (1834-1919): distribuição e correlações causais entre as formas, os fenômenos e os seres vivos.

Importa salientar que o filósofo Emmanuel Kant (1724-1804) lecionou Geografia Física na Universidade de Könisberg, de 1756 a 1796, e metodizou a Geografia em bases teleológicas, universais, conforme seu sistema idealista, influente em Humboldt e Ritter.

Alexandre Humboldt (1769-1859) foi o primeiro grande viajante-geógrafo, interessado em morfologia terrestre, climatologia, geografia, botânica e política. Suas "indagações comparativas dos fenômenos" restam como alicerces da Geografia. Consciente da valorização do homem como ser geográfico, sua orientação metodológica era, preferencialmente, voltada para a distribuição espacial dos grupos e fatos da mesma natureza, e, no campo biológico e humano, para as relações entre a vida orgânica e a superfície inorgânica da terra.

Karl Ritter (1779-1859) considerava a Geografia antropocêntricamente, isto é tendo o homem centro da natureza e acentua a grande importância do assunto no ensino. Adotava o conceito de regiões naturais na investigação da causalidade dos fenômenos geográficos, antes do que o de regiões políticas, concorde com sua visão filosófica de uma continuidade natural universal, insusceptível de ser parcelada para estudo.

Bem diversa foi a atitude de Friedrich Ratzel (1844-1904), influenciado pelo transformismo de Darwin. Desenvolveu as idéias de Ritter em sua *Antropogeografia*, na qual fixava, sistemáticamente, todos os aspectos da superfície da terra relacionados com o ho-

mem, e foi atraído para a geografia política em bases deterministas, gênese da teoria geopolítica. Acolhendo o conceito de Estado como organismo, situava seu aspecto geográfico na relação do Estado com o solo. O Estado, evoluindo à proporção que extraído solo seus recursos, é uma área limitada e localizada a ser descrita, medida e comparada científicamente.

Hoje, como frisa Imbrighi, a Geografia estuda e descreve, científicamente, a paisagem geográfica, síntese abstrata da visível. Constituem-na pequeno grupo ou poucos grupos de elementos típicos que delineiam as grandes formas fisionômicas da superfície terrestre, em consequência de fatos determinados pelo clima, pela morfologia, pela hidrografia, pela vegetação, etc. Em 1933, Hassinger propôs um esquema de classificação em 43 tipos de paisagem (*Landschaftstypen*), baseado no ensaio de Passarge, enquanto R. Biasutti, em 1947, descreveu os principais tipos com referência à vida e atividade do homem.

Semelhante idéia de paisagem, por sinal, está no âmago da expliação histórica empreendida, desde antes da II Guerra, por um conjunto de pensadores europeus orientais, como Alexandre Gallus e Michel von Ferdinandy.

### 2.3 — História

É comum distinguir-se uma tríplice forma expositiva na História, conforme um esquema clássico de Bernheim, inspirado por Leibnitz e acompanhado por Bauer. É semelhante à classifica-

ção de Hegel, mas tem sofrido impugnações de monta, como a de Huizinga, que a taxa de ilógica, fonte de erros e inoperante... Para o simples bosquejo de interesse no contexto desta conferência, entretanto, é utilizável sem maiores inconvenientes.

a) A História narrativa volta-se para o registro de fatos ou acontecimentos julgados extraordinários. Os sucessos arqueológicos da última centúria trouxeram-nos ponderáveis fragmentos da espécie, cujo mais remoto exemplar até então conhecido era o Velho Testamento, particularmente o Pentateuco. Na Grécia, os escritores que se davam ao gênero, abrangente de lendas e mitos, eram denominados logógrafos ou prosadores, em oposição aos poetas. O máximo representante é Heródoto (480-425 a.C.), batizado o *Pai da História* por Cícero. A norma de fidelidade e o método revelador de tendências críticas ressaltam em seu panorama mental, onde a História emerge como o drama do conflito Ocidente-Oriente.

b) Na História pragmática a atenção é despertada pelas forças atuantes — ela não se deve restringir a uma narrativa verdadeira, mas deve ensinar e edificar. Seu iniciador foi Tucídides (460-400 a.C.), que afirmou a reversibilidade dos fatos históricos, valorizou os aspectos sociais e econômicos, e salientou a estratégia da guerra como um fenômeno da História. Aí se enquadram Tito Lívio (59 a.C. — 17 d.C.) e Tácito (55-117), notável sem embargo de sua parcialidade.

O Cristianismo agregou a idéia da universalização da História, como se evidencia nas tentativas do porte de Santo Eusébio (ca. 260-340 d.C.), Santo Agostinho (354-430 d.C.) e Paulo Orósio. A época dita medieval mais se notou pela transmissão de textos, graças aos copistas monges beneditinos, malgrado a obra de São Beda Venerável e o surgimento, em Portugal, do já rotulado o "maior cronista de tódas as épocas e nações", Fernão Lopes (1380-1460). No século XVI, João de Barros (1496-1470) concretizou a idéia cristã da universalização histórica, enquanto o espírito erudito renascentista se manifestou na fundação das ciências auxiliares: a paleografia com o jesuíta Jean Bolland (1596-1665); a diplomática com D. Jean Mabillon (1623-1707); a ironologia com J. S. Scaliger (1540-1609)...

Decisivas foram as influências de G. W. Leibnitz (1646-1716), com as noções de continuidade e do processo genético na sociedade humana, e de Giambattista Vico (1668-1744), que impugnou a gnoseologia cartesiana, avésse à História como ramo do saber. Derivadas do pensamento de Voltaire (1694-1778), doutóra parte, surgiram a secularização da História, em luta com a concepção de Bossuet, e o conceito de progresso ou evolução.

O racionalismo não se desapegou da forma pragmática, elevada com o Barão de Montesquieu (1689-1755) e Edward Gibbon (1737-1794). O marco da mudança foi J. G. Herder (1744-1803) — a História é "o drama interior da humanidade", importando no ho-

mem não a pura soma de seus atos, mas a dinâmica do sentir. Começavam com êle, ensina Ernst Cassirer, o historicismo e o relativismo históricos.

Como século XVIII, viu-se na História uma filosofia ensinada por exemplos e, ao universalizar-se, constituiu-se numa força atuante à base das idéias de solidariedade, progresso e cultura.

e) A História genética ou científica apareceu, no século XIX, na Alemanha, com forte espírito crítico e consciência histórica. Forrada de sólida erudição, tem nítido exemplo nos trabalhos de B. G. Niehbur (1776-1831) e Leopold von Ranke (1795-1885), Theodor Mommsen (1817-1903) e Jacob Burckhardt (1818-1897). A influência de Augusto Comte fez nascer outra diretriz: a cata dos fatos cabia ao historiador e o trabalho científico de deslindamento causal tocava ao sociólogo, verdadeiro super-historiador. Idéias gerais, com fundamento empírico, permitiram a compreensão histórica, causal e genética, como padroniza a lei dos três estados. Entre seus seguidores se nobilitaram H. Thomas Buckle (1821-1862) e Hippolyte A. Taine (1828-1892).

A obra de Karl Marx, que efetivamente não foi um historiador, implicou o estabelecimento de uma corrente atual de pensamento histórico. De raiz hegeliana, com a inversão iniciada por Ludwig Feuerbach, a teoria filosófica do materialismo dialético se aplica na do histórico, marcada pelo valor conceitual primário da praxis. Materialista e determinista, o pensamento histórico marxista arranca do estudo das relações

de produção é a preponderante infra-estrutura econômica.

Em nosso século, contribuições dignas de menção especial são as de Henri Pirenne (1869-1935), Friedrich Meinecke (1826-1954), Benedetto Croce (1866-1952) para que na filosofia era apenas a metodologia histórica, Ernst Troeltsch (1865-1923) e tantos outros. Não podemos esquecer Max Weber (1864-1920), com a teoria da multiplicidade das conexões causais e da importância dos fatores ideais, e Oswald Spengler (1880-1936) naturalizador histórico, com sua morfologia cultural e seu determinismo cílico das civilizações, e essencial para inteligência da formação do pensamento de Arnold J. Toynbee, este substancialmente espiritualista e religioso.

A complexidade e riqueza da seara incumbida à História reluz, na definição que nos legou um de seus maiores expoentes, Johan Huizinga (1872-1945): "é a forma espiritual em que uma cultura se presta contas de seus passado".

Partindo de Hermann Lotze, o historicismo se difundiu como "a formação espiritual de uma pessoa ou a criação de uma nova vida político-social de acordo com uma total historização do ser e do pensamento humano". Mais do que o evolucionismo ou o materialismo abocava numa relativização da totalidade dos valores culturais, provocando, em 1922, o brado de alarme de Troeltsch, na mesma Alemanha onde o "intuitivismo irracionalista" do tipo nietzchiano spengleriano encarnaria o historicismo à outrance.

Wilhelm Dilthey procurouclarrear tais equívocos — o homem,

condicionado pela realidade da vida, também se libera "pela compreensão do histórico". Como esta distante de Nietzsche, para quem a História "extirpa os instintos mais fortes da juventude, o arrebatamento, o espírito de independência, o esquecimento de si mesmo, o amor; diminui o ardor de seu sentimento de justiça; afoga ou sufoca o desejo de chegar lentamente à maturidade, pelo desejo contrário de logo estar preparado, logo ser útil, logo ser fecundo; corrói, com o veneno da dúvida, a sinceridade e a audácia do sentimento". Dilthey, na verdade, fundava o universo na "razão histórica", entendida, ensina Ortega y Gasset, não como "uma razão extra-histórica que parece cumprir-se na História (como a lógica de Hegel ou a fisiologia de Buckle), mas literalmente, o que ocorreu ao homem, constituindo a razão substantiva, a revelação de uma realidade transcendente às teorias do homem e que é ele mesmo por baixo de suas teorias".

Carlos M. Rama substancia, didáticamente, em nove pontos, as conclusões do historicismo:

- “1 — A história humana é câmbio, evolução, devenir perpétuo.
- 2 — Não há verdades, idéias ou valores universais e eternos.
- 3 — Cada fato ou processo histórico tem uma individualização absoluta dada a multiplicidade e variedade do humano, embora admita o uso do método comparativo.

- 4 — Não existe uma natureza humana imutável.
- 5 — O homem social é um ser histórico.
- 6 — Os fenômenos psicológicos, sociais, culturais, etc., são históricos, pois o objeto da história é a suma da existência.
- 7 — Todo juízo é juízo histórico.
- 8 — Cada época se explica numa unidade, tendo em conta antecedentes, ambientes, etc.
- 9 — Uma concepção histórica do mundo substitui as concepções filosóficas ou teológica do mundo".

As próprias conquistas epistemológicas trouxeram à baila, com a problemática da intelecção da verdade histórica, a inarredável questão da "tensão originária entre o reino divino e a História", para empregar as palavras de Joseph Bernhart, Professor de Munique e principal conceituador da Historiologia Teológica. É uma fecunda resposta à "concepção histórica deformada por um relativismo sem esperança", como Vicenc Vives sumaria o historicismo. Extravasaria o modesto limite desta indicações considerar os esquemas paralelos de Herbert Butterfield, Jean Danielou, Pedro Lain Entralgo ou mesmo o teísmo toynbeeniano, comparando-os, mais, com o sentido histórico existentialista de Karl Jaspers.

A crise cultural provocada pelo moderno historicismo refletiu-se, com gravidade insuspeitada, no pensamento religioso, como assinala Giuseppe Martini, e gerou

inúmeras confusões ainda vigentes — p. ex.: a equivalência pretendida da História e do historicismo com a ilação de que o Cristianismo é corrente anti-histórica. Essa falsa hostilidade à História, "manifestação do mal e do pecado", é brandida, politicamente, no intuito de ruptura das tradições culturais de fundo cristão, ou melhor, teísta. No Décimo Congresso Internacional de Ciências Históricas, celebrado em Roma (1955), o Papa Pio XII sintetizou o embate: "o termo historicismo designa um sistema filosófico, aquêle que não vê em toda realidade espiritual, no conhecimento do verdadeiro, na religião, na moralidade e no direito, senão mudanças e evolução, e rechaça, em consequência, tudo o que é permanente, eternamente válido e absoluto. Um tal sistema é, seguramente, inconciliável com a concepção católica do mundo e, em geral, com toda religião que reconhece um Deus pessoal". Após insistir no princípio de que "Deus é verdadeiramente o Senhor da História", na historicidade da Igreja, na refutação da História como manifestação do mal, o Santo Padre reconhece que essa ciência, como as demais, é inconcebível sem pressupostos prévios, mas deve ser imparcial e seu estudo uma lição para o presente e o futuro. De passagem, proclamava: "Para chegar a seus fins, a Igreja não age sómente como um sistema ideológico... é uma realidade como a natureza visível, o povo ou o Estado... um organismo bem vivo... imutável na constituição e estrutura que lhe deu seu divino Fundador, acei-

tou e aceita os elementos de que tem necessidade ou julga úteis a seu desenvolvimento e a sua ação... Além disso, a Igreja sofreu, no curso dos séculos, diversas mudanças, mas em sua essência é sempre igual a ela mesma... A Igreja tem consciência de haver recebido sua missão e tarefa para todos os tempos e para todos os homens, e, por conseguinte, não está ligada a qualquer cultura determinada".

Esse contexto histórico como painel de ação presente e futura, em todo o orbe, já repontava num intento, talvez abortivo, de entrosamento prático, vivo, dos conhecimentos geográficos e históricos, com o propósito de caracterizar objetivos nacionais.

#### 2.4 — Geopolítica e Geo-história

O determinismo geográfico de Herder, na explicação histórica, passando pelo materialismo e pelo evolucionismo, vai aparecer consolidado num sistema, quando se expandiu o imperialismo colonial do século XIX, engendrando a política de blocos internacionais.

Em que pese a notáveis contribuições, Ratzel peca ao colocar o Estado no centro da vida histórica, hegelianamente, e de vê-lo como um elemento abstrato capaz de existência autônoma e desenvolvimento orgânico auto-suficiente. Esse monstro, jungido ao solo, sofria necessidades impositivas para a humanidade, conforme as leis de crescimento territorial

dos Estados ou leis dos espaços crescentes:

- “1.º — O espaço dos Estados deve crescer com a cultura.
- 2.º — O crescimento do Estado-Nação segue outras manifestações de crescimento do povo e deve necessariamente preceder o crescimento do Estado.
- 3.º — O crescimento do Estado manifesta-se pela adição de outros Estados, no processo de amalgamação.
- 4.º — A fronteira é o órgão periférico do Estado.
- 5.º — Em seu crescimento, o Estado luta pela absorção de seções politicamente importantes.
- 6.º — O primeiro ímpeto para o crescimento territorial vem de outra civilização superior.
- 7.º — A tendência geral para a anexação territorial e amalgamação transmite o movimento de Estado a Estado e aumenta sua intensidade”.

Semelhante enfoque geográfico casar-se-ia com o político de Rudolf Kjellén (1864-1922), para produzir a Geopolítica. Kjellén, Professor da Universidade de Upsala e Deputado conservador, foi o primeiro, aliás, a empregar a designação, em 1916. Influído pelo organicismo de Ratzel, analisa o Estado em sua estrutura íntima, baseando-o em elementos de direito e de força. O Estado é “um organismo geográfico localizado em certo espaço de terra”, sendo

expansivo, espacialmente, por força de sua evolução. E conclui:

— "Estados vitalmente fortes, com uma área de soberania limitada, são dominados por categórico imperativo político de dilatar seu território, pela colonização, pela união com outros Estados, ou pela conquista;

— aos Estados pequenos parece reservada, no mundo da política, sorte idêntica a que têm os povos primitivos do mundo da cultura. São repelidos para a periferia, mantidos nas áreas marginais e zonas fronteiriças, ou desaparecem;

— quanto mais o mundo se organiza mais os vastos espaços, como Estados grandes, fazem sentir sua influência e quanto maior o desenvolvimento dos Estados, menor a importância dos pequenos".

Fruto do materialismo da época, a Geopolítica teve ampliada sua doutrina, também aplicada às tremendas lutas pelo poder em nosso século. Não caberia detido exame das várias teses geopolíticas: o Almirante Alfred Thayer Mahan (1840-1914), com sua teoria de dominação insular, interpretava a política mundial como uma luta pelo controle dos mares; Sir John Halford Mackinder (1861-1947), que à base da distribuição irregular de oportunidades estratégicas, via no domínio da terra coração (*Heartland*) (Eurásia) o controle do mundo, com sucessivas revisões em 1919 e 1943; Nicholas J. Spykman (1893-1943), dando o controle da Eurásia a quem tivesse o das terras fronteiriças; Seversky (1894), já fundado no poder aéreo.

Importa, todavia, lembrar que, na Alemanha, a Geopolítica, em 1928, se fixava, por antonomásia, como "a ciência da vinculação geográfica dos acontecimentos políticos". O General Karl Haushofer (1896-1947), ligado a discípulos de Ratzel (Erick Obst, Hermann Lautensach e Otto Maull), encarnou os abusos da Escola de Munique. Um tenaz estudo, utilizando também a ideologia hegeliana e o antropologismo de Nietzsche, estruturou os grandes princípios geopolíticos, como o espaço vital (*Lebensraum*) e a ação geopolítica. Abandonou-se, parcialmente, o determinismo de Ratzel, para fugir-se à satirizada geografia culinária (*Küchengeographie*), mas se incorporou o racismo tão divulgado pelo Conde de Gobineau e Chamberlain. Nessa diretriz está a famosa definição de Haushofer: a Geopolítica, supremo e final conceito da História, é "a ciência do sangue e do solo".

O envolvimento da escola geopolítica alemã com o nazismo, o emprêgo propagandístico de suas máximas conducentes à guerra ou justificativas da violação de normas jurídicas, trouxeram-lhe agudo descrédito após o fim do III Reich. Sem embargo da unilateralidade comum de sua visão na Política prática, como nesse caso concreto, é inegável que as grandes linhas da Geopolítica se revestem de percepções agudas, de ponderável validade. É inteiramente ilusório pretender sondar o passado ou prospectar o futuro sem conhecimento geográfico. Daí o intento do canadense Professor Griffith Taylor, em 1947, de assentar uma *Geopacifica*, humani-

zação da Geopolítica, no propósito de "fundamentar os ensinamentos da liberdade e da humanidade em deduções geográficas".

Outra corrente assevera ser necessário reformular os próprios términos do problema de molde a manejar, proficuamente, os dados geográficos para a intelecção histórica. Assim, sem ingênuo determinismo e conscientes do fato observável de relações mútuas, abriríamos novas rotas, como querem Jaime Vicens Vives e Fernand Braudel. É o nascimento da Geo-história, que proclama Heródoto seu pioneiro, para procurar "construir esquemas políticos válidos para o futuro", com as possíveis "centenas de previsões de ordem geoeconómica, geodinâmica e geoestratégica" (Vicens Vives).

Esse rápido balanço evidencia uma permanente tensão em semelhante campo de estudo, entre preocupações puramente científicas e outras pragmáticas, com o desejo de forjar quase que uma técnica de direção de Estado. A revolução tecnológica, por sua vez estilhaçou, brutalmente, velhos quadros de razoável previsão. O impacto sobre a Geopolítica, mesmo para quem não chegue a admitir sua metamorfose em Geo-história, foi violento e assim já se descreveu, autorizadamente, seu estágio hodierno:

*"Com isso a Geopolítica, nas relações entre Estados, identifica-se hoje com uma geestratégia, teórica, mas, na prática, os meios técnico-científicos à disposição do homem*

têm diminuído de valor o seu caráter instrumental.

No âmbito interno do Estado, a Geopolítica confunde-se cada vez mais com a Geografia aplicada, voltada para a reorganização do espaço. Talvez se possa vislumbrar a predominância do método geopolítico sobre o geográfico na arrumação do espaço das Grandes Regiões, das Regiões que constituem essas Grandes Regiões, e na busca das comunicações e do equilíbrio entre elas".

### 3 — Relacionamento

Qualquer sociedade pressupõe, para sua existência, três elementos indispensáveis: base física, elemento humano e interação. Esta se realiza com o encontro de projeções da pessoa, em contato no tempo ou no espaço, e consubstancial ao problema essencial das comunicações, fenômeno ubíquo cujo alvo filosófico é a busca da identidade entre os homens.

No setor gerado pelo entrecruzamento e superposição de interesses individuais projetados, e assim revelados comuns, surgem as instituições. A crescente complexidade das relações sociais também lhes acarreta um incremento vigoroso e através delas se processa o grosso do relacionamento, que tende a um colorido friamente impessoal, neutro e inumano.

*Seria preciso dizer que*

*deixaria, porém, ilação desarrazoadamente a pura condenação do desenvolvimento institucional, impôsto pelas condições da própria vida. Seu mau emprêgo, que atinge até sua idolização pagã, é para nossa geração muito outra coisa que*

mera curiosidade doutrinária. O aumento incomensurável do poder físico do homem dá a seus atos um alcance universal, o que, no íntimo, traz de envolta sua grandeza e sua tragédia — o poder de escolher e a decorrente responsabilidade. Num momento em que, como alternativa a um genocídio atômico, se perfila a incontrastável precisão de soluções institucionais de âmbito ecumênico, é verificável uma dupla e dolorosa falha em nossa capacidade para enfrentar esse repto inelutável.

Primeiramente, como colocar o vínculo do indivíduo com a instituição estatal. A base física e o grupo humano incorporaram uma sociedade apenas quando se lhes ajunta a interação, um estado de espírito. O ente social, de fato, é um efeito natural produzido pela atividade espiritual de seus componentes, princípio do qual decorre, lógica e necessariamente, a existência de um fim imanente e essencial. Ora, só um bem pode reter o desejo dos indivíduos, pelo que o fim social se identifica com um bem comum. A pessoa humana, como causa consciente e livre, está no começo da vida social e, fechando o círculo, em seu benefício reverte o bem comum. O ente social, ao perseguir seus intuiitos temporais, permite a plena atualização dos respectivos integrantes, que, como pessoas, consubstanciam barreiras a seus recursos instrumentais. Baseada a vida gregária numa política humanista, o Estado cinge-se à categoria de meio, jamais se incorporando como fim último em si e fator de autojustificação

ou de valorização do progresso. E o humanismo das culturas ocidentais foi embebido de valores cristãos — a pessoa humana tem um destino superior ao tempo, no qual radica sua libertação definitiva.

As teses apresentadoras da sociedade como adição de indivíduos e vendo no homem uma fabricação do ser coletivo, êste como realidade superior ou mesmo anterior a seus membros, germinam pensamento descontrolado pelo qual o gênero humano tem pago pesado tributo. O fascismo, dizia Mussolini, "confirma o Estado como a verdadeira realidade do indivíduo"... Um conglomerado de sistemas externamente antagônicos aqui se encontram irmanados pelo pecado original comum: a absolutização do relativo com o deslocamento axiológico do absoluto de Deus para o homem ou uma sua derivação conceitual (Estado, raça, nação...). Nomes novos para velhas divindades, cujo brilhante adôrno não disfarça os traços de auto-idolizaçāo, vibrantes nos ódios tribais de raça, na missão escatológica de uma classe aristocrático-proletária motora da História, ou mesmo na reivindicação da herança, há tanto partilhada, da *Dea Roma* e do *Divus Caesar*.

Semelhantes atitudes corporificam um conflito cultural subjacente nos atritos políticos e explicam a virulência da agressividade da penetração cultural. Visa-se a uma vitória profunda, *in anima*, despersonalizadora, com uma reformulação drástica da constelação de valores que eluci-

dam e fundamentam nossos objetivos nacionais permanentes.

O segundo abismo que nos separam de um mundo mais equilibrado entre o ritmo da revolução tecnológica e o daquela que, decorrentemente, varreu o campo das ciências sociais. O movimento no espaço e no tempo é característico da vida humana, desde nossos primeiros dados a seu respeito, mas as alterações rítmicas recentes foram de tal volume que sua acumulação quantitativa determinou problemática de diferente qualidade.

*É suficiente lançar os olhos sobre a escala aduzida por Toynbee, em 1966, para nos darmos conta dessa aceleração.*

- 1 — Tecnologia do Paleolítico Inferior — menos de ..... 1.000.000 anos.
  - 2 — Tecnologia do Paleolítico Superior — 50.000 — 30.000 anos.
  - 3 — Tecnologia do Neolítico, agricultura e domesticação de animais — 9.000 anos.
  - 4 — Domínio da força do vento para mover navios — 5.000 anos.
  - 5 — Domínio da força da água para mover moinhos — 2.000 anos.
  - 6 — Aplicação da ciência experimental à tecnologia — 350 anos.
  - 7 — Domínio de outras forças não musculares (fora o vento e a água) — 200 anos.
  - 8 — Eletricidade — 120 anos.
  - 9 — Petróleo — 60 anos.
  - 10 — Energia atômica — 20 anos.
- Operou-se, por obra e graça da tecnologia ocidental, uma unifi-

cação do mundo através de apertada teia de comunicações e interesses comuns, aniquilada a distância física, que passou a ser uma questão de disponibilidade atual de recursos. A rapidez alucinante, em termos de História da Humanidade, com que se sucederam êsses estímulos não foi acompanhada de uma adequação espiritual, de evolução bastante mais lenta — o apêgo habitual a instituições idolizadas barra ou retarda mudanças corporificadoras de respostas criadoras e desafios surgidos de nossas vitórias na domesticação de forças materiais. É válida a imagem do aprendiz de feiticeiro? Essas forças desencadeadas irão levar ao suicídio atômico pela incapacidade de edificarmos as estruturas institucionais, políticas e econômicas, reclamadas por um irreversível entrelaçamento ecumênico de homens que, desgraçadamente, em grandes massas, ainda cedem aos encantos macabros do tribalismo idolátrico, sanguinário e autojustificadora? A flexibilidade psicológica comprovada de outras vezes nos pode esperançar, na repulsa do pessimismo covarde de um apelo aos biologistas para criarem séres condicionados a uma cega disciplina de formigueiro ou, também triste alternativa, de uma submissão, à custa da própria dignidade humana, para uma sobrevivência alienada.

Tais perspectivas futurológicas nos enfrentam com matéria cuja apreciação, indubitavelmente, exige a palavra dos especialistas em ciências sociais, pois as grandes opções decisivas virão da escolha de comportamento pelo homem.

E, desde logo, podemos marcar uma relativa lentidão nessas áreas do conhecimento, em confronto com a avassaladora velocidade com que se **metamorfosem as** condições sob o impacto tecnológico.

Disse H. G. Wells que o papel impresso libertou o homem ocidental — hoje, no entanto, o risco é de que o escravize, com o mau uso dos meios de comunicação de massa. A partir de 1450, quando, em Mogúncia, Gutenberg imprime o primeiro livro com tipos móveis, há uma maré montante de papel impresso. Seu aumento quantitativo torna cada vez mais provável a criação exterior de informações coincidentes com nossas necessidades, mas, do mesmo passo, perda progressiva de tempo na procura e coleta da documentação, para decifrar e selecionar suas mensagens. Semelhante fato subordina, de maneira impressionante, o homem aos meios coletivos de informação — o grande público raciocina a partir de **slogan** incorporador de fórmulas definidas e já dispensando o trabalho de repensar seus fundamentos. O especialista, doutra parte, se vê na iminência da anulação pelo excesso de possíveis fontes informativas. Mas só em 1892 Paul Otlet e Henri La Fontaine abriram a vereda para ser forjada uma técnica de trabalho intelectual, uma nova técnica cultural, a Documentação, que se encosta aos recursos tecnológicos modernos para alargar sua eficiência e desfazer o atraso da contestação ao desafio que a motivou.

Isso também acarreta a indispensável coordenação dos especialistas, que, freqüentemente, arrastados pela paixão analítica de um setor reduzido do conhecimento, perderam a visão do conjunto. O hábito da segurança fictícia dada pelo enclausuramento levá-los a resistir à demolição desses muros artificiais, temerosos da grandeza da paisagem limitada pelo infinitamente pequeno. O apêgo estéril a questiúnculas de falsas confrontações condenadas pela gnoseologia, a resistência ciumenta a admitir que seu couto cerrado só tem válida inteligibilidade quando integrado num contexto global, numa legítima *Weltanschauung*, são obstáculos que seguem emperrando a aceleração do ritmo de avanço nas ciências envolventes de interesses diretos da vida comunitária.

Em toda sua atualidade de instrumentos para a cata de informações permissivas de conscientes adesões, a engajar-nos e a pesar sobre a sorte, ou a própria possibilidade de existência, das gerações de amanhã, em toda sua sensibilidade para refletir o jôgo fértil dos fatos e das idéias, a Geografia e a História tocam os dois parâmetros espaço e tempo. Uma aproximação histórica, dentro do marco de nosso campo civilizacional inteligível, é apta a fornecer-nos como foi pensado, evolutivamente, o respectivo objeto. Aí aparece a teia de premissas variáveis que comprovam até a perversão acientífica, premeditada, dessas ciências para elaborar justificativas propagandísticas de aplicação do poder nacional

de um Estado desvairado, sob o sôpro de Wotan pela erupção de um militarismo agressor e suicida, a lembrar o açoite da brutalidade assírica.

Mas Geografia e História adquirem seu verdadeiro sentido em função das concepções filosóficas sobre a natureza do Homem e da cultura. Eis, por sinal, um vocabulo motivador de controvérsias pela multiplicidade de significações que lhe têm sido deferidas. Aqui, convém remarcar, o utilizamos de acordo com a noção dos tratadistas, exemplificada, clássicamente, na de Tylor: "é um todo complexo que inclui os conhecimentos, as crenças, a arte, a moral, as leis, os costumes e tódas as demais disposições e os hábitos adquiridos pelo Homem, como membro de uma sociedade".

Uma aguda sondagem da forma mentis que possibilita a compreensão dos fatos culturais é devida a José Luis Romero. A vida histórica se desenvolve em planos variados, através de indivíduos e coletividades, agrupando-se em dois conjuntos homólogos, incorporados em duas ordens. Uma, a ordem fática, é "aquela na qual se encadeiam os fatos constituindo um complexo de ações simultâneas e sucessivas derivadas dos impulsos racionais ou não, dirigidos para a ação e cristalizados em objetos irrevogáveis". Apenas formalmente independente dessa ordem é a outra, a potencial, onde se situam "as representações da ordem fática, e as idéias e os ideais que a consciência cria por reelaboração de suas próprias representações da ordem fática". Enquanto a fática, pela natureza

acumulativa da realidade histórica, onde os novos elementos se acomodam sobre o suporte dos antigos, nunca totalmente eliminados, é uma ordem transacional, a ordem potencial é eminentemente racional porque decorre de uma operação intelectual. O pensador argentino é conclusivo: "Assim concebida a vida histórica, a história da cultura tende a captar, se não a totalidade das vivências do sujeito histórico na pluralidade de planos em que se desenvolve sua existência, ao menos aquelas que acusam a relação entre planos homólogos de ambas as ordens, escolhidas segundo certos critérios de valor. Reduzindo esta fórmula a termos mais simples, dir-se-ia que procura apreender a relação que existe entre as formas da vida e as idéias".

Aí localizamos a trama rítmica do relacionamento investigado. Suas seqüelas práticas se evidenciam se considerarmos que as gerações sucessivas se enlaçam num todo moral através de sua personalidade cultural. Esta se mantém através da educação — "o processo pelo qual um corpo de tradição social e cultural — acumulada por curiosidade e comunicada em linguagem — é transmitida à geração ascendente por seus pais e seus contemporâneos", para empregar as palavras de Toynbee.

Não olvidemos que hábitos sociais são mutáveis e uma busca rejeição pode ocorrer no seio de gerações mais recentes, sobretudo quando, por ignorância ou sedução, perdem consciência dos valores que lhes caberiam como

transitórios depositários. As mudanças de ethos, surpreendentemente rápidas, na China, após 1911, e na Alemanha nazificada, são exemplos gritantes que nos convidam a cautelosa meditação sobre drásticas alterações, a curto prazo, partindo da supressão de grupos de valôres básicos das respectivas constelações culturais.

#### 4 — Conclusões

As considerações expostas, embora superficialmente, facultam chegar a alguns pontos definidos nesta pesquisa. O assunto, assim, só se mostra discutível em um quadro culturológico, o que significa a necessidade de adequação metodológica, como se tentou fazer, sob pena de estéreis debates.

O constante e recíproco influxo da realidade humana e de seu pensamento racional demonstra a importância de conhecer êsses nexos, sempre cambiantes, para que os dados científicos sociais sejam, validamente, utilizados como instrumento de ação. Então se impõe a audiência de especialistas capazes de uma visão global da conjuntura.

Por conseguinte, a própria relatividade inherente ao conceito de Poder Nacional pressupõe que seus condicionantes espaço-temporais estejam sob estudo permanente, para não ficar imbuídos de concepções caducas. A Geografia e a História fornecem verdadeiro **background** à intelecção desse conceito, refletindo, simultaneamente, o embate das ordens fática e potencial com claridade ímpar.

A limpidez científica conceitual propicia o exame dos fatores geográficos e históricos, realística-mente, nas várias formas de expressão do Poder Nacional. Tais conotações, todavia, não se exaurem em informações de teor doutrinário, pois colocam também normas para atividades práticas.

Com efeito, a própria sobrevivência nacional está envolvida na adesão das novas gerações aos Objetivos Nacionais Permanentes. A ofensiva desencadeada, na área da juventude, sobre a constelação de valôres culturais básicos visa a desprender-lá desse fundamento caracterizador. A torrente humana que conecta passado, presente e futuro seria culturalmente despersonalizada, com a adoção de estilos alheios à tradicional herança social.

A responsabilidade de transmissão desse legado cai nas mãos das gerações ora adultas e seu fracasso ou sua omissão plasmará o futuro. A prioridade dos esforços no terreno da Educação, assim, se vincula a uma afirmação da personalidade cultural de uma Nação.

Um ensino em moldes anacrônicos de Geografia e História é um passo suicida. Tornar antipáticos exercícios de memória a aquisição desses conhecimentos é fechar as portas para o sentimento de unidade e coesão em torno da terra e da gente integradas numa entidade que se projeta no futuro. Sem vislumbrar os laços que a prendem, indissolúvelmente, a essa comunidade, como poderão os jovens compreender-lá e defendê-la ante seduções armadas pelo arsenal psicológico e tecnológico

moderno? Como se empenharão por uma herança que desconhecem? Apenas iriam estimá-la quando, tarde demais, percebessem que os dissolventes alienígenas haviam destruído sua alma cultural, sua própria razão de ser. Alegando ânsia de libertação, julgam-se jovens libertários quando nada mais são do que prefiguração de desesperados e arrependidos liberticas.

A Geografia e a História jogam, em consequência, valioso papel na conservação e no fortalecimento do Poder Nacional, mormente em épocas críticas, como aquela em que vivemos. Elucidam as pontas do dilema que Roosevelt frisava estar no cerne da II Guerra e que nos desafia agora e sempre — ter ou não ter fé na humanidade.

#### BIBLIOGRAFIA

**Arnold J. Toynbee** — A Study of History — Londres, 1935-1963

An Historian's Approach to Religion — Londres, 1956

Change and Habit — The Challenge of our Time — Londres, 1966

**José Honório Rodrigues** — Teoria da História do Brasil — São Paulo, 1957

Vale uma nação pela consciência que tem do seu passado, de sua missão histórica; pelo denôdo e dignidade com que a mantém pelos tempos em fora; é o que nos move a mais fundamente conhecer ao Brasil, para melhor o amar e servir.

Aspirações Nacionais — Interpretação Histórico-Política — S. Paulo, 1965

Carlos M. Rama — Teoria de la Historia — Buenos Aires, 1959

Gastone Imbrighi — Geografia (in Encyclopedie Cattolica) — Florença, 1949

Jean Danielou — Essai sur le mystère de l'histoire — Paris, 1953

Juan Vicens Vives — Mil Lecciones de Historia — Barcelona, 1951

José Luís Romero — Reflexiones sobre la Historia de la Cultura (in Imago Mundi, n.º 1) Buenos Aires, 1953

Handbuch des Weltkommunismus (Editado por Joseph M. Bochensky e Gerhart Niemeyer) Munique, 1958

Equipe da DAPs — A Penetração Cultural (C-49-67)

Os Meios de Divulgação e as Informações (C-19-67)

Equipe do DE — A História, Geografia, Geopolítica e o Poder Nacional (C-09-67)

# TIPOS DE CLIMAS DO BRASIL

Cap. Inf.  
ORESTES BLOIS NETTO

## 1 — CONSIDERAÇÕES INICIAIS

J. Hans definiu clima como sendo "o conjunto dos fenômenos meteorológicos que caracterizam o estado médio da atmosfera em um ponto da superfície terrestre".

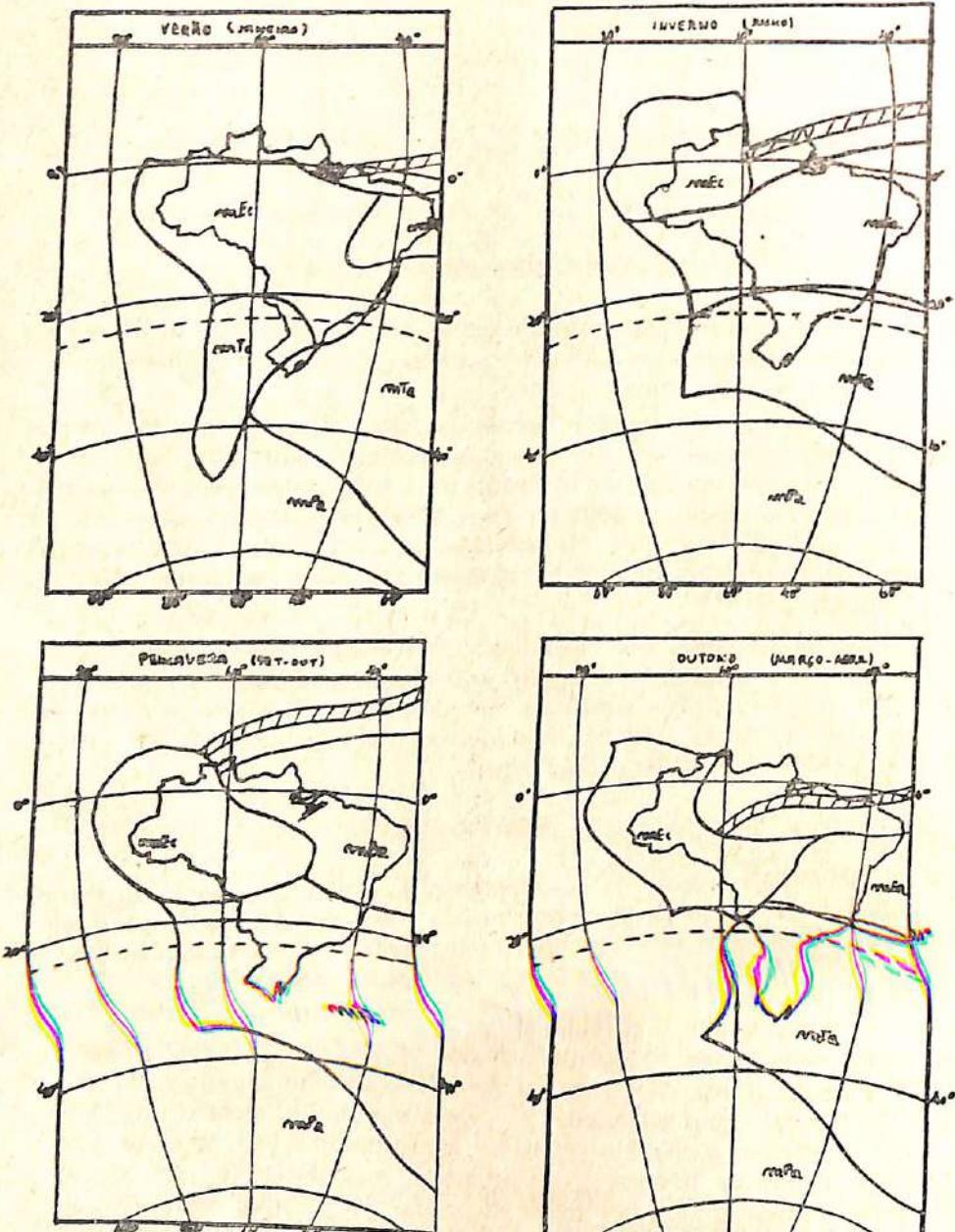
W. Koppen, expoente máximo da climatologia, procurou obter maior generalização em seu conceito de clima, tentando, dessa forma, estabelecer uma diferença marcante entre duas ciências distintas — Climatologia e Meteorologia. Segundo Koppen, clima "é a soma total das condições atmosféricas que tornam um determinado lugar da terra mais ou menos habitável por seres humanos, animais e plantas".

Ao analisarmos tais definições, percebemos que o conceito de clima está intimamente ligado aos seus elementos (temperatura, vento, pressão, chuva, umidade, nebulosidade...) e aos seus fatores (latitude, altitude, continentalidade, vegetação, disposição do relêvo, distribuição das terras e das águas...).

## 2 — TEMPERATURA

A temperatura, principal elemento do clima, é a maior ou menor quantidade de calor existente no ar. Apesar de sua importância, a sua variação e consequente modificação se evidencia através da altitude do lugar, da latitude, da vegetação, dos ventos, das chuvas etc. Por outro lado, é a temperatura a causadora das variações da pressão atmosférica. Sua influência faz-se sentir num mesmo lugar, conforme as horas do dia ou as estações. Ocasiona, ainda, alterações de acordo com a latitude, fazendo aumentar a pressão nas latitudes médias e nas regiões polares, diminuindo-a no Equador. Ao correlacionarmos pressão e temperatura, automatica e consequentemente abordamos a formação de zonas de pressões desiguais, as quais ocasionam a movimentação de massa de ar, formando os ventos.

É praticamente impossível entender clima no seu todo se não correlacionarmos seus fatores e elementos entre si, pois, um é função direta do outro e o sematório de suas resultantes exprime o conceito final de clima.



Massa Equatorial continental (*mEc*)  
 Massa Equatorial atlântica (*mEa*)  
 Massa Tropical atlântica (*mTa*)

Massa Tropical continental (*mTe*)  
 Massa Polar atlântica (*mPa*)

### 3 — FATORES E ELEMENTOS CLIMÁTICOS

Para que pudéssemos conceituar clima, tornou-se necessário a compreensão e análise de alguns dos fatores e elementos climáticos. Do mesmo modo, para que entendamos as classificações dos climas no Brasil, é mister um estudo, ainda que em síntese, da circulação atmosférica no Brasil e das massas de ar que aqui predominam. (Fig. 1).

As principais massas de ar que atuam sobre o Brasil são:

- Massa Equatorial Continental (mEc)
- Massa Equatorial Atlântica (mEa)
- Massa Tropical Atlântica (mTa)
- Massa Tropical Continental (mTc)
- Massa Polar Atlântica (mPa)

a) A Massa Equatorial Continental (mEc) é uma massa quente e de forte umidade. Forma-se sobre o continente aquecido onde dominam os ventos fracos, mornamente no verão. É a responsável pela grande precipitação no interior do Brasil nos meses de outubro a março. São as chamadas chuvas de verão.

b) A Massa Equatorial Atlântica (mEa) origina-se dos alisios de sudeste do Atlântico. É a responsável pelas fortes chuvas equatoriais e pelas chuvas que caem sobre a costa leste brasileira, essas agravadas pela orografia. Durante o inverno dá ensejo às chuvas de inverno no litoral do nordeste e, ao mesmo tempo, a um período de seca no interior.

c) A Massa Tropical Atlântica (mTa) é formada pelo anticiclone semifixo do Atlântico Sul, trata-se, pois, de uma massa marítima, recebendo, por isso, bastante calor e umidade na superfície.

d) A Massa Tropical Continental (mTc) tem sua origem na região do Chaco. Sua importância se faz sentir no verão. É uma massa quente e de baixa umidade, sendo responsável pelo tempo quente e seco.

e) A Massa Polar Atlântica (mPa) origina-se na região subantártica, ao sul da Patagônia. Trata-se de uma zona de transição entre o ar polar e o tropical. Quando a massa polar pacífica reforça a massa polar atlântica, há no Brasil meridional rigoroso inverno.

Os diferentes fatores exercem pesada influência sobre os elementos do clima na superfície da terra, por isso uma classificação rigorosa torna-se quase impossível. Daí a variedade de classificações e critérios conhecidos.

#### 4 — CLASSIFICAÇÃO DE H. MORIZE E DELGADO DE CARVALHO

Henrique Horize e Delgado de Carvalho classificaram o clima brasileiro em três grandes grupos: equatorial, tropical e temperado.

a) Clima *Equatorial*:

- Superúmido ..... Amazônia;
- Semi-árido ..... Sertão Nordestino.

b) Clima *Tropical*:

- Semi-úmido marítimo .... faixa do litoral oriental;
- Semi-úmido de altitude .... trecho oriental do planalto brasileiro;
- Semi-úmido continental .... centro de Mato Grosso e Goiás.

c) Clima *Temperado*:

- Superúmido marítimo .... orla litorânea (Serra do Mar);
- Semi úmido de altitudes .... planalto meridional atlântico;
- Semi úmido de latitudes médias .... planalto da campanha gaúcha.

#### 5 — CLASSIFICAÇÃO DE SALOMÃO SEREBRENICK

Salomão Serebrenick baseou sua classificação em dois grandes grupos: tropical e temperado.

a) Tropical (temperatura anual superior a 22°C):

- 1 — Iso-superúmido .... Noroeste da Amazônia;
- 2 — Superúmido .... margem esquerda do Rio Amazonas;
- 3 — Iso-úmido .... sul da Bahia e litoral de São Paulo;
- 4 — Úmido .... Pará, região central e bacia do Parnaíba;
- 5 — Semi-úmido .... larga faixa do Nordeste, ~~alto sertão da Bahia e Minas Gerais,~~
- 6 — Semi-árido .... ~~Sertão do Nordeste,~~

~~Bahia e Minas Gerais,~~

b) *Temperado*:

- 1 — Iso-superúmido .... litoral do Paraná, Santa Catarina e bacia do Paraná-Uruguai;
- 2 — Iso-úmido .... planalto meridional (do Paraná para o sul);
- 3 — Úmido .... planalto paulista e altas montanhas de Minas Gerais.

## 6 -- CLASSIFICAÇÃO DE W. KOPPEN

A classificação dos climas elaborada por W. Koppen adquiriu tal importância para qualquer interpretação geográfica e climatológica que se torna conveniente registrar seus símbolos principais.

*Classificação de Koppen (aplicada ao Brasil). Fig 2*



a) Grupo "A" — climas quente e úmido:

- 1 — "Af" — equatorial úmido sem estação seca;
- 2 — "Am" — quente e úmido de monções;

- 3 — "Aw" — tropical úmido com estação chuvosa no verão e seca no inverno;
  - 4 — "Aw" — equatorial úmido e semi-úmido com precipitação máxima no outono;
  - 5 — "As" — tropical úmido com chuvas de outono-inverno.
- b) Grupo "B" — clima seco (a evaporação supera as precipitações):
- "Bsh" — semi-árido.
- c) Grupo "C" — clima mesotérmico:
- 1 — "Cw" — tropical de altitudes;
  - 2 — "Cf" — subtropical.
- d) Além desses símbolos existem outros menos usados que, combinados com êles, servem para representar os subtipos:
- 1 — "a" — verões muito quentes;
  - 2 — "b" — temperatura média do mês mais quente inferior a 22°C;
  - 3 — "h" — temperatura média anual superior a 18°C.

#### 7 — CLIMAS DO BRASIL

Uma vez conhecido os símbolos, faremos uma análise sucinta da sua aplicação no Brasil.

- a) Grupo "A" — clima quente e úmido.

Características gerais:

- Temperatura do mês mais frio superior a 18°C;
- Amplitude térmica anual inferior a 5°C;
- Precipitação superior a 60mm.

Dentro do Grupo "A" aparecem, no caso brasileiro, cinco tipos: "Af", "Am", "Aw", "Aw", "As".

- 1 — "Af" — tipo de clima equatorial úmido sem estação seca.

Características:

- Chuvas constantes durante quase todos os meses do ano alta coluna de precipitação e forte umidade relativa ao ar.

Distribuição geográfica:

Alto dos Rios Negro e Solimões, pequena ilha climática ao redor de Belém, estreita faixa desde o Recôncavo Baiano até o limite do Espírito Santo, litoral de São Paulo (sopé da Serra do Mar).

2 — "Am" — tipo de clima quente e úmido de monções.

Características:

Chamado clima das monções. Significa que tem uma estação seca pronunciada, porém curta, e uma alta coluna de precipitação que vai fazer com que tenhamos florestas iguais as do tipo "Af".

Distribuição geográfica:

Quase toda área amazônica, pequena faixa na costa de Pernambuco, na costa da Bahia e norte do Espírito Santo.

3 — "Aw" — tipo de clima tropical úmido com estação chuvosa no verão e seca no inverno.

Características:

Período de seis meses de chuvas e seis meses de seca, vegetação correspondente a dos campos cerrados.

Distribuição geográfica:

Todo o interior do Brasil (Mato Grosso, Goiás, parte do Maranhão, do Piauí, da Bahia e do território de Roraima). Partes baixas do Espírito Santo, Rio de Janeiro e Guanabara, sendo que, nos dois últimos Estados, o clima sofre modificações por causa de constantes frentes frias.

Tipo de vegetação:

Campos cerrados.

4 — "Aw" — tipo de clima equatorial úmido e semi-úmido com precipitações máximas no outono.

Distribuição geográfica:

Do Pará (Salinas) até o limite com o Rio Grande do Norte — Ceará (área costeira).

5 — "As" — tipo de clima tropical úmido com chuvas de outono-inverno (com o máximo no inverno).

Distribuição geográfica:

Só ocorre na zona da mata no Nordeste.

b) Grupo "B" — clima seco (a evaporação supera as precipitações).

"Bsh" — tipo de clima semi-árido.

Características:

- Grande irregularidade nas distribuições das chuvas;
- Pequena umidade relativa ao ar e chuvas superiores a 250mm anuais.

Distribuição geográfica:

Zona do sertão do Nordeste (caatinga).

c) Grupo "C" — clima mesotérmico.

Características gerais:

- Temperatura do mês mais frio inferior a 18.9°C e superior a 39°C;
- Precipitação superior a 30mm;
- Amplitude térmica superior a 59°C.

Dentro dos climas do Grupo "C" há dois tipos fundamentais:  
O clima tropical de altitudes e o clima subtropical.

1 — "Cwa" e "Cwb" — clima tropical de altitudes (chuvas de verão e estiagem no inverno).

a — Verões quentes e chuvas de verão.

Distribuição geográfica:

Grande parte de Minas Gerais, São Paulo, sul de Mato Grosso, Distrito Federal e norte do Paraná.

b — "Cwb" — verões frescos e chuvas de verão.

Distribuição geográfica:

Tópo da Mantiqueira e Espinhaço (Minas Gerais e São Paulo).

2 — "Cfa" e "Cfb" — clima subtropical com chuvas distribuídas.

a — "Cfa" — verões quentes, chuvas durante todo o ano com pequena precipitação.

Distribuição geográfica:

Partes mais baixas do planalto meridional.

b — "Cfb" — verões frescos, chuvas durante todo o ano com pequena precipitação.

Distribuição geográfica:

Partes mais elevadas do planalto meridional.

3 — "Cs" — adaptado para o caso brasileiro, está localizado em uma região sujeita ao clima "As", porém de área elevada. As precipitações máximas ocorrem no inverno.

Distribuição geográfica:

Aparece sómente no planalto de Garanhuns (Pernambuco).

d) A combinação destes símbolos possibilita aos climatólogos designar os tipos de clima de uma área, através de um processo simples e resumido. A classificação de W. Koppen é a que vem se adotando, atualmente, no mundo inteiro. Trata-se, a rigor, de uma

chave que permite a descrição abreviada de uma modalidade de clima. Assim, se depararmos com um clima classificado como "Cfa" identificamos, imediatamente, que se trata de um clima subtropical com a temperatura do mês mais frio inferior a 18°C e superior a 3°C, com uma precipitação superior a 30mm e de amplitude térmica superior a 5°C (C). Sabemos ainda tratar-se de um clima que apresenta pequena precipitação durante todos os meses do ano (f). E, finalmente, a letra (a) nos mostra ser a área climática sujeita a verões muito quente.

### 8 — CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo do clima é de uma importância extrema, pois cada tipo possui características próprias ocasionando consequências peculiares

Caracterizando essa importância, faremos uma leve citação correlata entre a Climatologia, a Geologia, a Pedologia, a Demografia, a Antropologia e a lavoura.

Em clima quente e úmido (Grupo "A"), o granito dá formas arredondadas, bem diferentes das formas mais enérgicas de regiões de climas quente (Grupo "B").

A classificação geral dos solos é função direta dos tipos de climas. O solo lixiviado, por exemplo, é característico das regiões sujeitas ao clima "Af".

As áreas densamente povoadas, em princípio, são regiões de clima temperado, contrastando com as áreas dos grandes vazios demográficos, normalmente, sujeitas ao clima do tipo "Bs".

Os esquimós (do grupo mongolóide), sujeitos ao clima polar, devido a necessidade do ar chegar aos seus pulmões mais aquecido, apresentam narinas estreitas, em contraposição, os abntos (do grupo negróide), sujeitos ao clima quente, têm as narinas grandes e largas.

"O milho, o arroz e o trigo, base alimentar de civilizações distintas, são produtos que refletem três tipos de clima característicos."

A vida de todos os seres está intimamente ligada aos diversos climas, daí a expressão de Afrânia Peixoto. "— O clima é a vida."

*Em todas as guerras aplicam-se princípios. Napoleão estabeleceu uma série de princípios e muitos deles foram aplicados na última guerra.*

*Não precisamos, porém, estar sempre voltados para o passado. Devemos estar voltados para a frente, lançados para o futuro.*

*Gen DWIGHT D. EISENHOWER  
(ECEME — 1946)*

## REPRESENTANTE!

A Revista precisa manter ligação mais constante e íntima com o senhor. Pretende fazê-lo, mas necessita da sua máxima cooperação. Assim, para iniciarmos nova fase de entendimento entre a Redação e o Representante, pedimos-lhe comunicar-se conosco, com a possível brevidade e preferentemente por carta, informando-nos detalhadamente da situação da Revista na sua Unidade. Esperamos, também, a sua colaboração não sómente no tocante a sugestões para melhoria da nossa "A Defesa Nacional", como também no envio de matéria para publicação. Estamos às ordens, aguardando sua palavra.

# *OLAVO BILAC, O PATRIOTA*

JONAS CORREIA

## O POETA

O poeta, a pessoa que é poeta de verdade, fala, escreve ou age sob o influxo da poesia, que se reveste de essência divina e, por isso, se torna eterna. Bilac, lídimo poeta, apenas poeta em tôdas as modalidades, sentidos e atitudes, desfrutou uma existência maravilhosa, e nos legou uma mensagem que tanto mais se atualiza quanto mais os tempos correm sobre os seus próprios filhos. Impossível disjungir o poeta do patriota, em tal maneira se fundem e confundem a sensibilidade de um na espiritualidade do outro. Ele mesmo não se inculcava outro título, — cioso, orgulhoso ou consciente da esplêndida projeção do seu gênio poético, em tôda a sua Pátria, em Portugal, nas Américas do Sul e Central. Aos estudantes de medicina de São Paulo, (14.X.915) exortava: "... vejo-me como estudante e poeta, como vós..."; "Falo-vos, como poeta...". Ao empossar-se na Academia das Ciências de Lisboa, (30.III.916), dirigindo-se à intelectualidade portuguêsa, modestizava-se, mas declarando: "Não condecorais propriamente o poeta, que é pobre, e o homem, cuja única virtude é a sinceridade." Pouco antes, na homenagem que lhe prestara o Exército Brasileiro, (6.XI.915), recusava batismos, que entretanto merecera, de apóstolo, de sociólogo e de filósofo. E se afirmava, num convencimento referto de humildade: "Sou, apenas, poeta; e poeta sincero e patriota. Se posso ser professor, quero ser e serei exclusivamente professor de entusiasmo."

Olavo Bilac — o poeta, o patriota, o professor de entusiasmo! Quanta coisa bela nos foi legada por seu gênio criador, vencendo a temporalidade terreal, — porque nimbada da condição celeste que só os poetas merecem e recebem de Deus. A sua trilha luminosa iremos percorrê-la com a intenção de pôr em relevo a nitidez das **verdades que pregou e apregoou**, a autenticidade da sua devocão, a permanência do sentido nacional **do seu verbo**, que tomou o poeta de sobressaltos e fê-lo consumir-se nos arroubos e febres do seu patriotismo, que contagiou para sempre o Brasil.

## O PATRIOTA

Já transcorreu o centenário do seu nascimento (16.XII.865); dentro de poucos dias ocorrerá o cinqüentenário da sua morte pre-

---

N. R. — Conferência realizada pelo General-Professor Jonas Correia, sob os auspícios da Diretoria do Serviço Militar, na Associação **Otium Cum Dignitate**, em 16 de dezembro (1958), Dia do Reservista, homenageando seu Patrono, o poeta Olavo Bilac.

matura. E tem sido diminuta, ainda, a literatura bio-bibliográfica em torno da figura a um tempo humana e mental daquele que foi, segundo Agripino Grieco, "um doador de muitas festas magníficas para a nossa inteligência".

Dentre os mais seguros exegitadores da personalidade de Olavo Bilac, devemos ater-nos a três nomes e obras, que mais proximamente se encontram das nossas inclinações e do nosso juízo. Admirados amigos, criteriosamente independentes e dotados daquela simpatia esclarecida, sem a qual é difícil julgar e quase impossível sentenciar, — Melo Nóbrega, em 1939, editou um ensaio sobre o poeta, o qual merecera premiado pela Academia Brasileira de Letras; Afonso de Carvalho procedeu, em 1942, a uma análise da vida e da obra do parnasiano, de todo em todo apreciável e aliciante; e Elói Pontes, em 1944, para nos apresentar a vida exuberante de Olavo Bilac, teve de fazê-lo, ressaltando a obra do vate, do meio e da época nacionais, que se iniciaram em 1879, e decorreram até 1930, mais ou menos.

Fomos amigo e admirador de Elói Pontes, com quem pouco antes da viagem eterna, (4.II.967), discreteamos, em pleno verão carioca, ali na Cinelândia. Nossa amizade adquiriu consistência reciproca na Câmara dos Deputados, de cuja Biblioteca, rica e opulenta, era él o Diretor, e eu, então Deputado Federal, (1946-1950), freqüentador assíduo. Não foram poucas nem breves as conversas que entretivemos, sobre temas culturais. Lembramo-nos de que, certa vez, lhe dissemos, para espanto seu, que faltava um capítulo à sua obra tão louvada, biografando o poeta, a qual, mais apropriadamente deveria intitular-se "Olavo Bilac e seu tempo", a exemplo da Matthew Jasephson que escreveu "Zola and his time", de que Godofredo Rangel nos deu ótima tradução.

Sim, insistimos, um capítulo sobre "Bilac — o patriota".

Elói era tido como homem de esquerda, indefinido ou indefinível, e fechou-se imediatamente, no casulo das suas cogitações. Percebemos que talvez o houvessem desagradado, e a palavra se deteve por ali. Dias depois, él mesmo nos provocava, esclarecendo que na sua obra tratara do poeta e do serviço militar, mas não como soldado, que preexcelesse (\*) o assunto, que o não considerava importante na vida de Bilac, nem no seu livro. *Demos-lhos por satisfeitos.*

(\*) A Redação solicitou do Autor, como filólogo, esclarecer este neologismo. Eis a resposta. I) Exceler (ou excellir) do latim *excellere*, já não é verbo pouco usado, e é de regência variada. Significa exceder; avantajar-se; distinguir-se; extremar-se; ser excelente; considerar excelente. II) O verbo PREEXCELER, que neologizamos, aqui é transitivo direto e se traduz, claro, por considerar muito excelente. É a inteligência da oração é "... que (o qual soldado) considerasse o assunto muito excelente...". III) Preexceler: pre + exceler. O prefixo latino *pre*, entre pelo menos seis acepções, exprime aumento, como em predominio, preexcelente, preexcelso e preexceler. IV) Rui empregou excellir (exceler) com transitividade indireta: "... os que vêm a excellir sobre os seus conjuízes...", isto é, "... os que vêm a ser excelentes (ou extremar-se) sobre os seus conjuízes...".

Importava respeitar os critérios do biógrafo. Mas hoje, tantos anos passados, voltamos à matéria, como homenagem àquele amigo ilustre, e reafirmação do nosso reparo.

No estudo em que focalizou tão ampla e documentadamente a caminhada de Olavo Bilac, neste mundo, vemos que Elói frisa o que de psicológico é reconhecível, e é a marca da influência dos sentimentos militares na vida e na ação do poeta Olavo Bilac. Em vários capítulos, citando "Contos Pátrios" e referindo-se a Caxias e Osório, o biografista dá a impressão de estar também influenciado, marcialmente... Já ao terminar a obra, deixa escapar: "Olavo Bilac é patriota e observador. Sente que seremos transformados em meros tributários dos povos fortes, se não nos acautelarmos. O poeta sempre manteve grande admiração pelas glórias militares. Dos heroismos ficam-lhe entusiasmos indeléveis. Dos sacrifícios também." Bilac vem surgindo assim, intelectual e vibrátil, de dentro das páginas que Elói compendia, num esforço vitorioso de independência e imparcialidade. Quando se inaugurou o forte de Imbuí (1907), Bilac escreve uma crônica, elogiando o evento; elogia, também, as atividades do Exército e da Armada, em manobras; estranha a frieza dos brasileiros, diante das grandes datas históricas, contrastando com os entusiasmos das colônias italiana, francesa, alemã e britânica; recomenda a prática educacional dos exercícios físicos... E, assim, chega-se a 1915. Bilac "aceita o mandato de propagandista do serviço militar compulsório. Em 1916, com uma série de conferências, percorre as cidades principais, dizendo, entre outras coisas, que urge armar o Brasil. Armá-lo e defendê-lo. As alegações de militarismo, retruca que, quando todos os cidadãos forem soldados, ninguém terá medo de soldado; porque seria infantil e irrisório que todos os cidadãos tivessem medo de si mesmos, das sombras de si mesmos".

Mais uma conferência de Elói: "O prestígio intelectual de Olavo Bilac cresce, a esse tempo. Com o espetáculo da Guerra Européia (1914-1918), instigado por amigos, empenha-se na campanha de propaganda do serviço militar compulsório."

E aqui se detém o notável biógrafo sobre o tema que empolgou Olavo Bilac. Teria escrito mais um, talvez dois capítulos, aprofundando o significado e o esplendor das teses, com que Bilac, através de discursos e conferências, siderou e comoveu, ontem como ainda hoje, a opinião pública do país, capaz de reagir favoravelmente às solicitações dos autênticos interesses da Pátria.

Elói não apreendeu, — e nunca pudemos captar a razão dessa omissão —, que Bilac haveria de completar o ciclo de sua vida, durante a parte principal dela, a partir de 1915, dedicando-se inteiramente à edificação nacional, sob o ponto de vista cívico e patriótico. Já Melo Nóbrega lhe dedica um capítulo, tecido de aprovação e elogio; e Afonso de Carvalho lhe consagra toda uma parte do seu recomendável paginário.

## PATRIOTA E EDUCADOR

As matrizes da psicologia de Olavo Bilac estão na guerra, conceituada de forma ampla, desmedida, total. Bilac nasceu sob o signo da guerra. O pai esteve na guerra. A mãe sofreria por causa da guerra. E ele morreria mal vendo o fim da grande guerra de 1914-1918! Entretanto, não foi um soldado; foi, sim, um grande, perfeito, extraordinário poeta. Poeta e patriota; patriota e professor de entusiasmo!

Desde cedo, ele, — que foi precursor de uma campanha de alfabetização das nossas massas, com o fim de premuni-las contra os perigos das correntes imigratórias, que aqui se instalavam com suas *línguas, religiões, profissões e seus costumes e hábitos*, — bate-se, na imprensa e na tribuna das conferências pelo surgimento de uma consciência de nacionalidade, que fôsse um motivo ou critério de afirmação nacional. Assim, era um predicator admirável de virtudes morais, informando nossas vidas, desde os verdes anos. O educador vivia nêle, como o calor na luz do sol. Além do que, ele próprio, era um exemplo ambulante. Quando rapazinho do Colégio Militar, cruzávamos com Olavo Bilac, nas calçadas da Avenida Rio Branco, isso para nós era uma festa e um prêmio: Olavo Bilac! Exclamávamos, como se o mestre dos nossos corações nos transportasse a regiões miríficas. Em tertúlias, na sociedade literária do nosso conceitudo educandário, relíamos em voz alta os discursos da campanha que Bilac empreendera em prol do serviço militar, os quais a revista "A Defesa Nacional" divulgara, — e cada um de nós se sentia um outro Bilac, a levar esperanças e certezas aos irmãos brasileiros.

O patriotismo do poeta começou educando. Esta é a melhor maneira de ser patriota: amando e falando às almas e aos corações dos séres de todas as idades. Dois livros, principalmente, dão-lhe a medida da capacidade de educar, da aptidão construtiva, sob o ponto de vista ético: um, de versos de sua autoria, "Poesias Infantis"; outro, "Contos Pátrios", de parceria com o fraterno companheiro de vida intelectual, Coelho Neto, o imenso romancista de "Turbilhão" e "A Conquista".

A poesia didática é um gênero difícil, melhor diríamos dificílimo, porque, se não fôr manejada por um autêntico talento poético, descambará irrecorriavelmente para a chulice e o enfadonho. Bilac, ele mesmo declara haver-se esforçado por escrever num estilo que refugisse ao fútil. Conseguindo-o, ainda hoje o temos cantando na memória comovida de quantos, crianças há anos passados e adultos de agora, guardamos de cor os seus poemas sentimentalmente claros e sentenciosos, através de belas parábolas, e apólogos, muitas vezes gnômicos. É tão forte, tão impressiva, tão influente a sua poesia que, ao selecionar algumas, para gáudio e doutrina de quantos nos ouvem, ou vierem a ler, podemos fruir a ventura de um quadro doméstico,

muito comum nas famílias brasileiras. Começamos de ler para a netinha atenta e curiosa a história adorável de *Plutão*. Os versos, em redondilha maior, embalavam e seduziam. Pois bem, a última quadra foi-nos recitada pela filha, que a sabia ainda, desde os tempos escolares:

“Negro, com os olhos em brasa,  
Bom, fiel e brincalhão,  
Era a alegria da casa  
O corajoso Plutão.

Fortíssimo, ágil no salto,  
Era o terror dos caminhos,  
E duas vezes mais alto  
Do que o seu dono, Carlinhos.

.....  
Um dia caiu doente  
Carlinhos... Junto ao colchão  
Vivia constantemente  
Triste e abatido, o Plutão.

.....  
Foram um dia à procura  
Dêle. E, esticado no chão,  
Junto de uma sepultura,  
Acharam morto o Plutão.”

Tão férteis são os campos, as áreas morais em que se podem semear os ensinamentos de Bilac, através da poesia didática, a um tempo, natural e culta, que na verdade todas cabem nas mentes, nas almas e nos corações das crianças, dos rapazes e mocinhas, dos brotos e coroas, dos senhores e senhoras dos pais e das mães, dos avôs e das avós.

Quem não se recorda do apólogo admirável de “O Pássaro cativo”?

Vale a pena recitá-lo, ainda uma vez:

“Armas, num galho de árvore, o alçapão;  
E, em breve, uma avezinha descuidada,  
Batendo as asas, cai na escravidão.

Dás-lhe, então, por esplêndida morada  
A gaiola dobrada;  
Dás-lhe alpiste, e água fresca, e ovos, e tudo:

Por que é que, tendo tudo, há-de ficar  
O passarinho mudo,  
Arrepiado e triste, sem cantar?

É que, criança, os pássaros não falam  
Só gorgéando a sua dor exalam,  
Sem que os homens os possam entender;

Se os pássaros falassem,  
Talvez os teus ouvidos escutassem  
Este cativo pássaro dizer:

Não quero o teu alpiste!  
Gosto mais do alimento que procuro  
Na mata livre em que a voar me viste:  
Tenho água fresca num recanto escuro  
Da selva em que nasci,  
Da mata entre os verdores,  
Tenho frutas e flôres,  
Sem precisar de ti!  
Não quero a tua esplêndida gaiola!  
Pois nenhuma riqueza me consola  
De haver perdido aquilo que perdi...  
Prefiro o ninho humilde, construído  
De fôlhas sécas, plácido, e escondido  
Entre os galhos das árvores amigas...  
Solta-me ao vento e ao sol!  
Com que direito à escravidão me obrigas?  
Quero saudar as pompas do arrebol!  
Quero, ao cair da tarde,  
Entoar minhas tristíssimas cantigas!  
Por que me prendes? Solta-me, covarde!  
Deus me deu por gaiola a imensidão:  
Não me roubes a minha liberdade...  
Quero voar! Voar!...

Estas coisas o pássaro diria,  
Se pudesse falar.

E a tua alma, criança, tremeria,

### Vendo tanta alegria:

E a tua mão, tremendo, lhe abriria  
A porta da prisão..."

A guerra, em Bilac, era uma mistura de idéia e de sentimento, de sentimento obsessor. E da guerra, ele, por isso mesmo, procura tirar as razões e os motivos de suas prédicas, concitando tudo e

todos ao trabalho de evitá-la. Na poesia *O Avô* está presente esta determinação:

"Éste, que, desde a sua mocidade,  
Penou, suou, sofreu, cavando a terra,  
Foi robusto e valente, e, em outra idade,  
Servindo a Pátria, conheceu a guerra.

Combatteu, viu a morte, e foi ferido;  
e, abandonando a carabina e a espada,  
Veio, depois do seu dever cumprido,  
Tratar das terras, e empunhar a enxada.

Hoje, a custo sómente move os passos...  
Tem os cabelos brancos; não tem dentes...  
Porém remoça, quando tem nos braços  
Os dois netos queridos e inocentes.

Conta-lhes os seus anos de alegria,  
Os dias de perigos e de glórias,  
As bandeiras voando, a artilharia  
Retumbando, e as batalhas, e as vitórias...

E fica alegre, quando vê que os netos,  
Ouvindo-o, e vendo-o, e lhe invejando a sorte,  
Batem palmas, extáticos e inquietos,  
Amando a Pátria sem temer a morte!"

Deus, espirito de suprema fôrça e influênciia, preside nos nossos lares a todos os atos bons que praticamos, e perdoa a todos os maus. Daí, ter escrito o nosso José do Patrocínio que "tirar Deus da consciéncia humana é o mesmo que tirar o sol do sistema planetário!" Casimiro de Abreu o mavioso poeta romântico, alegorizou, num diálogo entre mãe e filho, à beira-mar, a idéia de Deus, "maior que o mar, mais forte que o tufão, um ser que não vemos". Pois, Bilac põe na bôca e no sentimento de um menino todo um tratado de filosofia. É o poemeto *Deus*:

"Para experimentar Otávio, o mestre  
Diz: Já que tudo sabe, venha cá!

Diga em que ponto da extensão terrestre,  
Ou da extensão celeste Deus está!"

Por um momento apenas, fica mudo  
Otávio, e logo esta resposta dá:

"Eu, senhor mestre, lhe daria tudo,  
Se me dissesse onde é que ele não está!"

Num convite aos meninos, no sentido de amar, cultuar as árvores, Bilac lhes diz por quê, num soneto que, levemente acepilhado, incluiria também em *Poesias*, volume em que enfeiou a sua produção poética, e cujas edições se sucedem como prova de que o povo continua a ler, a admirar, e a amar o seu poeta. Poeta e intérprete, como neste soneto, — *As velhas árvores*, que é um canto intemporal:

“Olha estas velhas árvores, mais belas  
Do que as árvores môças, mais amigas,  
Tanto mais belas quanto mais antigas,  
Vencedoras da idade e das procelas...

O homem, a fera e o inseto, à sombra delas  
Vivem, livres de fomes e fadigas;  
E em seus galhos abrigam-se as cantigas  
E a alegria das aves tagarelas

Não choremos jamais a mocidade!  
Envelheçamos rindo! Envelheçamos  
Como as árvores fortes envelhecem.

Na glória da alegria e de bondade,  
Agasalhando os pássaros nos ramos,  
Dando sombra e consôlo aos que padecem!”

O patriota extravasa todo o seu amor pelo Brasil, fazendo vibrar o engenho poético, com que Deus o dotou, em poesias magníficas. Na infância, apreendemos a recitar *A Pátria*:

“Ama com fé e orgulho, a terra em que nasceste!  
Criança! Não verás nenhum país como êste!

*Olha que céu! Que mar! Que rios! Que floresta!*

*A Natureza, aqui, perpetuamente* em festa,  
É um selo de mãe a transbordar carinhos.  
Vê que vida há no chão! Vê que vida há nos ninhos,

Que balançam no ar, entre os ramos inquietos!  
Vê que luz, que calor, que multidão de insetos!  
Vê que grande extensão de matas, onde impera,  
Fecunda e luminosa, a eterna primavera!

Boa terra! Jamais negou a quem trabalha  
O pão que mata a fome, o teto que agasalha...

Quem com o seu suor a fecunda e umedece,  
Vê pago o seu esforço, e é feliz, a enriquece!

Criança! Não verás nenhum país como êste:  
Imita na grandeza a terra em que nasceste!”

Mais tarde, decoramos os quatorze alexandrinos de *O Brasil*, com os quais o vate descerra para o descobridor o painel de esplendores da nova terra:

"Pára! Uma terra nova ao teu olhar fulgura!  
Detém-te! Aqui, de encontro a verdejantes plagas,  
Em carícias se muda a inclemência das vagas...  
Este é o reino da Luz, do Amor e da Fartura!"

Treme-te a voz afeita às blasfêmias e às pragas,  
Ó nauta! Olha-a, de pé, virgem morena e pura,  
Que aos teus beijos entrega, em plena formosura,  
Os dois seios que, ardendo em desejos, afagas...

Beija-a! O sol tropical deu-lhe à pele doirada  
O barulho do ninho, o perfume da rosa,  
A frescura do rio, o esplendor da alvorada...

Beija-a! é a mais bela flor da Natureza inteira!  
E farta-te do amor nessa carne cheirosa,  
Ó desvirginador da Terra Brasileira!"

Do conhecimento e amizade com Afonso Arinos, em Minas Gerais, acha Alceu Amoroso Lima que despertou em Olavo Bilac o patriota, seguido de um duplo sentimento, que dominaria, a partir dos trinta anos de idade, a sua vida e a sua obra: o nacionalismo e o tradicionalismo, que ele fundiria numa sentença única, ao agradecer, na Academia das Ciências de Lisboa, a eleição de sócio: "Em verdade, o meu nacionalismo é filho do meu tradicionalismo. Quero que a minha pátria se orgulhe da sua história."

Melo Nóbrega diz, numa página superiormente conceituada, que o patriotismo de Bilac não foi sentimento improvisado. Salientando que a obra bilaquiana transuda sentimento pâtrio, observa que o nacionalismo do poeta não é temático, mas infiltra todos os motivos, embebe as imagens, escande os ritmos, sonoriza as rimas. É que, ainda escrevendo prosa, Bilac era sempre o poeta, como neste passo, em que preconiza a pátria una, coesa: "Sejamos todos brasileiros sinceros e patriotas: é quanto basta! Só não compreendemos nem aceitamos os anarquistas sem fé, os negativistas da necessidade da pátria... Venham para nós todos os brasileiros que sintam dentro dos seus peitos o Brasil!"

A propósito, ouvimos, faz alguns dias, o nosso caro e ilustre amigo David Násser, lamentando a escassez de civismo em certa camada social, proclamar enérgicamente: "Quem quiser ser brasileiro que sinta orgulho de sua pátria, em todos os sentidos!"

Foi possuído dêsses sentimentos, que temperava com os critérios da cultura e da inteligência, que Olavo Bilac pôde escrever tão ricas e belas páginas nos *Contos Pátrios*, e depois excitar a alma nacional, segundo ainda Melo Nobrega, "saindo pelo país inteiro a pregar redenção e semear esperança", entre 1915 e 1918.

Aos *Contos Pátrios*, em que se surpreendem passagens autobiográficas, Elói Pontes algumas vezes recorre para explicar e mesmo interpretar certas facetas da psicologia bilaquiana. É um livro admirável! O continho *A Pátria* é um poema aos imponderáveis da vocação: pois, filhos e netos iriam seguir a carreira das armas. Em *O Recruta*, conta Bilac a breve história de Anselmo, um convocado que terminou amando conscientemente a bandeira e a Pátria, "cuja idéia sagrada se apresentou, nítida e bela, diante da sua alma de soldado, que compreendia, agora, que a sua vida valia menos que a honra da sua Nação!" Quando escreveu *O Bandeirante*, resumindo a façanha de Fernão Dias Pais Leme (sic), Bilac estava-se antecipando ao incomparável poema épico que intitularia "O Caçador de Esmeraldas", e que sairia dêssse conto, como o livro encantador que é *A Cidade e as Serras*, de Eça de Queiroz, teria por embrião o conto *Civilização*.

Essa obra mereceu sempre um grande relêvo na nossa literatura infantil, fértil em trabalhos que concorrem para a boa formação educacional dos jovens patrícios. Ainda nos dias correntes, *Contos Pátrios* tem grande voga, por evidentes merecimentos intrínsecos. Lemos da insigne novelista e cronista brasileira, a senhora Raquel de Queiroz, que sabia "que ela era exacerbadamente cearense, mas que, após a leitura de "Contos Pátrios", descobriu, deslumbrada, que era também brasileira!"

Olavo Bilac ainda não tivera o seu momento nacional, que desse refúlgencia e imortalidade ao seu gênio criador. Era verdade que escrevera o *Hino à Bandeira Nacional*, versos tocantes e solenes, sempre cantado por todos os brasileiros. Mas um assunto nacional, que lhe excitasse tôdas as fôrças fecundas do pensamento, como Gonçalves Dias teve o indianismo, e produziu *I-Juca-pirama*, e Castro Alves, a abolição da escravatura, e escreveu *Navio Negreiro* e *Vozes d'Africa*, — isso ainda não lhe sobreviera. Até que as reper- cussões da Primeira Grande Guerra, de 1914-1918, chegaram a sacudir o Brasil e a alertá-lo para os cuidados com a sua defesa, sob o ponto de vista militar. Então, Bilac agiganta-se apostolizando em favor da execução da lei do Serviço Militar obrigatório!

A campanha, de âmbito nacional, ganhou corpo e intensidade. Em 9 de outubro de 1915, Bilac toca a rebate, na Faculdade de Direito de São Paulo, e a mocidade acolhe a sua palavra e toma-a como um guia precioso, que visava à "definitiva constituição da nossa nacionalidade". Seguiu-se uma rumorosa série de discursos e conferências,

nas escolas e quartéis. Olavo Bilac havia encontrado o seu motivo nacional — e ei-lo vitorioso e imortal! O que foi essa campanha maravilhosa e árdua, está registrada na sua obra "Últimas Conferências e Discursos", por onde se pode percorrer o mesmo itinerário do poeta, vivendo os lúcidos momentos em que a nação soube corresponder aos anseios do seu Poeta, que pregava por sua segurança e defesa. Em plena atividade, Bilac leu a sua *Oração à Bandeira*, ali no Batalhão Naval, no dia 19 de novembro de 1915. Foi um êxito absoluto! O texto passou a comover o país, do norte ao sul: "Bendita sejas para todo o sempre, bandeira do Brasil", era a oração do credo e da confiança, que Olavo Bilac disseminava.

Mais de dez lustros se passaram sobre os momentos significativos da exaustiva pregação do poeta, que mostrava nações a entredorvorar-se, e outras ameaçadas na sua soberania. Era preciso, urgia mesmo, cuidar da defesa nacional, interna e externamente: e isto era, precisamente, o fim, a razão, o destino do apostolado do poeta. Todos os avisos, todas as advertências, todos os conselhos, — foram lançados à consciência pátria, que deu apoio à campanha e transformou-a em esplêndida realidade, passando a cuidar de sua segurança, — por que, em 1915, como em 1968, usando ainda palavras de Raquel de Queiroz, "neste mundo feroz, até para ser pacifista, a gente tem de aprender a brigar, — pior, tem de viver de armas na mão!"

Olavo Bilac se tornava, assim, qual se diria hoje, um poeta participante, "que se entregava com entusiasmo a campanhas cívicas, a lutas democratizantes", como acentua o brilhante polígrafo Antônio Olinto.

#### PRESENÇA DE OLAVO BILAC

Há cinqüenta anos, falecia Olavo Bilac, nesta cidade do Rio de Janeiro, que lhe foi berço, e onde o seu gênio esplendeu com luminosa pujança. A nossa geração, que o admirou e amou, vibrava à leitura dos seus versos, os mais belos e perfeitos que já se escreveram em língua português, falada no Brasil, — e dos seus discursos persuasivos e altiloquientes, com que fêz estremecer todo o país, evangelizando a execução da lei que tornava obrigatório o serviço militar.

Não chegou a ver a edição do livro da maturidade do seu espírito harmonioso, *Tarde*, em que o soneto *Pátria* é um preconício dos seus exaltados e orgulhosos sentimentos de brasiliade:

"Pátria, latejo em ti, no teu lenho, por onde  
Círculo! E sou perfume, e sombra, e sol, e orvalho!  
E, em seiva, ao teu clamor a minha voz responde,  
E subo do teu cerne ao céu de galho em galho!"

Dos teus liquens, dos teus cipós, da tua fronde  
 Do ninho que gorjeia em teu doce agasalho,  
 Do fruto a amadurecer que em teu seio se esconde,  
 De ti —, rebento em luz e em cânticos me espalho!

Vivo, choro em teu pranto; e, em teus dias felizes,  
 No alto, como uma flor, em ti, pompeio e exulto!  
 E eu, morto, sendo tu cheia de cicatrizes,

Tu golpeada e insultada, — eu tremerei sepulto:  
 E os meus ossos no chão, como as tuas raízes,  
 Se estorcerão de dor, sofrendo o golpe e o insulto!

Mas chegou a perceber e sentir os resultados da pregação cívica, que iniciara em 9 de outubro de 1915, junto aos estudantes da Faculdade de Direito de São Paulo: "Que é o serviço militar generalizado? — É o triunfo completo da democracia; o nivelamento das classes; a escola da ordem, da disciplina, da coesão."

Tôda a nação palpou de entusiasmo, ouvindo a voz conclamatória do seu nobre e maior poeta, que, desde 1904, pugnava contra a dilatação, entre nós, "do império da ignorância e da irresponsabilidade"! O mundo estava em guerra, pois a Europa era palco da tremenda refrega bélica, que durou de agosto de 1914 a novembro de 1918. Então, começou-se a pensar em termos de defesa nacional, criando-se um estado de alerta psicológico, e convocando-se todos os brasileiros para a preservação da Pátria, ameaçada sempre possivelmente pela cobiça dos povos imperialistas. Olavo Bilac foi o campeão vitorioso, o centro de irradiação dessa campanha meritória, que ajudou o Brasil a continuar de pé e inatingido pela cupidez dos expansionistas, armados ou não.

Empolgado pela missão de esclarecer seus compatriotas, Bilac todo se deu à intensidade sobre-humana de um apostolado cívico, que certamente lhe terá abreviado os dias, mas que lhe trouxe a invejável glória de realizar, no momento oportuno, a obra de consolidar a segurança nacional, com a implantação do serviço militar obrigatório. Para que eternamente seja isto lembrado, comemora-se a 16 de dezembro, genetíaco do poeta, o dia do nosso Reservista!

Segurança nacional — significa preparação do povo em geral, técnica e espiritualmente, para enfrentar a guerra — convencional, revolucionária, nuclear. Assim, deve-se ter presente que as condições de ordem política, econômica, financeira, psicossocial, religiosa, racial, cultural, trabalhista, — deverão informar e alimentar o sentido militar de segurança nacional. No mundo moderno, qualquer descuido ou concessão, a êste respeito, poderá implicar a perda, a supressão da nacionalidade!

É básico para a segurança nacional o serviço militar obrigatório, que tem por fim prover as nossas fôrças armadas do pessoal de que necessitam para as suas atividades diversificadas, específicas, complexas. É regular, periódica, anual a realização desse serviço, por cujo intermédio se criam e formam as reservas, conjuntos de soldados, marinheiros e aeronautas, dos quais a nação se valerá, nas horas de perigo ou de luta empenhada. Em face da problemática da guerra moderna, é imperiosa a constituição de reservas militares, aptas a atender ao apelo nacional de entrada em ação de guerra.

Mas nosso país não dispõe ainda de recursos orçamentários capazes de custear uma fôrça armada correspondente ou proporcional à sua população e ao seu território. Assim é que menos de metade, apenas, de jovens conscritos, anualmente, presta o serviço militar obrigatório e universal.

Entretanto, para obviar patriótica e devotadamente essa deficiência, de que ninguém tem culpa, — nos meios civis e militares se vem desenvolvendo um intenso trabalho de instrução e convencimento em torno da segurança nacional, pois a guerra, — nuclear, revolucionária, ou convencional, repita-se, — quando eclode, acarreta consequências catastróficas para os povos inadvertidos e desatentos à sua segurança que, afinal, é tanto militar quanto civil, na extensa, lata, generalizada acepção do termo.

Bilac apreendeu este sentido amplo do problema e consagrhou-se a uma pregação unívoca e nacional do serviço militar: por isso é que logrou êxito!

Dizia ele, um intelectual civil e da maior fama, dirigindo-se aos militares, no Clube Militar: "Se praticastes erros, também os praticamos nós, os civis. Se dêsses erros comuns nasceu o funesto divórcio, que separou durante tantos anos o elemento civil e o elemento militar, nasça agora, da confissão e da reparação de todos os desvios e de tôdas as faltas, um consórcio firme e perpétuo."

Como são atuais estas palavras e estes sentimentos!

Sem temer o espantalho do militarismo, de que a estratocracia seria a expressão política, Olavo Bilac interpretava os anseios civis de toda a nação, dirigindo-se aos paulistas: "...o quartel não é mais estufa abafada, em que os corpos se estiolem, prisão vergonhosa em que o amor próprio feneça, degrêdo aviltante em que a dignidade se rebaixe. Já todos sabem que o alojamento militar é escola, ginásio e oficina. Vi os sorteados contentes e orgulhosos, obedecendo aos oficiais, não como reses obedecem a pastores, mas como almas que escutam outras almas, como homens disciplinados que aprendem com os seus irmãos mais velhos."

Já no centro de formação de professores da capital bandeirante, havia imaginado a Pátria exortando o mestre, com estas palavras que

emblemam um conceito tão pródigo, tão penetrante, tão oportuno, que merece realce e grifo: "O professor, quando professa, já não é um homem: élé é a Pátria." Esta lhe diz: "És o representante direto da minha força e da minha necessidade; hás de dar-me homens dignos da humanidade, brasileiros dignos do Brasil; hás de dar-me filhos conscientes e disciplinados, e não filhos desnaturalados e pérfidos. Elevo-te a este caráter divino, para que sejas um criador e não um destruidor, — um gerador de patriotas, e não um formador de anarquistas"!

Bilac é, por tudo isto, uma voz nacional, atuante, permanente e eterna!

## AVISO IMPORTANTE

Aos Srs. Assinantes:

1. O valor da assinatura a partir de 1969 (NCrS 5,00), não mais será descontado em fôlha, devendo ser remetido diretamente à Redação, mediante cheque, pelo assinante.
2. A revista publicará, em cada número, a relação dos que remeteram aquela importância, valendo essa transcrição como recibo para o interessado.
3. Se até a distribuição do 2.º número subsequente à data da remessa da importância não fôr publicado o nome do assinante, solicitamos ao interessado informar-nos com a maior brevidade, a fim de que sejam tomadas as medidas necessárias.
4. Aquêles que o desejarem, poderão efetuar o pagamento diretamente na Redação, sendo o recibo passado conforme o n.º 2 acima.
5. Encarecemos a todos, a necessidade de manterem atualizados seus endereços a fim de que não haja retardo ou extravio na expedição dos exemplares e a Direção da revista possa alcançar o objetivo visado com a publicação deste Aviso.

# **UM PROJETO RONDON AMAZONENSE**

**HELIANDRO MAIA**

Professor Universitário

Inegavelmente, o Projeto Rondon Nacional, se bem que representa para as regiões por él atingidas um rápido e passageiro lenitivo, é um dos maiores êxitos do Governo Central, fazendo-nos recordar a grandeza de uma nova fase pioneira, de um pioneirismo altamente especializado, onde predomina o universitário brasileiro, hoje integralmente absorvido pelas responsabilidades de futuro dirigente desse País, sincera aspiração do Executivo Federal.

O Amazonas já pode orgulhar-se de sua Universidade, de uma latente, e o que é fermidável, pura conscientização universitária, muito embra o pouco tempo de sua efectiva implantação. E neste exato momento em que o jovem estudante amazonense, na maioria das vêzes sem perspectiva no passado, tem absoluta certeza de cursar, em sua própria capital, os bancos acadêmicos, não podemos nos esquecer das figuras de Arthur Cézar Ferreira Reis, o grande amazonólogo patrício, o fundador da Universidade do Amazonas, e Jauray de Souza Marinho, seu Magnífico Reitor e consolidador.

Não é segredo para ninguém o drama do hinterlandino amazonense, de seu heroísmo, de sua luta no dia-a-dia da imensidão do Vale, perdido, desorientado, com a única certeza dos dias e das noites.

E o normal nesse submundo ocorre: remadas de vinte e quatro horas ou mais, com a mulher e filhos a reboque na montaria, para extrair, no arraial mais próximo, um espinho encurvado no corpo forjado no seu campo de batalha: a selva; o chôro da mãe-menina confunde-se com o borbulhar das águas do rio ao dar à luz ao filho que não viveu e que poderia ter vivido; sepulta-se na orla da trilha por ele aberta, símbolo de sua existência, o seringueiro vítima de uma simples infecção cutânea; mal entrado na adolescência, o nosso interiorano não possui sua dentição natural; os mais simples princípios de higiene são por él desconhecidos — eis aí, raríssimas exceções, a dura e cruel realidade do interior amazonense.

Nessa Universidade conta atualmente com mais de 2.600 universitários, distribuídos pelas suas 7 faculdades e centros de estudos. O universitário brasileiro tem hoje plena convicção de que o Brasil iniciou, em passos geométricos, a arrancada desenvolvimentista que o alinhará, em futuro breve, entre as maiores potências mundiais, e, mais certo ainda, de que de seu esforço, inteligência e tenacidade depende nosso triunfo final, aceitou o desafio e lança-se soberba e des temidamente à luta.

Com o apoio do Executivo Estadual — e para isso torna-se desnecessário o dispêndio de somas vultosas — a Universidade do Amazonas formaria grupos iniciais de trinta ou mais universitários pertencentes aos cursos de Medicina, Odontologia, Farmácia, Serviço Social, e mesmo Administração, Economia e Direito, que se deslocariam, em um primeiro estágio que diríamos experimental, nos fins de semanas, para os municípios periféricos de Manaus.

Não sómente prestariam assistência social-médico-dentária àquelas coletividades, como também fariam amplo levantamento sócio-econômico do Estado, além de orientarem na técnica da moderna administração os executivos locais.

E por ocasião das férias, já com a experiência adquirida, alargar-se-

ia o horizonte, cobrindo-se, em alguns meses, todo o nosso território.

Apenas entristece-me não ser mais universitário, mas tivesse tido tão sublime oportunidade, não vacilaria em abraçá-la com toda dedicação e amor. E esta, não me iludo, é a resposta de todos os universitários do Estado do Amazonas.

Que se unam a Universidade do Amazonas e o Governo do Estado para a concretização de um Projeto Rondon Amazonense!

#### Observações:

*Montaria*: pequena canoa usada na Amazônia, o que há de mais importante para o homem do interior amazônico.

*Trilha*: no sentido que usei, significa "a estrada", especificamente amazônica, i.e., a estrada da seringa ou do seringal, muitas vezes afastada quilômetros e quilômetros da cabana do seringueiro.



**G. R. Schmid & Cia. Ltda.**

**PAPELARIA — TIPOGRAFIA — MATERIAL  
DE DESENHO — MATERIAL DE LIMPEZA**

**Rua Teófilo Otôni, 113-3º — Tel. 43-9462**

**RIO DE JANEIRO**

*Na guerra determinação; na derrota bravura; na vitória magnanimidade; na paz boa vontade.*

**W. CHURCHILL**

# **UM ESTUDO SÔBRE PREVENÇÃO CONTRA INCÊNDIOS**

**HELANDO MARQUES DE SOUZA**  
Cap do Corpo de Bombeiros da GB

## **SUMÁRIO**

- 1. GENERALIDADES**
- 2. SÍNTESE: a situação dos incêndios**
- 3. CONCLUSÕES**

### **1 — GENERALIDADES**

a. A conjuntura atual da Nação encara um imperativo histórico: desenvolver-se. A elevada taxa de crescimento demográfico e o progresso constante impelem o País ao desenvolvimento, desenvolvimento êste que se ramifica e se emaranha por todos os pontos, açambarcando a todos os patriotas, pedindo-lhes os esforços como sustentáculo ... e a Nação cresce, se emancipa econômicamente, atinge ápices mais elevados, entretanto ... de repente, se incendeia aqui e ali — sómente por não ter em seu dorso a sombra protetora da Defesa Civil.

#### **URGE POIS:**

- 1) Que nós, da Defesa Civil, acompanhemos de perto o progresso do País, fazendo correr com êle, em paralelo, o amparo ao povo, e que esta nossa missão seja nobre sim, mas concluindo na íntegra o seu nato, seu primordial objetivo de dar tranqüilidade aos que trabalham, dar tranqüilidade aos que amam o solo da Pátria.
  - 2) Que no momento atual se evolua no conceito de Defesa Civil chegando mesmo a uma definição funcional adequada.
  - 3) Que também se acompanhe de perto a moderna tecnologia, mormente no que concerne às catástrofes, aos incêndios gigantescos, inundações, e à Defesa Civil na guerra, pois, ainda não esquecemos que “em se preparando para a guerra, mantemos a paz”. Inclusive preparando uma sólida proteção para o povo.
- b. Os estudos reunidos no presente volume visam a completar informações deduzíveis dos dados estatísticos já existentes. Poderão ser útilmente aproveitados para posteriores reformas de âmbito nacional no campo da luta contra incêndios na Defesa Civil. Talvez se inicie aqui uma fase de divulgação de estatísticas, com o intuito de atender à neces-

sidade que o progresso e o crescimento demográfico impõem e também atender aos estudos e programas de ação educacional da prevenção contra incêndios.

*Os métodos de prevenção contra incêndios tornar-se-iam obsoletos, se não fôssem logo praticados.*

O que importa, realmente, é que seja colocada em funcionamento toda técnica existente nesse vasto campo.

Induzir o povo a êsse caminho caberia a nós, incutindo na população a idéia de que prevenir é remediar. Assim estaríamos em comunhão com nossos princípios de formação, atuando no sentido de educar o povo na segurança contra incêndios, inundações etc., por intermédio da propaganda aliada com a psicologia aplicada, e fiel às normas de prevenção.

c. Este documento pretende atingir aos seguintes objetivos básicos:

I. Mostrar a necessidade de se acelerar a prática da prevenção contra incêndios, acidentes, inundações, etc.

II. Mostrar a importância da propaganda atuando no campo da prevenção contra incêndios.

d. Consta, em síntese:

— análise de números relativos a incêndios ocorridos no Brasil, na sua evolução, nos anos de 1959, 1961, 1962 e 1963. Procura-se determinar qual o sentido do desenvolvimento da quantidade de incêndios e quais as necessidades que deverão ser atendidas; em outra, demonstra-se que o fogo pode causar, na variação de sua intensidade, quando descontroladamente se manifesta. Finalmente na última parte, uma síntese do que foi estudado.

e. Em suma, sob aspecto objetivo, este trabalho se destaca no seu todo, em uma informação sobre a situação dos incêndios no Brasil. No decorrer dessa informação surgem problemas concernentes, os quais são estudados em paralelo.

f. Os dados mais atualizados conseguidos foram os relativos ao ano de 1963.

g. O estudo foi elaborado de forma que englobe o assunto sob todos os seus prismas de prevenção, ou relativo a ela.

h. A prevenção contra incêndios se faz necessária desde os primórdios da humanidade. Sua evidência se define sob todos os aspectos: aflora no que concerne ao bem-estar da população e à segurança dos que trabalham.

*O esforço por uma prevenção mais adequada pode representar decisiva contribuição para um Brasil melhor, mais tranquilo e seguro.*

## 2 — SÍNTESE — A SITUAÇÃO DOS INCÊNDIOS

### A. Características dos incêndios no Brasil

#### (1) Dados básicos:

- a. Os incêndios ocorridos durante a noite são os mais perigosos, pôsto que, geralmente, têm danificado maior parte das propriedades.
- b. Os descuidos com a eletricidade causam grande parte dos incêndios ocorridos.
- c. No ano de 1963 o Brasil sofreu cerca de 4.072 incêndios, dos quais, mais da metade ocorreu durante a noite e 1.714 em residências (825 causados por curto-circuitos), causando 151 mortos e 360 feridos.
- d. Não foram obtidos os dados relativos aos prejuízos causados pelos incêndios, contudo não se desconhece sua elevada soma.
- e. O número de incêndios está condicionado ao desenvolvimento, ao progresso e à condensação populacional.

#### (2) Nos Estados:

4. O Estado de São Paulo tem sido sempre o mais vitimado pelos incêndios. Em 1963 este Estado sofreu cerca de 1.832 sinistros (quase a metade do total de números de incêndios no Brasil) dos quais 376 por curto-circuito, ao todo causando 17 mortos e 36 feridos. Este elevado número corresponde a mais de 4 vezes o número de incêndios ocorrido no Estado da Guanabara! (474 incêndios no mesmo ano).

b. Além de São Paulo os Estados mais vitimados por incêndios, até então, foram: Guanabara, Paraná, Minas Gerais, Rio Grande do Sul, Estado do Rio e Pernambuco.

c. Pontas de cigarro causaram cerca de 61 incêndios em São Paulo em 1963.

#### (3) Situação por Área Geográfica:

##### (a) Área Norte

a. Esta Área é composta pelos Estados do Amazonas, Pará e Acre; territórios do Amapá, Rondônia e Roraima.

b. Nesta Área, no ano de 1963, ocorreram cerca de 55 incêndios, apenas.

c. Contudo, dos 55 incêndios, 29 foram de extensão total (mais da metade do total da Área).

d. O Estado onde ocorreu maior número de incêndios foi o do Amazonas, com 27 incêndios, dos quais 18 de extensão total (mais que a metade).

e. A Norte é a Área que apresenta menor índice de incêndios.

f. É de se concluir que apesar de reduzido número de incêndios ocorridos nesta área, a maior parte dêles não foi dominada a contento, o que indica uma possível deficiência nos meios de extinção locais.

sidade que o progresso e o crescimento demográfico impõem e também atender aos estudos e programas de ação educacional da prevenção contra incêndios.

*Os métodos de prevenção contra incêndios tornar-se-iam obsoletos, se não fôssem logo praticados.*

O que importa, realmente, é que seja colocada em funcionamento toda técnica existente nesse vasto campo.

Induzir o povo a êsse caminho caberia a nós, incutindo na população a idéia de que prevenir é remediar. Assim estariamos em comunhão com nossos princípios de formação, atuando no sentido de educar o povo na segurança contra incêndios, inundações etc., por intermédio da propaganda aliada com a psicologia aplicada, e fiel às normas de prevenção.

c. Este documento pretende atingir aos seguintes objetivos básicos:

I. Mostrar a necessidade de se acelerar a prática da prevenção contra incêndios, acidentes, inundações, etc.

II. Mostrar a importância da propaganda atuando no campo da prevenção contra incêndios.

d. Consta, em síntese:

— análise de números relativos a incêndios ocorridos no Brasil, na sua evolução, nos anos de 1959, 1961, 1962 e 1963. Procura-se determinar qual o sentido do desenvolvimento da quantidade de incêndios e quais as necessidades que deverão ser atendidas; em outra, demonstra-se que o fogo pode causar, na variação de sua intensidade, quando descontroladamente se manifesta. Finalmente na última parte, uma síntese do que foi estudado.

e. Em suma, sob aspecto objetivo, este trabalho se destaca no seu todo, em uma *informação* sobre a situação dos incêndios no Brasil. No decorrer dessa informação surgem problemas concernentes, os quais são estudados em paralelo.

f. Os dados mais atualizados conseguidos foram os relativos ao ano de 1963.

g. O estudo foi elaborado de forma que englobe o assunto sob todos os seus prismas de prevenção, ou relativo a ela.

h. A prevenção contra incêndios se faz necessária desde os primórdios da humanidade. Sua evidência se define sob todos os aspectos: aflora no que concerne ao bem-estar da população e à segurança dos que trabalham.

*O esforço por uma prevenção mais adequada pode representar decisiva contribuição para um Brasil melhor, mais tranquilo e seguro.*

## 2 — SÍNTESSE — A SITUAÇÃO DOS INCÊNDIOS

### A. Características dos incêndios no Brasil

#### (1) Dados básicos:

- a. Os incêndios ocorridos durante a noite são os mais perigosos, posto que, geralmente, têm danificado maior parte das propriedades.
- b. Os descuidos com a eletricidade causam grande parte dos incêndios ocorridos.
- c. No ano de 1963 o Brasil sofreu cerca de 4.072 incêndios, dos quais, mais da metade ocorreu durante a noite e 1.714 em residências (825 causados por curto-circuitos), causando 151 mortos e 360 feridos.
- d. Não foram obtidos os dados relativos aos prejuízos causados pelos incêndios, contudo não se desconhece sua elevada soma.
- e. O número de incêndios está condicionado ao desenvolvimento, ao progresso e à condensação populacional.

#### (2) Nos Estados:

4. O Estado de São Paulo tem sido sempre o mais vitimado pelos incêndios. Em 1963 este Estado sofreu cerca de 1.832 sinistros (quase a metade do total de números de incêndios no Brasil) dos quais 376 por curto-circuito, ao todo causando 17 mortos e 36 feridos. Este elevado número corresponde a mais de 4 vezes o número de incêndios ocorrido no Estado da Guanabara! (474 incêndios no mesmo ano).
- b. Além de São Paulo os Estados mais vitimados por incêndios, até então, foram: Guanabara, Paraná, Minas Gerais, Rio Grande do Sul, Estado do Rio e Pernambuco.
- c. Pontas de cigarro causaram cerca de 61 incêndios em São Paulo em 1963.

#### (3) Situação por Área Geográfica:

##### (a) Área Norte

- a. Esta Área é composta pelos Estados do Amazonas, Pará e Acre; territórios do Amapá, Rondônia e Roraima.
- b. Nesta Área, no ano de 1963, ocorreram cerca de 55 incêndios, apenas.
- c. Contudo, dos 55 incêndios, 29 foram de extensão total (mais da metade do total da Área).
- d. O Estado onde ocorreu maior número de incêndios foi o do Amazonas, com 27 incêndios, dos quais 18 de extensão total (mais que a metade).
- e. A Norte é a Área que apresenta menor índice de incêndios.
- f. É de se concluir que apesar de reduzido número de incêndios ocorridos nesta área, a maior parte dêles não foi dominada a contento, o que indica uma possível deficiência nos meios de extinção locais.

(b) *Área Nordeste*

- a. Esta Área compreende os Estados do Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco e Alagoas. É o território de Fernando de Noronha.
- b. Esta é a Área de maior número de Estados no Brasil.
- c. Nesta Área, no ano de 1963, ocorreram cerca de 311 incêndios.
- d. Dos 311 incêndios ocorridos, 72 foram de extensão total, por conseguinte, não dominados, de pronto, em seus princípios.
- e. O Estado onde ocorreu maior número de incêndios foi o de Pernambuco, com 108 incêndios, dos quais, apenas 4 foram de extensão total.
- f. É de se concluir que com 311 incêndios, sómente 72 foram de extensão total, o que indica um índice já, possivelmente, melhor de meios de extinção em relação a Área Norte.

(c) *Área Leste*

- a. Esta Área compreende os Estados de Sergipe, Bahia, Minas Gerais, Espírito Santo, Rio de Janeiro e Guanabara.
- b. Nesta Área, no ano de 1963, ocorreram cerca de 1.009 incêndios.
- c. Dos 1.009 incêndios ocorridos, 146 tiveram extensão total.
- d. O Estado onde ocorreu maior número de incêndios foi o da Guanabara, com 474 incêndios, dos quais, 46 foram de extensão total.
- e. É de se concluir que com 1.009 incêndios, 146 foram de extensão total na Área Leste, onde permanece a idéia de razoáveis meios de extinção.
- f. Esta Área é a de maior densidade demográfica, o que a classifica como de maior importância para futuros estudos.

(d) *Área Centro Oeste*

- a. Esta Área compreende os Estados de Mato Grosso, Goiás e Distrito Federal.
- b. Nesta Área, no ano de 1963, ocorreram cerca de 126 incêndios.
- c. Dos 126 incêndios ocorridos, 42 foram de extensão total.
- d. No Distrito Federal foi onde ocorreu maior número de incêndios, na área Centro Oeste, com 62 sinistros, dos quais 21 de extensão total.
- e. A importância principal desta região é que nela se encontra o Distrito Federal. Brasília é praticamente uma cidade nova, mas em constante progresso. A tendência é que aumente sua população o que deverá ser considerado para futuros estudos de Prevenção na Área.

(e) *Área Sul*

- a. Esta Área comprehende os Estados de São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.
- b. Ocorreram em 1963 cerca de 2.571 incêndios.
- c. Dos 2.571 incêndios, apenas 357 tiveram extensão total.
- d. O Estado onde ocorreu maior número de incêndios foi o de São Paulo, com 1.382 incêndios, dos quais sómente 83 tiveram extensão total.
- e. É de se concluir que com 2.571 incêndios apenas 357 tiveram extensão total, o que indica possivelmente boa atuação dos meios locais de extinção.
- f. Esta é a Área onde a taxa de incêndios é a mais elevada. Mais da metade dos incêndios ocorridos no Brasil, aconteceram nela.
- g. São Paulo é o Estado de maior número de incêndios do Brasil. Quase a metade dos incêndios, ocorridos, em 1963, no País, verificaram-se neste Estado.
- h. Em São Paulo, no mesmo ano de 1963, sómente 83 incêndios tiveram extensão total, o que representa um índice satisfatório em relação aos demais Estados.

B. *Situação dos incêndios no Mundo*

(1) Os incêndios, nos países mais desenvolvidos, são encarados com muito mais seriedade, tendo em vista a constante tensão internacional de atentado à paz existente.

(2) Cada ano nos Estados Unidos, mesmo em tempo de paz, os incêndios acabam, em média, com mais de 10.000 vidas e danificam milhões de dólares em propriedades.

(3) Nenhuma estimativa é possível para determinar qual a provável taxa de incêndios se qualquer País se tornasse alvo de ataques atômicos

(4) O fogo causou 80% dos danos da Bomba Atômica na Guerra Mundial.

(5) Segundo estudos estatísticos, os incêndios mataram muito mais gente na Alemanha e no Japão que tôdas as explosões das bombas Arrasa-quarteirão na 2<sup>a</sup> Guerra Mundial.

(6) Proprietários na Inglaterra, muito dêles mulheres, com êxito, dominaram vários incêndios na 2<sup>a</sup> Guerra Mundial. Em alguns casos, as bombas provocaram incêndios em tôdas as casas numa rua e ainda assim tôdas elas foram salvas. Numa cidade, 150 princípios de incêndios foram provocados por um ataque repentino; apenas 2 se agigantaram a tal ponto que o Serviço de Extinção de Incêndios teve que intervir.

C. Comparação com a população

(1) População, Área, Número de Incêndios e Número de Incêndios de Extensão Total Ocorridos nas Áreas Geográficas e em Determinadas Unidades da Federação. Ano de 1963.

Unidades da Fed e Áreas Geográficas	ÁREA		População (1 000 hab) Estimada em 1 Set 60 para o ano de 1963	Total do número de incêndios ocorridos	n.º de incêndios de extensão total (**)
	Total (km <sup>2</sup> )	%			
M. Gerais .....	587.172	6,90	10.471	303	52
Rio de Janeiro .....	42.912	0,50	3.807	128	26
Guanabara .....	1.356	0,02	3.627	474	46
São Paulo .....	247.998	2,91	14.338	1.832	83
Paraná .....	199.554	2,34	5.253	348	128
R. G. do Sul .....	282.184	3,32	5.878	262	91
D. Federal .....	5.814	0,07	...(**)	62	21
<b>Áreas Geográficas :</b>					
Norte .....	3.581.180	42,07	2.864	55	29
Nordeste .....	965.652	11,35	16.703	311	72
Leste .....	1.260.057	14,80	26.812	1.009	146
Sul .....	825.621	9,70	27.712	2.571	357
Centro Oeste .....	1.879.455	22,08	3.520	126	42
Brasil .....	8.511.965	100,00	77.521	4.072	646

(\*) Em 1 de setembro de 1960, o Distrito Federal, possuía 142.000 habitantes. Não consta estimativa para 1963.

(\*\*) Diz-se incêndios de extensão "total" dos incêndios que destróem toda a propriedade, ou se verificam em todos os seus pavimentos.

d. Perspectivas para as ocorrências dos incêndios no Brasil

(1) Se observarmos os quadros relativos aos incêndios ocorridos, por Unidades da Federação, nos anos de 1959, 61, 62 e 63, podemos constatar um aumento de 777 incêndios no ano de 1962 para 1963.

(2) Evidentemente a taxa de incêndios tende a aumentar, posto que, ela está condicionada ao crescimento demográfico e ao consequente aumento de densidade populacional.

(3) Junto com a taxa de incêndios crescerá também a dos "Incêndios de Extensão Total", salvo se providências forem tomadas no sentido de não só atualizar os efetivos das Unidades de combate a incêndio como também ampliar os materiais de extinção das mesmas.

(4) As perspectivas se farão sentir drásticas se as autoridades Governamentais ficarem inertes ao problema, uma vez que o país encontra-se em fase de desenvolvimento e consequente progresso, expandindo-se em todos os setores.

(5) Já, se a prevenção contra incêndios fôr levada adequadamente ao povo, ficará reduzido, não só o número de incêndios, como o de vítimas.

### 3 — CONCLUSÕES

#### 1. *Constatação* (situação)

- a. O número dos incêndios tem sido bastante elevado, considerando-se a densidade populacional das regiões.
- b. Os meios de extinção têm se mostrado deficiente, considerando-se a extensão do território nacional e o incremento populacional.
- c. Os projetos de ampliação ou de instalação de novas unidades de combate a incêndio em todo o Brasil se verificam de maneira lenta, o que permitirá apenas melhorar e não atingir a um ideal de prevenção.
- d. As áreas onde ocorre maior número de incêndio no País são a Leste e Sul.
- e. São Paulo e Guanabara são os mais vitimados.
- f. Em São Paulo, em 1963, dos 1.832 incêndios ocorridos, sómente 83 tiveram extensão total o que permite acusar uma certa eficiência dos meios de combate naquele Estado; tal não aconteceu em Brasília, onde no mesmo ano, os incêndios de extensão total foram quase a metade do número total de incêndios, onde claramente se evidencia a deficiência dos meios de extinção naquela Capital.
- g. Os incêndios causam prejuízos elevadíssimos à Nação.
- h. Os incêndios colocam em risco a vida da população.
- i. Os incêndios põem em perigo a Segurança Nacional.
- j. A luta contra o fogo é parte indispensável de uma sólida Defesa Civil.
- l. Os incêndios durante a noite são mais perigosos e quase sempre causam grande prejuízo.

#### 2. *Conclusões*

- a. A grande quantidade de incêndios de extensão total é causada, em grande parte, pelo reduzido número de meios de extinção.
- b. A grande quantidade de incêndios ocorridos, causados por despicância (curto-circuito, balões, pontas de cigarro, etc) são prova cabal do atual desconhecimento da população no que diz respeito a "Prevenção Contra Incêndios".
- c. A propaganda da Prevenção (distribuição de folhetos, elaboração de cursos, etc) forçosamente fará crescer o interesse geral reduzindo, evidentemente, o número de sinistros para os próximos anos.
- d. Conseqüentemente estarão reduzidos os prejuízos dos cofres nacionais, contribuindo para isso sejam postos em prática os meios existentes de Prevenção.
- e. O País tem possibilidades de, pelo menos, manter sua população conhecedora das normas básicas de prevenção contra incêndios, sem grandes despesas orçamentárias.

C. Comparação com a população

(1) População, Área, Número de Incêndios e Número de Incêndios de Extensão Total Ocorridos nas Áreas Geográficas e em Determinadas Unidades da Federação. Ano de 1963.

Unidades da Fed e Áreas Geográficas	ÁREA		População (1 000 hab) Estimada em 1 Set 60 para o ano de 1963	Total do número de incêndios ocorridos	n.º de incêndios de extensão total (**)
	Total (km <sup>2</sup> )	%			
M. Gerais .....	587.172	6,90	10.471	303	52
Rio de Janeiro .....	42.912	0,50	3.807	128	26
Guanabara .....	1.356	0,02	3.627	474	46
São Paulo .....	247.398	2,91	14.338	1.832	83
Paraná .....	199.554	2,34	5.253	348	128
R. G. do Sul .....	282.184	3,32	5.878	262	91
D. Federal .....	5.814	0,07	...(**)	62	21
<b>Áreas Geográficas :</b>					
Norte .....	3.581.180	42,07	2.864	55	29
Nordeste .....	965.652	11,35	16.703	311	72
Leste .....	1.260.057	14,80	26.812	1.009	146
Sul .....	825.621	9,70	27.712	2.571	357
Centro Oeste .....	1.879.455	22,08	3.520	126	42
Brasil .....	8.511.965	100,00	77.521	4.072	646

(\*) Em 1 de setembro de 1960, o Distrito Federal, possuía 142.000 habitantes. Não consta estimativa para 1963.

(\*\*) Diz-se incêndios de extensão "total" dos incêndios que destróem toda a propriedade, ou se verificam em todos os seus pavimentos.

d. Perspectivas para as ocorrências dos incêndios no Brasil

(1) Se observarmos os quadros relativos aos incêndios ocorridos, por Unidades da Federação, nos anos de 1959, 61, 62 e 63, podemos constatar um aumento de 777 incêndios no ano de 1962 para 1963.

(2) Evidentemente a taxa de incêndios tende a aumentar, posto que, ela está condicionada ao crescimento demográfico e ao consequente aumento de densidade populacional.

(3) Junto com a taxa de incêndios crescerá também a dos "Incêndios de Extensão Total", salvo se providências forem tomadas no sentido de não só atualizar os efetivos das Unidades de combate a incêndio como também ampliar os materiais de extinção das mesmas.

(4) As perspectivas se farão sentir drásticas se as autoridades Governamentais ficarem inertes ao problema, uma vez que o país encontra-se em fase de desenvolvimento e consequente progresso, expandindo-se em todos os setores.

(5) Já, se a prevenção contra incêndios fôr levada adequadamente ao povo, ficará reduzido, não só o número de incêndios, como o de vítimas.

### 3 — CONCLUSÕES

#### 1. *Constatação (situação)*

- a. O número dos incêndios tem sido bastante elevado, considerando-se a densidade populacional das regiões.
  - b. Os meios de extinção têm se mostrado deficiente, considerando-se a extensão do território nacional e o incremento populacional.
  - c. Os projetos de ampliação ou de instalação de novas unidades de combate a incêndio em todo o Brasil se verificam de maneira lenta, o que permitirá apenas melhorar e não atingir a um ideal de prevenção.
  - d. As áreas onde ocorre maior número de incêndio no País são a Leste e Sul.
  - e. São Paulo e Guanabara são os mais vitimados.
  - f. Em São Paulo, em 1963, dos 1.832 incêndios ocorridos, sómente 83 tiveram extensão total o que permite acusar uma certa eficiência dos meios de combate naquele Estado; tal não aconteceu em Brasília, onde no mesmo ano, os incêndios de extensão total foram quase a metade do número total de incêndios, onde claramente se evidencia a deficiência dos meios de extinção naquela Capital.
  - g. Os incêndios causam prejuízos elevadíssimos à Nação.
  - h. Os incêndios colocam em risco a vida da população.
  - i. Os incêndios põem em perigo a Segurança Nacional.
  - j. A luta contra o fogo é parte indispensável de uma sólida Defesa Civil.
1. Os incêndios durante a noite são mais perigosos e quase sempre causam grande prejuízo.

#### 2. *Conclusões*

- a. A grande quantidade de incêndios de extensão total é causada, em grande parte, pelo reduzido número de meios de extinção.
- b. A grande quantidade de incêndios ocorridos, causados por displicência (curto-circuito, balões, pontas de cigarro, etc) são prova cabal do atual desconhecimento da população no que diz respeito a "Prevenção Contra Incêndios".
- c. A propaganda da Prevenção (distribuição de folhetos, elaboração de cursos, etc) forçosamente fará crescer o interesse geral reduzindo, evidentemente, o número de sinistros para os próximos anos.
- d. Conseqüentemente estarão reduzidos os prejuízos dos cofres nacionais, contribuindo para isso sejam postos em prática os meios existentes de Prevenção.
- e. O País tem possibilidades de, pelo menos, manter sua população conhecedora das normas básicas de prevenção contra incêndios, sem grandes despesas orçamentárias.

f. Os incêndios verificados durante a noite são mais catastróficos, porque, geralmente, são percebidos depois de já se encontrarem em estágio adiantado.

### 3. Sugestões

#### (A) Considerando:

- 1 — que a prevenção evita incêndios;
- 2 — que uma boa aparelhagem domina os incêndios antes que apareçam os prejuízos;
- 3 — que os incêndios causam prejuízos elevados;
- 4 — que os incêndios já causaram muitas mortes;
- 5 — que o Brasil economizaria combatendo os incêndios adequadamente;
- 6 — que um modo estratégico de combater incêndios é fazê-lo antes que este se manifeste (intensificando para tal, a propaganda da prevenção contra incêndios).
- 7 — que as dificuldades naturais de acesso a certos locais recomendam a construção de quartéis em várias áreas do País (em especial nas áreas mais atingidas: Leste e Sul);
- 8 — que os incêndios que ocorrem durante a noite são mais perigosos.

#### (B) Sugerindo

- (1) Medidas concretas que tornem efetiva e a curto prazo a propaganda da prevenção no País.
- (2) Medidas que facilitem o atendimento das necessidades atuais em toda conjuntura nacional.
- (3) Dar especial atenção ao Plano de Defesa Civil ora elaborado no MEC, bem como ao Curso de Proteção e Orientação Comunitária que lá se realiza, especialmente no que tange a Incêndios.
- (4) Facilitar a ida de elementos gabaritados ao estrangeiro para aprimoramento dos conhecimentos técnicos indispensáveis à luta contra o fogo, e consequente atualização da matéria em estudo.
- (5) Não bastará a solução simplista de remodelar os quartéis já existentes. Urge que sejam criados novos horizontes aos que lutam contra o fogo com a construção de novas unidades, novos quartéis, novos meios.
- (6) Parece mais aconselhável um estudo minucioso das áreas mais carentes de quartéis, a fim de não ocorrer em despesas desnecessárias, estas deverão estar situadas nas áreas de maior densidade populacional (São Paulo, GB e RS, etc.).

(7) O Estado do Paraná merece destaque especial no que concerne a fogo nas matas, bosques etc., o que pede uma providência mais especializada nesse tipo de incêndio.

Em suma, para cada Unidade da Federação, uma medida adequada às suas necessidades:

São Paulo — GB — Construção de QGS;

Brasília — Aceleração das obras já existentes;

Paraná — Serviço especializado em incêndios em matas, florestas, etc.

(8) Providências no sentido de modernização dos meios de alarme automático e divulgação, bem como melhores meios de comunicação do aviso de incêndio, entre o público e os Corpos de Bombeiros.

(9) Distribuição de livretes de orientação à população civil, com normas gerais de boa prevenção (um dos objetivos desse trabalho, conforme 3, Propaganda preventiva básica, que poderá ser distribuída sob a forma de folhetos).

(10) Levar às escolas primárias e aos cursos médios noções sobre Prevenção, bem como às revistas infantis e à própria televisão.

Tais medidas certamente possibilitarão atingir o grande objetivo de combater melhor os incêndios, reduzindo os prejuízos e protegendo a vida do povo brasileiro. Não devemos fechar a porta e colocar trancas na janela depois de o ladrão já ter arrombado. Ter em mente que combater o incêndio antes que ele se manifeste é o objetivo básico da prevenção.

#### FONTES DE CONSULTA

- 1 — Apostilas do Curso da Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais (EATO) CBDF — 1966.
- 2 — Anuário Estatístico do Brasil — IBGE — 1963, 64 e 65.
- 3 — Revista de Arquitetura — Número especial de 26/8/1964
- 4 — Manual do Escritório de Defesa Civil, do Departamento de Defesa dos EUA — junho de 1963.
- 5 — Manual Técnico do Departamento de Defesa dos EUA — junho de 1963.
- 6 — Manual para Emergências — Departamento de Defesa Civil dos EUA — maio de 1963.
- 7 — Manual n.º 1 — "Instrução Profissional do Recruta" — 1958 CBDF.
- 8 — Manual de Prevenção e Combate de Incêndios — 1958 — de Orlando Secco.

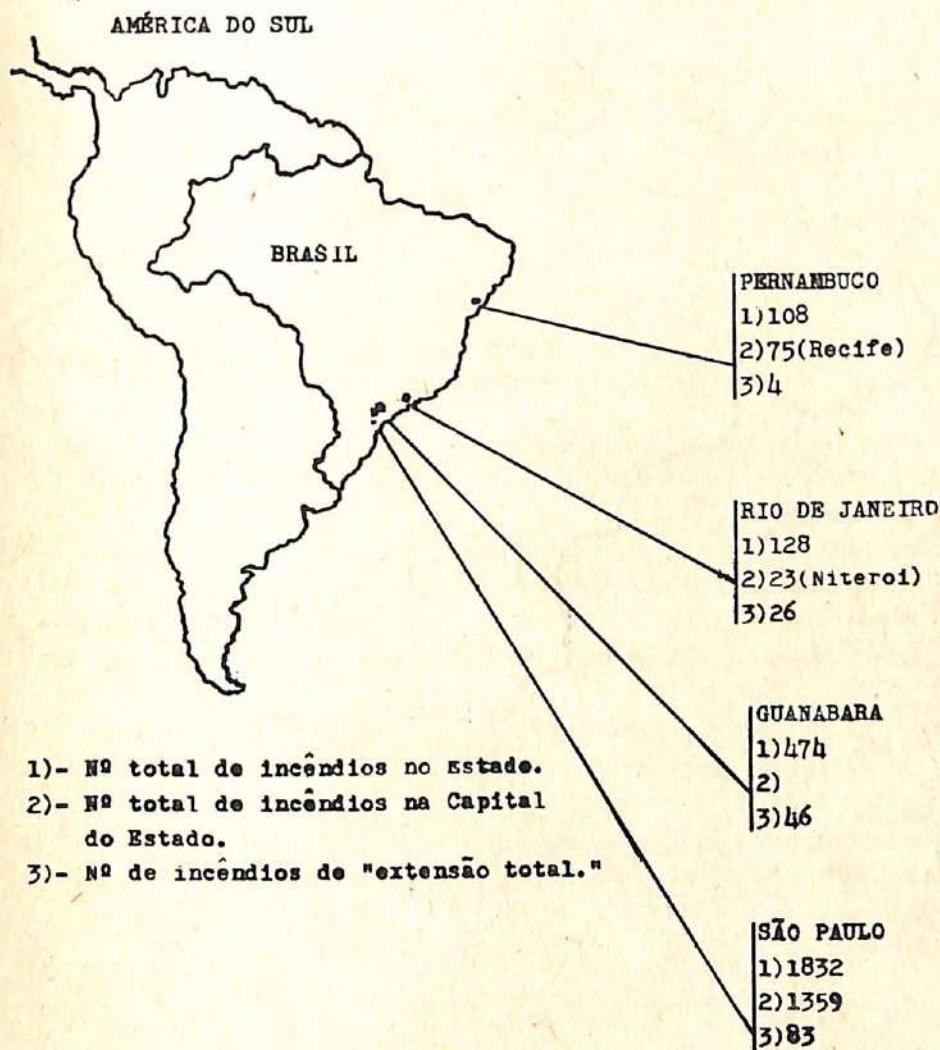
A Prevenção Contra Incêndios é, no Mundo, parte da ciência da luta para controlar o fogo, não só no objetivo de eliminar as possibilidades de incêndio, como também de reduzir a extensão do mesmo, quando este se caracteriza inevitavelmente.



Fig. I

## Quatro Estados da Federação e seus números de incêndios em 1963

Fig. II



Número de incêndios (ano de 1963), e população (estimada em 1963 e por 1.000 hab) no Brasil e nos Estados onde se verificou maior número de ocorrências

Fig III



### Situação dos incêndios no mundo

Fig. IV



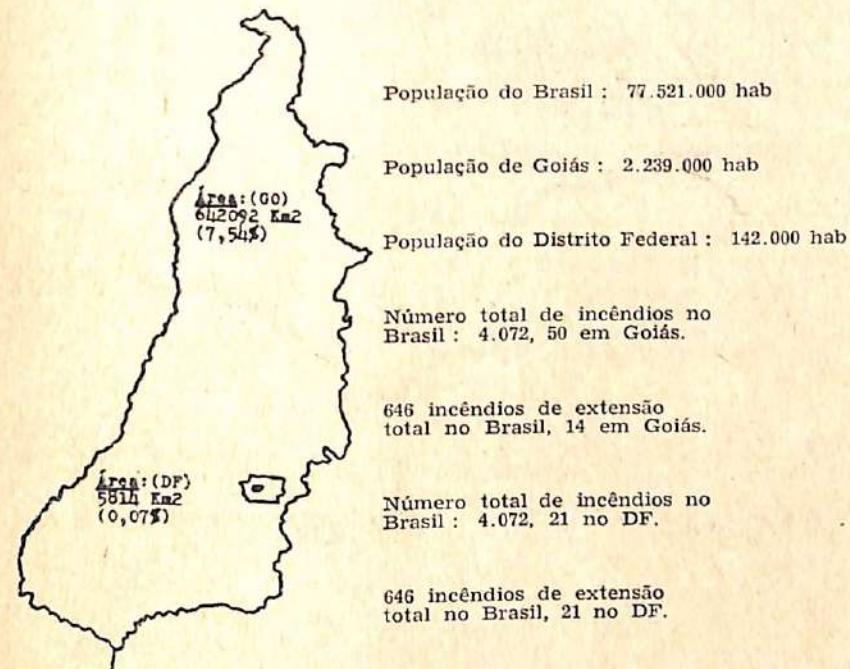
- Cada ano nos Estados Unidos, mesmo em tempo de paz, os incêndios acabam, em média, com mais de 10.000 vidas e danificam milhões de dólares em propriedade.
- Os incêndios nos países mais desenvolvidos são encarados com muito mais seriedade, tendo em vista a constante tensão internacional de atentado à paz existente.
- O fogo causou 80% dos danos da Bomba Atômica na Segunda Guerra Mundial.
- Segundo estudos estatísticos, os incêndios mataram muito mais gente na Alemanha e no Japão que tôdas as explosões das bombas-arrasa-quarteirão na Segunda Guerra Mundial.
- Nenhuma estimativa é possível para determinar qual a provável taxa de incêndios, se qualquer País se tornasse alvo de ataques atômicos.

## Situação nos Estados da Guanabara e Espírito Santo - Ano de 1963

Fig V

**Situação no Estado de Goiás e Distrito Federal — Ano de 1963**

Fig. VI



## Situação no Estado de São Paulo — Ano de 1963

Fig VII

BRASIL :  
77.521.000 hab  
8.511.965 Km<sup>2</sup>  
100%



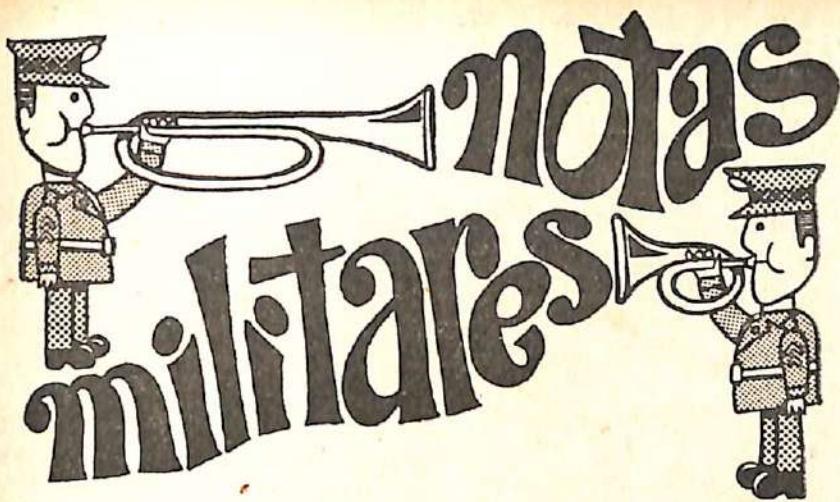
— O Estado de S. Paulo  
é o Estado onde ocor-  
reu o maior número  
de incêndios em 1963.

Número de incêndios  
no Brasil : 4.072

Número de incêndios de  
extensão total : 83

Número de incêndios em  
São Paulo : 1.832

1.085 incêndios casuais  
e 53 pessoas vitimadas



# Notas militares

## A INSTRUÇÃO DO PÁRA-QUEDISTA MILITAR

Gen Bda ADAUTO BEZERRA  
DE ARAUJO

### 1. INTRODUÇÃO

a. O "Ano de Instrução" do conserto da tropa aeroterrestre difere, em certos aspectos — precisamente naqueles que caracterizam a formação e o adestramento do pára-quedista militar, como um combatente — daquele desenvolvido pelas OO MM terrestres, quer pela natureza mesma da instrução, quer pela duração do tempo de instrução atribuído às fases de sua preparação militar.

Estas nuances resultam, em grande parte, da imperiosa necessidade de, às preocupações da formação do combatente após as aterragens, em particular, de pára-quedas, juntar-se a disponibilidade de tempo necessária e imprescindível para a qualificação do pára-quedista destes mesmos consertos, como condição "sine qua non" para a pre-

paração do combatente aeroterrestre.

Ora, como o tempo de serviço é inelástico (o da Lei de Serviço Militar — nunca superior a 40 semanas) e há necessariamente introdução de aspectos novos da instrução de pára-quedista, havia necessidade de estabelecer-se, para esta tropa, uma diversa divisão do ano de instrução; duração e intensidade da instrução também não análogas e a consideração de novas matérias e assuntos pertinentes; até mesmo levar em conta ao tempo dispensado com o vôo e o salto.

Como meio auxiliar e artifício para equacionar este problema, de uma mesma duração do ano de instrução bastar à formação da tropa terrestre e satisfazer a das unidades aeroterrestres, lançou-se mão (e até certo ponto constitui uma imposição) da exploração, ao máximo, dos requi-

sitos de recrutamento do pessoal para o serviço na tropa aeroterrestre, quais sejam:

- condições especiais de saúde;
- voluntariado (para o salto);
- apreciável índice de alfabetização;
- pendor para o trabalho físico;
- acomodação nervosa (embara aparente).

b. Deste modo, dois são os grandes períodos de instrução do pára-quedista: Formação e Aplicação.

No Período de Formação, encontra-se as singularidades da formação do combatente aeroterrestre, com as seguintes fases de instrução:

(1) Instrução Básica Militar (10 semanas de 32 horas cada);

(2) Instrução Básica Aeroterrestre (a qualificação ostensiva da tropa), comportando:

(a) Curso Básico de Pára-quedista (3 semanas e realização de 4 saltos de pára-quedas);

(b) Treinamento Básico de Combate — Xerém (1 semana);

(c) Estágio Aeroterrestre (1 semana — para oficiais e sargentos, realização de mais 3 saltos).

(3) Instrução Básica de Qualificação, no decorrer da qual todos os militares pára-quedistas executam 2 saltos, no âmbito da subunidade.

No Período de Aplicação as subunidades e unidades, em trabalho de conjunto e de cooperação das Armas, realizam mais 2

saltos de pára-quedas, necessariamente executados como ações preliminares de exercícios táticos do escalão batalhão e brigada.

c. O presente trabalho trata apenas do treinamento de Xerém.

## 2. TREINAMENTO INDIVIDUAL BÁSICO DE COMBATE

a. Xerém é uma região do Estado do Rio, todos sabem, ali situada na área da Fábrica Nacional de Motores, no sopé verdejante e selvático da Serra de Petrópolis — mas Xerém significa para nós, militares da Brigada Aeroterrestre, o esforço extraordinário de dinamizar a instrução individual do conserto, preconizada no estágio inicial do Ano de Instrução.

Xerém, palavra código, representa a ansiedade incontida dos pára-quedistas do Exército, a sua rebeldia mesmo, em permanecer jungido a um sistema de trabalho que pouco ou nada significa para a atual compreensão dos processos de Guerra — a guerra conduzida por artífices profissionais especializados em técnica de destruição total de todas as reservas morais e espirituais das democracias.

Xerém constitui-se em laboratório, onde paciente e perseverantemente, a Brigada Aeroterrestre, estuda, aprecia, examina quase no anonimato uma adequação mais condizente com a necessidade da formação do soldado; testa e verifica, aperfeiçoa e procura institucionalizar um estágio de instrução, um verdadeiro treinamento individual bá-

sico do combate, com vistas a capacitar o soldado pára-quedista à luta desenvolvida na caatinga, na selva, no socavão das nossas montanhas, nos terrenos preferidos para as ações de guerrilhas no amplo quadro da insurreição.

b. Xerém — como uma fase-estágio da instrução individual, de duração de uma semana de 81 horas, das quais 30% noturnas, situada obviamente como treinamento individual — apresenta duas particularidades possivelmente, responsáveis pelo rendimento e êxito já evidenciados: a sua realização imediatamente após a conclusão do curso de pára-quedista militar do conscrito e a orientação da instrução e controle centralizados pela GU Aet, atribuídas à condução e responsabilidade imediata ao Centro de Instrução Aeroterrestre.

A primeira particularidade significa que o conscrito apresenta as melhores condições de vigor físico, de acomodação psíquica e de enquadramento militar, traduzidas pelas demonstrações de arrôjo e coragem; destemor e espírito de iniciativa altamente desenvolvidos, a par de uma resistência física e adequado desenvolvimento muscular e equilíbrio emocional.

O conscrito enfrenta Xerém, realmente, após o enquadramento e desenvolvimento de um aprendizado militar pela subunidade; após o aprendizado de processos e técnica do salto em pára-quedas e a realização de quatro saltos, no intervalo de apenas 30 horas, o que significa

está o recruta em excelentes condições para desenvolver e estimular as suas faculdades de combatente resoluto.

A segunda particularidade, a da condução do treinamento centralizadamente pela GU Aet, à responsabilidade do Centro de Instrução, permite homogenizar o aprendizado; possibilita recrutar e dispor de um maior e mais selecionado "quadro de instrução" (oficiais e sargentos), já que recruta em todas as unidades aeroterrestres da Brigada aqueles mais afeiçoados e qualificados às técnicas e processos de instrução a serem ministados; enseja dispôr-se de meios e recursos, pela centralização, necessários ao desenvolvimento da organização e funcionamento das oficinas de instrução, indispensáveis para o trabalho dos turnos de 450 conscritos, cada, que se sucedem na região de Xerém a cada semana.

c. Xerém é, pois, no momento uma palavra-código, significando um estágio intensíssimo da instrução individual do conscrito, no campo, em uma região selecionada que apresenta as condições mais favoráveis para o desenvolvimento da instrução, na mata, nos caminhamentos e ravinas, na travessia de obstáculos, no descampado e no agreste, que permite até mesmo o ensaio e a instrução preparatória de sobrevivência. Esta região não tem instalações semipermanentes, nem definitivas, todo ano de instrução é ela reconhecida e preparada e isto talvez não constitua uma desvantagem.

O Treinamento Individual Básico de Combate compreende, em síntese:

(1) Sobrevivência (fundamentos).

- alimentos vegetais;
- armadilhas de caças;
- caça e pesca (e esfoladura) dos animais de pelo, pena e peixes;
- água (obtenção, tratamento, armazenamento, transportes);
- abrigos (tipos e construção);
- preparação dos alimentos;
- improvisação de armas e utensílios;
- fogo;
- ifidismo.

(2) Tiro instintivo (diurno, noturno — percurso de pista). A pista não é mais que uma trilha na mata, dentro de uma ravina, limitada por massa cobridora ou pára-bala. No tiro instintivo busca-se incutir o reflexo do atirador de atirar primeiro e o mais rapidamente possível; corrigir o tiro imediatamente; por fim, abrigar-se cuidadosamente.

(3) Orientação (diurna e noturna — percurso controlado).

(4) Transposição de obstáculos, seja tipo curso d'água, seja tipo paredão.

(5) Percurso de patrulhas.

(6) Segurança nos altos e estacionamentos, particularmente quanto aos detalhes de escolha do perímetro de segurança (escalão pelotão), dos postos de observação e combate.

(7) Silenciamento de sentinelas — com o objetivo de aumentar a agressividade, o espírito de iniciativa, com apelo à imagina-

ção e engenhosidade do instruendo na escolha, improvisação das armas a empregar.

(8) Emboscada e reação imediata — visa dar ao conserto a noção de ação em equipe, numa emboscada; a escolha da posição das armas e a preparação das posições individuais, bem como disciplinar a execução do fogo e desenvolver a paciência e a pertinácia na espera e caça ao adversário.

(9) Conduta com o prisioneiro; conhecimento rudimentar da fuga e da evasão. Minas e armadilhas não convencionais.

d. Este treinamento individual básico de combate, está evidenciando que o treinamento intensivo alcança excelentes resultados na preparação individual do combatente, deixando nêle, um reflexo duradouro de ação e reação, fortalecendo sobremaneira o seu espírito de iniciativa e de autoconfiança. Permite, também, apontar e mesmo selecionar os mais aptos a operações desta natureza, bem como qualificar os recrutas consoante as mais imediatas e naturais reações, por fim, como escopo, animar, estimular e desenvolver o incipiente espírito de liderança.

### 3. A SIGNIFICAÇÃO MAIOR DE XERÉM

Xerém não constitui uma sigla ou representa uma tentativa ou experiência. É, hoje, na instrução individual de formação do combatente aeroterrestre, um aprendizado de grande valia e significação e que corresponde ao elo que faltava, na cadeia da con-

tinuidade da instrução de formação, para unir o trabalho individual às atividades de conjunto e coletivas da instrução de qualificação.

Xerém representa para o espírito indômito e irrefreável do pára-quedista, no anseio de preparar-se, e aperfeiçoar-se para as vicissitudes e agruras da Guerra

atual, já em evolução nos países vizinhos, já latente nos desvãos dos nossos estados mediterrâneos.

Xerém é bem a pronta resposta à indagação e ansiedades do soldado pára-quedista no afã de mais e melhor servir ao Exército, na preservação da ordem interna, dos anseios legítimos interesses do nosso povo.

### O PREÇO DESTA REVISTA...

"A DEFESA NACIONAL" vem-se impondo, cada vez mais, à consideração, ao interesse, à simpatia dos nossos leitores — já dos militares (oficiais e sargentos), já agora de destacadas personalidades dos meios oficiais e culturais civis. Até no exterior, ao que sabemos, vem tendo bastante aceitação entre as Fôrças Armadas amigas.

Entretanto, o preço do exemplar (NCr\$ 0,50) há um ano alterado, está ainda em descompasso com a realidade. E isto porque a Diretoria, apesar das alterações, tem-se empenhado em agüentar enquanto possível. Agora, não é mais possível: a Revista tem de aumentar o seu preço, para torná-lo mais apropósito com o custo da edição (embora ainda inferior...).

Estamos certos de que tal necessidade, aliás imperiosa, será bem compreendida e apoiada por todos os nossos assinantes, leitores, amigos — que continuarão a honrar-nos com a sua preferência e a prestigiar-nos, como sempre.

A DIRETORIA

## A DEFESA NACIONAL

Em 27 de agosto de 1968, foi eleito por aclamação para Diretor-Presidente da CMECI "A DEFESA NACIONAL" o Gen. de Div. Humberto de Souza Mello, que tomou posse naquela mesma data, em substituição ao Gen. de Div. José Campos de Aragão nomeado para o Comando da 5.<sup>a</sup> Região Militar, sediada em Curitiba. Em face da transferência do Rio de Janeiro para Brasília do Ten-Cel Lauro Paraense de Farias, foi eleito por aclamação para substituí-lo no cargo de Diretor-Secretário, o Coronel de Cav. Geraldo Knaack de Souza tomando posse no mesmo dia.

O atual Conselho de Administração ficou, inicialmente, assim constituído:

### DIRETORIA EXECUTIVA

*Diretor-Presidente* — General-de-Divisão Humberto de Souza Mello

*Diretor-Secretário* — Coronel Geraldo Knaack de Souza

*Diretor-Gerente* — Ten-Cel. João Capistrano M. Ribeiro

*Conselheiros*: — General-de-Divisão Adailton Sampaio Pirassununga — Coronel Nilton Freixinho

*Conselho Fiscal* — Gen. Paulo Prado Pereira — Cel. Alberto Bandeira Queiroz — Ten-Cel Jonas Correia Neto

(Ver pág. 104)

# **MISSÃO DE ADAPTAÇÃO VISUAL**

## **CURSO DE FOTO-INFORMAÇÃO OBSERVA O BRASIL**

### **NOTA EXPLICATIVA**

A Seção de Foto-Informação da Escola de Instrução Especializada realizou, cumprindo o Programa de Instrução para o ano de 1968, longa e utilíssima Missão de Adaptação Visual, onde foram percorridos aproximadamente 9.434 km.

Durante esta missão não só puderam seus oficiais-alunos fixar em definitivo os conceitos atinentes ao ensinamento teórico ministrado em sala, como tiveram a oportunidade de sentir mais de perto os diferentes tipos de solo, vegetação e clima de nosso país, a multiplicidade de grupos sociais dêles decorrentes e suas conseqüentes atividades econômicas.

O relatório que se segue procura, resumidamente, mostrar esta atividade que se constituiu em um marco na história da seção, desejando ainda, embora de forma simples, mas de coração, exprimir os seguintes agradecimentos:

- a) Major Aviador Flávio, comandante do 1.º/Gav, e por feliz coincidência piloto nesta missão, e 1.º Ten Av Spina (2.º piloto).
- b) Também nossos agradecimentos aos companheiros do CIGS, que na pessoa de seu comandante Ten Cel Teixeira, nos cercaram de grandes atenções e nos proporcionaram a feliz oportunidade de ter uma pequena idéia do muito que sua Unidade faz pela Amazônia e pelo Brasil. O CIGS além de ser um Estabelecimento de Ensino, é também uma verdadeira escola de civismo.
- c) Queremos também agradecer ao Ten Cel Oliveira que em Pôrto Velho nos aguardava para o almoço e mostrou-nos rapidamente a gigantesca obra de integração nacional que o Exército executa por intermédio do 5.º BE Cnst.
- d) Não poderíamos também deixar de agradecer aos companheiros da 4.ª Cia Front, tão bem comandada pelo Cap Dualibé, que no longínquo Rio Branco, não pouparam esforços para que o nosso pernoite fosse o mais agradável possível.
- e) Ao Cel José Alberto Pinheiro da Silva, Comandante da EsIE, também agradecemos, por todo apoio e incentivo que nos deu para que a missão fosse coroada de êxito.
- f) Ao Cap Machado de Paiva que muito nos incentivou e orientou na publicação dêste trabalho.

Sem a preciosa colaboração dêste pessoal e também da FAB, de maneira alguma conseguiríamos realizar com tanto aproveitamento esta missão tão longa e cansativa.

## SEÇÃO 8 — FOTO-INFORMAÇÃO

## Relatório de voo n.º 1



## 1) Tripulação:

Maj Av Flávio  
Ten Av O. Spina  
Sgt Gama  
Sgt Mattos

## 2) Instrutor:

Cap Cav Antonio Jorge Ribeiro

## 3) Monitores:

Subten Geraldino Pinto da Silva  
2.º Sgt Irio Tavares de Araujo  
2.º Sgt Elyseu Rosa Pereira

**4) Alunos:**

Cap Art Newton Meyer de Azevedo  
Cap Inf William da Rocha  
1.<sup>º</sup> Ten Int José Alves de Oliveira  
1.<sup>º</sup> Ten Inf Nereu Manoel Augusto dos Santos  
1.<sup>º</sup> Ten Art Antonio Tenório Cavalcanti  
1.<sup>º</sup> Ten Art Clovis Augusto Mendes de Moraes

**5) Missão:**

AF — MN — AF

**6) Ocorrências:**

Não houve

**I****P R E Â M B U L O**

Aproveitamos êste preâmbulo para explicarmos que êste modesto trabalho constitui-se num relatório que não se prendeu exclusivamente ao escopo da missão — Adaptação Visual dos Oficiais-Alunos do Curso de Foto-Informação da EsIE, em vôo de instrução.

Tivemos a feliz oportunidade de percorrer uma rota de aproximadamente 9.434 km, ao longo da qual, o espírito mais arguto, a inteligência mais indagadora não poderia restringir-se ao simples observar. Pudemos espraiar nossas vistas, divisar horizontes, nos quais um misto de admiração e curiosidade nos tomava a cada palmo que esquadrinhávamos de nossa terra. De posse da realidade, trazendo enorme bagagem de perguntas, retornávamos, buscando na troca de idéias e impressões e nos esclarecimentos de alguns compêndios, as devidas respostas.

A certeza de que observávamos diferentes acidentes geográficos do maior país tropical de população branca, constituía-se num fato de suma importância para nós. Constatamos o vibrante desmentido àqueles que ousaram afirmar que o homem branco não sobreviveria em terras tropicais. Esta tropicalidade ali estava presente na modéstia do relevo, na hiléia amazônica (área de floresta quente e úmida), nos campos cerrados e caatingas, na predominância dos rios de caráter pluvial, etc.

De grande valia nos foi esta missão. Agora não poderemos deixar de integrar o grupo que proclama conscientemente a nossa real condição: "Somos um país tipicamente tropical". Agora compreenderemos mais facilmente o que pretendeu dizer Backheuser: "Alguns brasileiros no hiper-tropicalismo chauvinista de tudo louvar desde que seja nosso, de entender que só é patriota o que omite as verdades que nos são duras, enchem a boca com a suavidade e clemência do nosso clima. O Brasil pertence em sua maior parte ao "mundo tropical". Se esta condição de tropicalidade

mostrar desvantagens, como apregoam alguns, por outro lado, não nos esqueçamos das vantagens advindas; não conhecemos calor abrasante ou frio enregelante, ambos prejudiciais às atividades do homem; nossa agricultura colhe duas e até três vêzes por ano (o que não acontece com os campos agricultáveis dos climas temperados); não conhecemos regiões desérticas ou chuvas que se prolonguem catastróficamente.

O Brasil é de fato um continente, com diferentes tipos de solo e grupos sociais diversos. E dêste raciocínio decorre importante conceito que deve ser permanente lembrança para nós: as diferenças regionais existem e será com a sua compreensão, no seu estudo, no equacionamento dos problemas das partes que surgirão os diferentes planejamentos que possibilitem entender e unir cada vez mais este "todo", crescendo adentro de seu perímetro, na consecução do seu "Poder Nacional".

Encerramos este preâmbulo com as palavras de B. Brant pronunciadas em 1926:

"Una nación continente, de 56 millones de habitantes y qui cresce a razón de un millón de almas por año; un vastíssimo territorio qui incluye tierras inexploradas y ocupadas por tribus de indios salvajes, en contraste con nucleos urbanos superavanzados; un inmenso escenario pleno de contrastes geofísicos; un pueblo de diversas estirpes etnicas, pero unido y homogéneo hoy como nacionalidad, includiblemente ejercerá un descollante papel en el mundo futuro. Brasil será la gran potencia del Siglo XXI."

## II

### REGIÃO SOBREVOADA: — LESTE

Dentro da divisão regional e sob o ponto de vista fisiográfico, esta região está subdividida em:

- a) Litoral
- b) Encosta do planalto
- c) Planalto
- d) Depressão do São Francisco

Com uma altitude média de 7.000 pés, 2.200 metros sobrevoamos o litoral e vez por outra a encosta do planalto.

Deixáramos a Base Aérea dos Afonsos, às 09h16min. Logo avistamos a planície litorânea da baixada fluminense (quaternária). O primeiro trecho do litoral apresentava-se com uma topografia sensivelmente horizontalizada (série Barreiras). Avistamos ainda uma série de lagoas: Arauama, Saquarema, Maricá, logo identificadas; em seguida o cabo Búzios e a Cidade de Macaé, Lagoa Feia e à margem do Paraíba do Sul o Município de Campos; à nossa esquerda, na linha do horizonte, a Serra do Caparaó. Vimos que os rios, descendo do planalto desapareciam próximo

a Macaé. Na foz do Paraíba a costa avançava e surgiam as lagoas (avanço devido ao acúmulo de sedimentos trazidos pelos rios — 10 metros por ano). Notáramos ainda que depois de Macaé surgiam as colinas grupadas; a baixada apresentava-se pantanosa e o litoral seccionado aqui e ali, por pontões de rochas.

Já no litoral espírito-santense, surgia a Cidade de Cachoeiro do Itapemirim; mais adiante, à direita de nossa rota, Guarapari e suas praias. O pôrto de Vitória foi avistado aproximadamente às 10h30min.

Agora estamos no litoral da Bahia. Linhares à esquerda e logo após São Mateus. Segue-se o arquipélago dos Abrolhos e na ponta da Baleia a Cidade de Caravelas, a partir da qual, a planície ficava mais larga. Seguindo ainda pelo litoral, divisamos à direita a cidade de Pôrto Seguro, municípios de Belmonte à margem do Jequitinhonha e Canavieiras na foz do Rio Pardo. Ultrapassamos os municípios de Una e Ilhéus (importantes pela produção cacaueira) às 12h12min, estando à direita a cidade de Itabuna e mais adiante o município de Camamu, na enseada do mesmo nome. A Baía de Todos os Santos, onde desemboca o Paraguaçu logo foi identificada. Às 12h50min, sobrevoávamos Salvador. Passamos pelos rios Itapicuru, Real (à esquerda a cidade de Estância), Vasa Bairis (na foz o município de São Cristóvão) e às 13h30min, avistávamos a capital Sergipana.

#### OUTRAS OBSERVAÇÕES

- Intenso urbanismo, densa rede de transportes, grande concentração populacional.
- Áreas agropastoris no Vale do Paraíba e Vale do Rio Doce.
- Prática da queimada (técnica agrícola rudimentar e prejudicial).
- Extensos canaviais e inúmeros engenhos e usinas; arroz cultivado nas várzeas dos rios, principalmente no Paraíba.
- Pequenas propriedades (minifúndios) e roças com cultivo de mandioca, milho, feijão e bananas.
- O Pôrto de Vitória como escoradouro do minério de ferro trazido de Minas Gerais por estrada de ferro.
- O litoral sul da Bahia, baixo Vale do Rio Doce e Espírito Santo com lavouras de cacau, afastadas da costa.
- O recôncavo baiano e o Petróleo.

#### REGIÃO SOBREVOADA — NORDESTE E MEIO NORTE

*Obs. : NE: parte da Bahia, Sergipe, Alagoas, Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte e Ceará.*

*Meio N: Grande parte do Maranhão e Piauí.*

*Geologicamente são planícies recentes, originárias dos sedimentos retirados dos altos cursos dos rios.*

*De Aracaju o rumo seguinte era para a capital de Alagoas.*

O rio São Francisco, com seu espetacular delta, entrava pelo mar a dentro, separando Sergipe de Alagoas.

A direita, na foz do grande rio, o município de Piassambu e mais a frente, no litoral, Cururipe e Marechal Deodoro. Maceió foi sobrevoada às 13h58min. Seguiram-se, Pôrto Calvo, Cabo de Santo Agostinho e o município de Cabo. Recife, às 14h30min era avistada; rios capiberibe e Beberibe e a cidade de Olinda. Encerrávamos aí a primeira etapa de vôo. Realizada a aterragem para reabastecimento decolávamos rumo a Campina Grande, às 15h20min.

Ultrapassamos a Serra dos Cariris Velhos, o Rio Paraíba do Norte e às 15h45min sobrevoávamos aquéle grande centro comercial. Seguiram-se uma série de rios temporários e fomos deixando o litoral à direita.

No Rio Grande do Norte, às 16h35min, avistamos Mossoró. — Retornávamos ao litoral.

Aproximávamos de Fortaleza e às 17h13min, aterrissamos, para cumprir a 2.ª etapa do 1.º dia de vôo. Daí prosseguiríamos no dia seguinte, rumo do Parnaíba.

Eram 7h20min do dia 24 de abril, quando decolamos. Sobrevoamos o município de Itapipora; à esquerda ficava a Serra de Acaraú, município de Granjas e Serra de Ibiapeba. Às 8h22min, alcançávamos a cidade de Parnaíba, à margem do rio do mesmo nome.

Ilha Grande e Santa Izabel na foz daquele rio, e já estávamos no Maranhão. Passamos pela baía de Tutóia com a cidade do mesmo nome. Vimos os estuários dos rios Pindaré, Mearim, Grajaú e Itapecuru onde fica a Ilha de São Luís com as baías de São José (ao sul) e São Marcos (ao norte). Na ilha, a capital do Estado, São Luís e a cidade de Ribamar.

Agora, com o rumo de Belém ultrapassamos o rio Turiaçu (ao longe e à direita, a baía do mesmo nome) à esquerda os contrafortes da Serra Tiracambu; mas à frente os rios Gurupi e Piriá. Aproximávamo-nos de Belém.

### OUTRAS OBSERVAÇÕES

- Sobrevoáramos terrenos (sedimentares) do meio norte e (cristalinos) do Nordeste.
- Observamos uma vegetação diversificada, típica do litoral arenoso (palmeiras, coqueiros), a vegetação dos campos cerrados, a do litoral baixa e lamaçenta (litoral maranhense) e as florestas de transição (carnaubais e babaçuais) do meio-norte para o norte.
- No litoral, os rios abrem-se em largos estuários.
- No meio das planuras surgiam elevações (inselbergs).
- Os rios sem corredeiras permitem a navegação.
- O Parnaíba é o principal coletor da região.
- Cana-de-açúcar, usina e engenhos na faixa costeira evidenciam o solo

- propício (massapés — alteração do cristalino, pelas chuvas abundantes) que ainda sustentam a tradicional cultura canavieira.
- Grande densidade de população no litoral salientando-se a "Zona da Mata" pernambucana.
  - Predomínio da população rural.
  - Extensas plantações de babaçu, carnaúba, oiticica e caju. (Economia baseada em recursos naturais — fibras, óleos e ceras).
  - Salinas (jazidas de sal gêmea) no Rio Grande do Norte.
  - Pecuária em criação à sôlta (carácter extensivo).
  - Fábricas em Pernambuco (tecelagem, usinas, fiação, etc.).
  - Rodovias: BR-4 — Rio-Bahia), BR-13 (transnordestina) e a BR-12.
  - Identificados inúmeros açudes e barreiras.

### REGIÃO SOBREVOADA — NORTE

Passamos por uma série de cidades, ora à direita, ora à esquerda de nossa rota. (Trituia, Ourem, Guaruá, Capim e Castanhal) e finalmente sobrevoávamos Belém às 10h35min. A ilha de Marajó com seus municípios Ponta de Pedras e Muana na foz do Tocantins a cidade de Bréves e na foz do Amazonas com o Xingu, Pôrto Moz.

Ali estava a floresta amazônica. Em seu todo, assemelhava-se a uma grande planura, no entanto sabíamos que o solo erguia-se em pequenos degraus, da calha do grande rio para o Norte e para o planalto central. E sabíamos também que a área sedimentar inundável, a várzea, reveste-se de grande importância para agricultura, pois o caa-igapó é o solo mais rico da Amazônia. A floresta é a resultante do equilíbrio de trocas, principalmente com a umidade atmosférica.

Santarém lá estava na foz do Tapajoz. A seguir a cidade de Parintins e a ilha fluvial de Tupinambarama. Na margem esquerda do Amazonas, Itacoatiara e mais adiante na confluência do Negro com o rio principal, a cidade de Manaus onde pernoitariámos, cumprindo a 2.<sup>a</sup> etapa de vôo do dia 24 Abr 68.

Prosseguimos com 225.<sup>o</sup> de rumo, para Humaitá. Subimos o Madeira, ultrapassamos Manicoré, passamos em Humaitá às 14h5min, entramos no território de Rondônia e logo aterrissávamos em sua capital — Pôrto Velho.

Daí prosseguimos para 2.<sup>a</sup> etapa, direção ao Acre onde terrissamos em Rio Branco. Pernoitamos na Cia de Fronteira e com o rumo de Guajará Mirim prosseguimos no dia seguinte.

Atravessamos o rio Abuña, passamos por território boliviano, rio Beni e Rio Guaporé com as cidades de Guajará Mirim e Guajará Mirim (Boliviana). Passamos pelos rios formadores do Jurema (que vai juntar suas águas ao Tapajoz).

Agora estávamos com o rumo de 114.<sup>o</sup> com destino a Villena em Mato Grosso, região do centro-oeste brasileiro.

### OUTRAS OBSERVAÇÕES

- A espessa vegetação que encobre o solo, dificulta a observação.
- Terrenos com agricultura geralmente na várzea (agricultura de subsistência com milho, mandioca, feijão e hortaliças).
- O rio constitui-se em via de comunicações natural, largamente utilizado, assim como fonte de subsistência.
- Vastas áreas denotam as inundações periódicas.
- O Amazonas é alimentado em meses diferentes pelos afluentes do hemisfério Norte e afluentes do hemisfério sul (compensação mútua).
- Perto de Belém, enorme área cultivada (embora o solo laterítico seja de má qualidade, pois é muito ácido, os húmus da várzea são levados para covas nêle abertas e do uso dessas covas, obtiveram os japonêses bons resultados). Pimenteiras e hortaliças.
- Chuvas diárias em Belém (resultado da evaporação causada pelo aquecimento intenso das camadas lodosas expostas ao sol por ocasião de vazante da maré).
- Grande quantidade de cúmulus limbos até altitude de 8.000 pés, 2.510m.
- Grandes propriedades (latifúndios gerados pela dispersão das espécies vegetais e o extrativismo que aí impera).
- Pequenas embarcações transportam o material coletado: borracha e castanha, por exemplo.
- A — A ilha de Marajó com sua criação extensiva de gado (abastece os mercados de Belém e Manaus).
- Grande concentração populacional no este paracense (50% da população do estado e da região, com um índice de 17 hab/km<sup>2</sup>).
- A cultura da mandioca é observada em quase todas as roças (base da dietética do Norte).

### REGIÃO SOBREVOADA — CENTRO-OESTE

Atravessamos a Chapada dos Parecis, os afluentes do Paraguai e às 12h25min daquele 26 de abril aterrissamos em Cuiabá. Daí prosseguimos com o rumo de Aragarças, no estado de Goiás. À esquerda, a serra da Chapada; atravessamos o rio das Garças e o Aragarças, em cujas margens se defrontam as cidades de Barra das Garças — Mato Grosso e Aragarças, já em Goiás. — Passamos depois por Iporã, à direita a Serra dos Caiapós, Trindade e, às 16h8min sobrevoávamos Goiânia. Sucediam-se as chapadas, elevações achataadas, morros de pequena altura. Depois da capital de Goiás passamos pelos rios Corumbá, Paraibuna, São Marcos, Serra da Mata da Corda e já entrávamos em Minas Gerais.

### OUTRAS OBSERVAÇÕES

- Excassez de população (densidade inferior a 1 hab/km<sup>2</sup>).
- Grandes propriedades.
- Algumas fazendas com criação intensiva de gado.
- Relêvo suave com forma tabular, alturas entre 500 e 1000 metros.

- A transição da floresta amazônica para os Cerrados pode ser observada.
- Algumas lagoas (chamadas "baías" e "barreiras") são depressões que armazenaram água o ano inteiro e onde o sal é de grande importância para a pecuária).
- Em meios aos cerrados e à margem dos rios os "Campos limpos".
- Desequilíbrio entre área e população (devido sobretudo a continentalidade da região e a precária rede de transportes).
- Observamos as rodovias transbrasiliana (Belém-Brasília) em seu trecho goiano. Cuiabá-São Paulo (que transporta a borracha do Norte para industrialização).

### RETORNO AO LESTE

Já em Minas Gerais atravessamos as cidades de Patos de Minas e Paracatu; uma série de afluentes do rio Paracatu e do São Francisco.

As 18h8min aterrissamos em Belo Horizonte onde pernoitarmos cumprindo assim a 2ª etapa de voo do dia 26 de abril.

Com o rumo da cidade de Itabirito prosseguimos no dia 27 de abril, para retornar ao Rio de Janeiro. Passamos por Itabirito, Conselheiro Lafaiete e Barbacena. Divisamos um trecho da Mantiqueira e atingimos o Rio Paraíba do Sul.

No Estado do Rio de Janeiro avistamos a cidade de Barra Mansa e logo depois, víamos as cidades satélites: Nova Iguaçu e Caxias.

Finalmente chegávamos à Base Aérea dos Afonsos às 8h45min daquele dia 27 de abril de 1968, encerrando as etapas de voo estabelecidas pela Missão.

### OUTRAS OBSERVAÇÕES

- A densidade populacional crescia.
- Os terrenos denotavam ao longo da faixa sobrevoada a inesgotável riqueza mineral (solos do Algonquiano, pobres para agricultura).
- Itabirito nos mostrou a presença de ferro, extraído em suas jazidas (daí será transportado para exportação através do pôrto de Vitória e para uso em nossas Siderúrgicas).

### CONCLUSÃO

Do ponto de vista geográfico, constatamos pelo adensamento populacional litorâneo a grande quantidade de cidades, vilas e povoados. Em contrapartida um caráter de rarefação para o interior. Observamos a não existência de espaços com limites proibitivos à vida do homem, como pensam alguns em relação aos países tropicais.

Do ponto de vista geomorfológico, sobrevoamos maciços antigos constituídos de rochas cristalinas, eruptivas e metamórficas. Comprimindo-se entre este maciço e o geoanticlinal andino (recente) a zona sedimentar.

Dentro do caráter precípua da missão, praticamos a navegação aérea e pudemos entre muitas coisas:

- Constatar as diferentes classes de estradas de rodagem; suas vias de tráfego; o material empregado; os cortes; os aterros, viadutos, coto-velos, cruzamentos, passagens de nível, etc.
- Observamos do alto os tipos da ponte e o material empregado na sua construção.
- Vimos os rios e consideramos os fatores a serem levantados na seleção de vaus, velocidade, tipo de fundo, profundidade, acesso e das saídas, existência de estradas nas proximidades etc.
- Pudemos observar também antenas de rádio-goniometria, postes de linha de alta tensão, postes telegráficos, etc.
- Vimos o traçado característico das estradas de ferro; os túneis, curvas, desvios e estações.
- Pudemos apreciar o traçado dos campos de aviação e dos diferentes tipos de aeroportos onde procurávamos identificar entre outras coisas: orientação da pista, características da iluminação, birutas, hangares, torre de controle e alguns tipos de aeronaves.
- Observamos as diferentes instalações industriais, usinas siderúrgicas, hidrelétricas, refinarias de Petróleo, barragens, gasômetros, grandes e pequenas fábricas, usinas, olarias, cerâmicas etc.
- Observamos ainda: centros industriais, centros comerciais, traçado de cidades, casas, grupos de casas, quartéis, escolas, estradas, oleodutos, açudes, faróis, portos, redes de arames, ônibus, caminhões, cemitérios etc.

Procuramos enfim, ter sempre em mente os cinco elementos básicos de leitura e interpretação fotográfica (sombra, tonalidade-textura, tamanho, forma e adjacências) em cada porção observada no terreno, como se fôra uma fotografia ao vivo, com todo seu aspecto dinâmico é de fundamental e grande interesse para nós especialistas na interpretação de fotografias aéreas.

FOLHA DE NAVIGAÇÃO

Avião nº 5070

Tipo RB 25

Data230468

**Observador:**

**Vel Crue | 340 km/h**

Gods Hor

Cap Org

Cap. 01

AUT

01

Raz Sub

Rez Desc

Rel Tr f

### Decolagem

**P L A N O   D E   V 6 0**

E- to- pu	Ponto de Controle	Rumo		Distância		Tempo		Horário		Obs
		Rv	Rm	MP	Tot	TP	Tot	Prv	Real	
01	Tôr. e do Rio.....	98°	-	22	22	03'	00:03	09:20	09:16	
	João Pedro da Aldeia	82°	99°30'	109	131	19'	01:22	09:26	09:35	
	Macaé .....	37°	54°30'	58	1-9	10'	0 : 32	09:45	09:45	
	Campos .....	36°	55°30'	90	279	16'	00:48	10:01	09:58	
	Itapemirim .....	31°	49°30'	92	371	16'	01:04	10:14	10:14	
	Vitória .....	33°30'	52°	101	472	17'	01:21	10:31	10:30	
	Caravelas .....	20°	59°24'	307	779	54'	02:15	11:24	11:17	■
	Ilhéus .....	05°	25°24'	312	1091	55'	03:10	12:12	12:12	
	Salvador .....	17°	37°24'	215	1306	38'	03:48	12:50	12:50	
	Aracaju .....	34°	55°24'	273	1579	48'	04:36	13:38	13:30	
02	Maceió .....	46°	67°24'	202	1781	36'	05:12	14:06	13:58	
	Recife .....	28°	49°24'	187	1968	33'	05:45	14:31	14:30(1)	
	Campina Grande ...	313°	335°24'	142	2110	25'	06:10	15:45	15:45	
	Moçoró .....	324°	345°24'	285	2395	50'	07:00	16:35	16:35	
	Fortaleza .....	322°	345°24'	212	2607	37'	07:37	17:12	17:15	

(1) Feita a aterrissagem em Recife para reabastecimento.  
Decolagem à 15:20 horas.

## FOLHA DE NAVEGAÇÃO

Avião nº 5070	Tipo :B-25 J	Data 240468	Observador:
---------------	--------------	-------------	-------------

Vel Cruz	340 Km/h	Cap Org	AUT
Cons Hor		Cap Ol	01

Raz Sub	Raz Desc	Rel Tr:f	Decolagem
---------	----------	----------	-----------

## PLANO DE VÔO

E-ta-pa	Ponto de Controle	Rumo		Distância		Tempo		Horário		Obse
		Rv	Rm	DP	Tot	TP	Tot	Prv	Real	
Ol	Fortaleza .....	-	-	-	-	-	-	-	07:20	
	Parnaíba .....	285°	305°40'	362	362	64'	01:04	03:24	03:24	
	São Luiz .....	276°	294°40'	282	644	50'	01:54	09:14	09:11	
	Belém .....	286°	302°40'	489	1133	86'	03:20	10-3610.35	(1)	
02	Pôrto de Moz .....	265°	279°24'	421	1554	74'	04:34	12:19	12:20	
	Santarém .....	256°	266°24'	285	1839	50'	05:24	13:10	13:05	
	Itacoatiara .....	260°	267°24'	427	2266	78'	06:42	14:23	14:20	
	Manaus .....	268°	276°24'	170	2436	30'	07:12	14:50	14:48	

(1) Feita a aterrissagem em Belém para reabastecimento.  
Decolagem às 11:05 horas.

FOLHA DE NAVEGAÇÃO									
Avião nº 5070		Tipo RB 25 J		Data 250468		Observador:			
Vel Cruz	340 Km / h	Cap Org		AUT	01				
Cone Hor		Cap 01							
Raz Sub	Raz Desc	Rel Tr:f		Decolagem					
PLANO DE VÔO									
E- to- pa	Ponto de Controle	Rumo		Distância		Tempo		Horário	Obse
		Rv	Rm	DP	Tot	TP	Tot	Prv	
	Manaus .....	-	-	-	-	-	-	-	12:10
01	Manicoré .....	220°	220°36'	390	390°	69'	01:09	13:19	13:18
	Humaitá .....	225°	230°38'	265	655	47'	01:56	14:05	
	Pôrto Velho .....	216°	227°38'	170	825	30'	02:26	14:35	14:33 (1)
02	Rio Branco .....	252°	252°24'	448	1273	79'	03:45	18:04	18:05
(1) Feita aterrissagem em Pôrto Velho para almoço e reabastecimento. Decolagem às 16:45 horas.									

FOLHA DE NAVEGAÇÃO

Avião nº 5070

Tipo RB-25

Data 260468

Observador:

Vel Cru

340 Km / h

Cap Org

AUT

Cons Ho

Cap 01

Raz Sub

Raz Desc

Rel Tr:f

## Decolagem

**PLANO DE VOO**

FOLHA DE NAVIGAÇÃO

Aveiro n° 5070

T1PQ RB 25 J

Data270468

**Observador:**

Vel Cruz	540 km/h
Cons Hor	

Cap Org	
Cap 01	

**AUT** \_\_\_\_\_  
01 \_\_\_\_\_

Raz Sub

Baz Darg

Rel Trap

#### Descolagem

**P L A N O   D E   V O C E**

E- ta- pa	Ponto de Controle	Rumo		Distância		Tempo		Horário		Obse
		Rv	Rm	DP	Tot	TP	Tot	Prv	Real	
OL	Belo Horizonte ...	-	-	-	-	-	-	-	07:45	
	Barbacena .....	173°	189'24	148	148	26'	00:26	08:11	08:10	
	S B A F .....	162°	177'24	204	352	36'	01:02	08:46	08:45	

## SENHORES ASSINANTES

A Defesa Nacional depende dos Senhores e é feita sem qualquer idéia de lucro.

O preço de sua assinatura é calculado na base do mínimo indispensável para pagar as despesas inevitáveis, também feitas rigorosamente, pelo mínimo possível.

A assinatura para o ano de 1969 passou a ser NCr\$ 5,00 (cinco cruzeiros novos).

Aos assinantes que, até o presente, enviaram apenas NCr\$ 3,00 (três cruzeiros novos), anuidade antiga, solicitamos a gentileza de remeterem o restante da importância e aos que nada enviaram, a gentileza de o fazerem integralmente, a fim de facilitar nosso trabalho.

Agradecemos a todos os que atenderam prontamente nossos apelos para saudarem seus débitos.

A DIRETORIA

## *CONSIDERAÇÕES SÔBRE A ARTILHARIA AUTOPROPULSADA (AP) DO E. B.*

Ten-Cel Cav (QEA)  
CEZAR MARQUES DA ROCHA

Até o momento falta ao Exército Brasileiro e, em particular, à sua Divisão Blindada, um elemento de Artilharia AP que permita a instrução técnica-tática dos Artilheiros e a realização de exercícios de combinação de armas no nível Btl-Grupo.

Entre várias soluções alvitradadas surgiu, naturalmente, a da aquisição de materiais 105 e 155 AP, nos países fornecedores tradicionais de armamento.

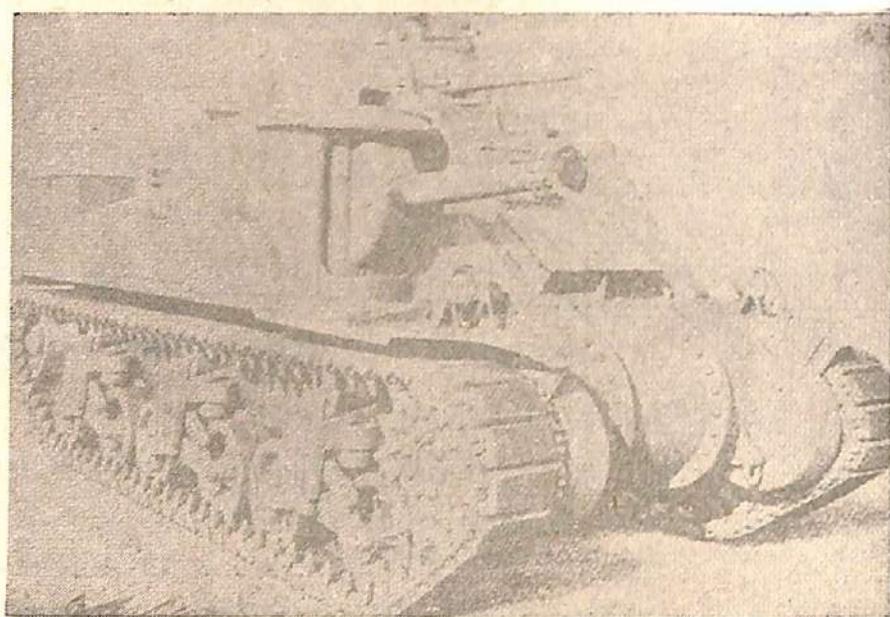
Esta solução colide com a política atual de obter no país, com a contribuição de nossa indústria, o necessário para que o Exército possa cumprir suas missões específicas.

Outra solução, em estudos, consiste no aproveitamento do chassi do CCM M3A3 — General Grant — carro que prestou bons serviços, no período de 1942 a 1966 e que, do efetivo inicial de mais de uma centena, acha-se reduzido a pouco mais de 20, a maioria vendida como sucata e o restante cedido a museus.

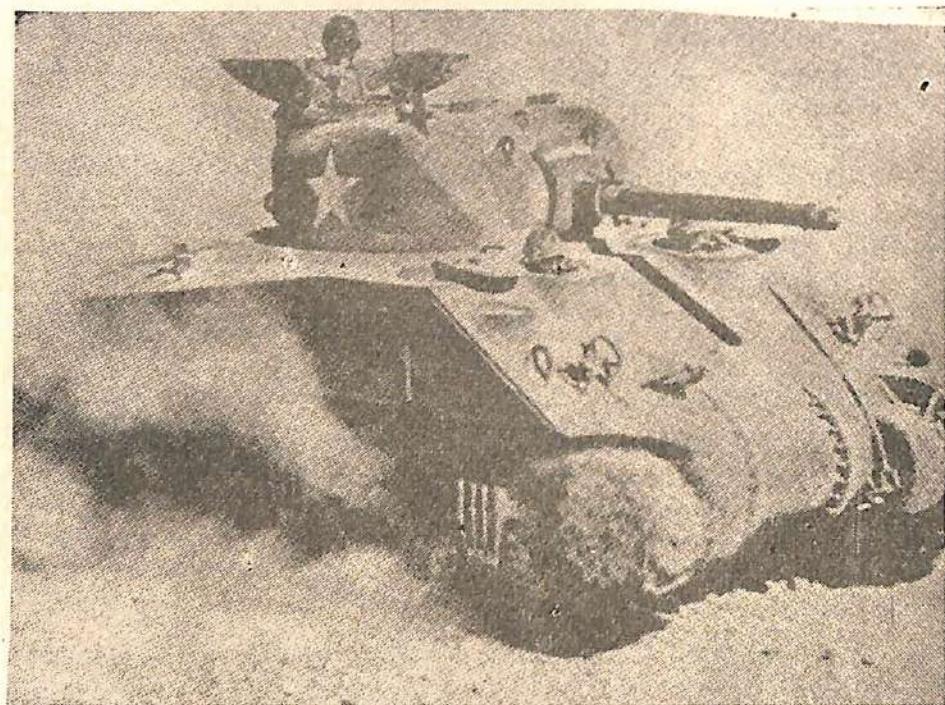
O aproveitamento consiste na troca dos dois motores conjugados GM Diesel, na retirada do canhão 75 mm lateral e da torre com o canhão 37 mm, e na colocação de um obus 105, 155 ou canhão 152,4 mm.

Enquanto o Brasil adota procedimento de país rico, vendendo, como sucata, preciosa blindagem que custa hoje cerca de NCr\$ 7,00 o Kg, FOB, países em condições melhores do que a nossa, mas menos ricos, aproveitam chassi de veículos blindados antigos, transformando-os em TBP e suportes para obuses ou canhões médios e pesados. Assim procedem, entre outros, França, Alemanha, Suécia e Israel.

A França utiliza o chassi do CCM M4, General Sherman, idêntico na parte inferior ao Gen Grant, para suporte de obuses 105 e 155 e, além disso, adaptou o chassi do CCL AMX 13 para suporte dos mesmos obuses.



CCMM3A3 — GEN GRANT



MA SHERMAN

As características dos CCM M3A3 e M4 são as seguintes:

	M3    A3	M4
Peso .....	64.000 Lb	67.300 Lb
Comprimento ..	222"	232"
Largura .....	100" 1/2	100" 1/8
Altura .....	122" 1/3	116"
Motor .....	420 HP	400 HP

Ambos utilizam o mesmo rolamento.

O problema que apresenta o aproveitamento do CCMM3A3 é o do motor que deverá substituir os 2 GM Diesel, modelo 6046. Com NCr\$ 20.000,00 obtém-se motor Diesel com potência de 400 HP que vai permitir boa velocidade ao chassi, mesmo equipado com canhão de 152,4 mm.

Poderá o Exército, com êste material e o efetivo de um dos Fortes a serem desativados, dispor de um Grupo de Art AP 105, 155 ou 152,4, a curto prazo, para completar a dotação de nossa GU Blindada.

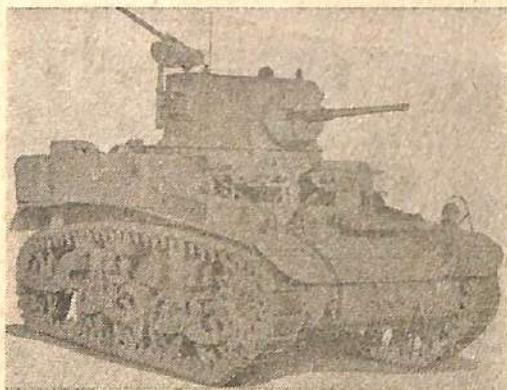


Obus AP 105 sobre CCM GEN GRANT

Examinarei agora as outras soluções francesas comparando-as com o nosso CCL M3 ou M3A1, "General Lee" utilizado em diversas unidades, atualmente:

**Características:**

	M3 A1	AMX 13	AMX 105 mm	AMX 155 mm
Peso .....	13 T	14,85 T	16,25 T	17 T (sem munição)
Comprimento ..	4,53 m	4,88 m	5,13 m	5,13 m
Largura ...	2,235 m	2,51 m	2,51 m	2,51 m
Altura .....	2,29 m	2,28 m	2,7 m	
Potência				
Motor ...	242 HP	270 CV	270 CV	270 CV
Velocidade .	57,6 Km/h	60 Km/h	60 Km/h	60 Km/h
Guarnição .	4 H	5 H	5 H	5 H
Autonomia	96 Km	320 Km	320 Km	320 Km



CCL M3A1



Obus AP 105 mm



CCL AMX-13



Obus AP 155 mm

A comparação entre os 4 tipos apresentados demonstra a possibilidade de aproveitamento do chassi do CCL M3 Al, para suporte do obus 105 ou do canhão 75 mm, ainda em uso no Sul.

O Pq RMM/3 que se dedica à recuperação do CCL, no Sul, poderia como experiência e com o apôio de seu escalão superior, preparar um chassi, colocar nêle um obus 105 ou um canhão 75, instalar uma blindagem leve à frente e nos lados e cedê-lo ao Grupo que apoiará a Bda Cav Mec para verificação de sua exeqüibilidade.

Fica aqui minha mensagem aos companheiros que organizarão a nova Bda de Cav Mec e aos do PqRMM/3.

Dotemos com elementos AP, a nova Art da nova GU Cav.

### CHURCHILL

Na guerra, **determinação**; na derrota, **bravura**; na vitória, **magnanimidade**; na paz, **boa vontade**.



**CLUBE DE OFICIAIS REFORMADOS E  
DA RESERVA DAS FORÇAS ARMADAS**

SEDE PRÓPRIA — AVENIDA PRESIDENTE VARGAS  
N.º 583 — 2.º andar, ZC 00 — RIO DE JANEIRO —  
GUANABARA — Tels.: 243-9391 e 223-4007

Há mais de meio século o CORRFA distribui proteção  
à família militar

**BENEFÍCIOS**

(Pecúlios, Pensões e Seguros)

**PECÚLIOS :**

MAR DEODORO .....	3.000,00
ALM TAMANDARÉ ...	5.000,00

**PENSÕES :**

TIPO A .....	150,00
TIPO B .....	300,00

**SEGUROS :**

TIPO A .....	4.000,00
TIPO B .....	10.000,00

**CARENÇIA**

(A contar do mês de inscrição)

**PECÚLIOS :**

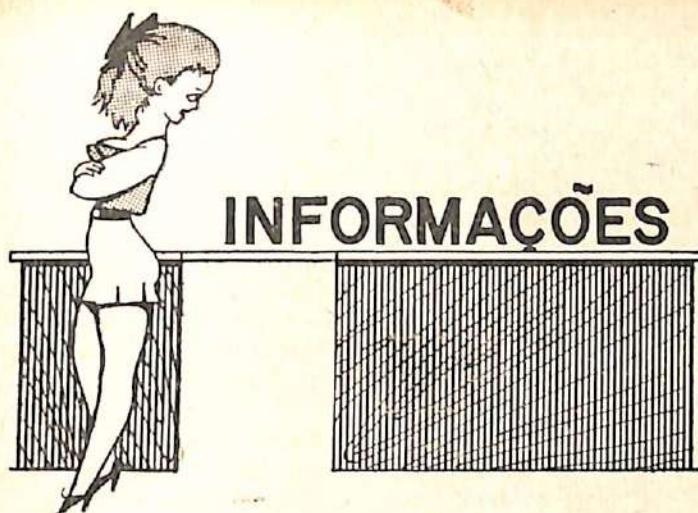
1/3 após 12 meses  
1/2 após 24 meses  
Integral após 36 meses

**PENSÕES :**

1/2 após 36 meses  
Integral após 48 meses

**SEGUROS :**

Integral após 60 dias



## INFORMAÇÕES

### O 2.º CENTENÁRIO DO FORTE DE PARANAGUÁ

Maj REGINALDO M. MIRANDA

Há duzentos anos, no dia 23 de abril de 1769 e pela primeira vez, rugiram os canhões da Fortaleza de Nossa Senhora dos Prazeres, situada junto ao Morro da Baleia, na Ilha do Mel, barra de Paranaguá, hoje conhecida como Forte de Paranaguá. Considera-se, por isso, aquela data como a do término de sua construção.

A existência da velha atalaia de nossos dias, testemunha de feitos militares de outrora, decorreu de fatos importantes na formação sul brasileira.

Em meados do século XVIII a Capitania de São Paulo vivia uma fase de grande depressão, exaurida pela corrida de seus habitantes em busca do ouro das Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso. Chegou a permanecer extinta de 1748 a 1765, sendo seu vasto território administrado pelo Comandante da Praça de Santos, diretamente subordinado ao Rio de Janeiro. Restaurada em 1765,

a Capitania teve como Capitão-General Governador, Dom Luís Antônio de Souza Botelho Mourão, o Morgado de Mateus, escolhido por Pombal para promover seu reerguimento e restaurar o antigo poderio militar bandeirante. Quando veio para o Brasil, tinha o Morgado de Mateus 43 anos de idade, era Tenente-Coronel dos Dragões de Chaves, veterano da campanha de 1762, governador do castelo da Barra de Viana, dedicava-se a estudos de engenharia, estratégia e história militar, etc. Tinha, aliás, assentado praça de soldado aos treze anos de idade!

Escapa aos limites desta nota uma apreciação, mesmo sumária, do governo Morgado de Mateus, de decisiva importância na formação política e administrativa dos atuais Estados de São Paulo e do Paraná. Revelando inteligência e objetividade, soube o Morgado muito bem

aproveitar, para a consolidação do domínio português, as tradicionais características bandeirantes de altivez, tenacidade, respeito aos compromissos e ampla visão dos problemas nacionais. Fundou vários povoados e vilas, ao longo do litoral e dos caminhos de penetração para o Oeste e para o Sul. Para conhecer o potencial humano mobilizável, iniciou minuciosos recenseamentos de todas as comunidades. Mandou sucessivas expedições reconhecer e ocupar vastas áreas vazias, particularmente no atual Paraná. Sempre em moldes militares, deu organização administrativa à sua Capitania, superando dificuldades imensas e problemas os mais variados.

Não tendo recursos financeiros para aumentar o efetivo do Regimento de Santos, única força do Exército regular existente em toda a Capitania, desenvolveu as tropas Auxiliares que constituíam a reserva regional e que sómente eram pagas quando efetivamente empregadas. Existiam ainda numerosos Corpos locais de Ordenanças, de índios mansos, Companhias de pardos, de negros forros, etc. Até Santo Antônio, o suave santo português, foi nomeado Coronel das tropas paulistas que foram colocadas sob sua proteção.

Deu o Morgado de Mateus particular atenção às fortificações. No litoral, barrando possíveis acessos à região do ouro, reconstruiu e melhorou fortificações em Santos e na Bertioga, levantando outras na região de São Sebastião. Construiu fortalezas no Iguatemi, em Guarapuava e em Paranaguá, as quais, além de outras finalidades locais como a de fixar povoadores, baliza-

vam uma linha de vigilância, fazendo frente para o Sul sempre conturbado.

Ao que tudo indica, o Morgado de Mateus, desenvolvendo a agricultura, pretendeu criar no litoral sul da Capitania uma estrutura econômica que, inclusive, apoiasse futuros esforços militares. Convém lembrar que a mandioca foi a "farinha de guerra" dos bandeirantes, sobrevivendo hoje no tradicional "virado à paulista". A defesa daquela região litorânea seria apoiada, obviamente, em uma fortificação a ser levantada na baía de Paranaguá. Grande devoto de N. Senhora dos Prazeres, deu o Morgado o nome de sua padroeira a vários de seus empreendimentos, como à vila de Lajes, no extremo Sul da Capitania, e aos seus fortes do Iguatemi e de Paranaguá.

Como medida de defesa contra os piratas, uma primeira fortificação foi mandada erguer em Paranaguá em 1723, não sendo porém efetivada sua construção. Sómente em começos de 1767, o Tenente-Coronel Afonso Botelho de Sampaio e Souza, do Regimento de Santos e primo do Morgado de Mateus, iniciou as obras de fortificação na Ilha do Mel. Almoxarife das obras da nova Fortaleza foi o Alferes Custódio Martins de Araujo. O custo total da vasta edificação, com suas imponentes muralhas de granito atingindo até dez metros de altura por dois a seis de espessura, deve ter alcançado cerca de trinta contos ouro. Para as despesas iniciais, incluindo o pagamento de cinqüenta trabalhadores, a Provedoria da Fazenda Real remeteu de Santos quatrocentos mil réis e a Câmara de Paranaguá concorreu com mais du-

zentos e cinqüenta. Os barcos que faziam ligação com Paranaguá empregavam normalmente, índios mansos como remadores. Quando da sua inauguração, contava a Fortaleza com seis peças, vindas de Santos juntamente com a munição e petrechos. No seu interior ficava a capela, onde a guarnição rezava o terço.

Com o passar do tempo, veio a ter a Fortaleza vários períodos de inatividade. Desarmada em 1800, viu seus canhões serem levados para Santos. Em 1820 o Capitão-General Governador de São Paulo aceitou o oferecimento do Sargento Mor Ricardo Carneiro dos Santos para realizar à sua custa obras de reparação da Fortaleza, recebendo em troca Patente de Tenente-Coronel, adido ao Estado-Maior do Exército, e Mercê do Hábito de Cristo. Em maio daquele ano, Carneiro dos Santos era Governador da Fortaleza cujo Destacamento era comandado pelo Tenente Antonio Bueno de Oliveira Salgado. Estava então armada com doze peças. Devido às incursões dos corsários vindos do Sul, voltou a ser guarnecida em 1825, vindo a ser, seis anos após, quando possuía dezesseis bocas de fogo, incluída no desarmamento geral determinado pela Regência. Uma Portaria de 5 de abril de 1830 nomeou seu Comandante o Tenente João Manoel da Cunha, do Corpo de Artilharia Montada aquartelado em Santos. O Tenente Joaquim Ferreira Barbosa foi nomeado Comandante por um ofício, datado de 28 de setembro de 1831, do Comandante das Armas da Província de São Paulo. Em 1880, doze canhões alinhavam-se naquelas muralhas seculares, guardando as águas da

barra de Paranaguá. Em 1905 foram gastos dez contos de réis na construção de um edifício, no interior do forte, para aquartelar um Batalhão de Artilharia que o guarnecia. Em 1909 ali estava a 4.ª Bateria Independente. Melhoramentos da fortificação foram projetados em 1911 e em 1913 as antigas construções passaram a servir de base para as obras de uma nova Bateria no alto do Morro da Baleia. Posteriormente, foram naquela Bateria instalado quatro canhões de 120mm C/40 — Armstrong, do antigo Cruzador Tamandaré, que constituíram a principal defesa da região durante a 2.ª Guerra Mundial. Declaraada fora do serviço em agosto de 1954, permaneceu no velho forte um destacamento com a missão de guarda. Em começos de 1965 o contingente era constituído por um sargento e seis soldados. Ao redigirmos esta nota (março de 1969) um sargento do Exército é o único militar que permanece na Fortaleza.

Neste seu 2.º centenário, é grande a importância do velho forte. Sendo um majestoso exemplar de arquitetura militar antiga, oferece detalhes de construção graciosos e interessantes, como o conjunto da entrada e as guaritas ao alto, nos ângulos das muralhas. Levantada em pleno ciclo do ouro, a imensa sentinela de pedra lembra um período heróico de nossa história. Juntamente com o prédio do antigo colégio dos jesuítas em Paranaguá, outro belo exemplar de arquitetura colonial, constitui motivo de atração turística naquela região de grande beleza natural. O conjunto de terrenos e benfeitorias da fortificação, além de ser próprio nacional, é monumento tombado pelo Go-

vérno Federal e controlado pela Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional — DPHAN, repartição do Ministério da Educação e Cultura. Em março de 1969, obras de conservação do velho forte estão sendo realizadas pelo 4.º Distrito da DPHAN, sediado na cidade de São Paulo tendo os encargos de preservação de todos os monumentos históricos do Sul do país. Ao que consta, o imóvel deverá ser, como outros antigos fortes desarmados na costa sul, aproveitado como base para estudos da plataforma marítima, cujas possibilidades de exploração econômica não são suficientemente conhecidas.

Acérca da Fortaleza existe numerosa documentação, original e publicada, em diferentes órgãos do Ministério do Exército e no Arquivo do Estado de São Paulo. Neste último, particularmente a que se refere aos tempos da Colônia, Reino e Império. Também a DPHAN possui importante documentário. A Fortaleza é citada de maneira sucinta nos conhecidos trabalhos gerais sobre as fortificações brasileiras de autoria do Ten-Cel Augusto Fausto de Souza, Cap Annibal Amorim, Cap Corveta Carlos Miguez Garrido e Cel Annibal Barreto. Estudos mais detalhados foram realizados por Antonio Paulino de Almeida e David Carneiro. Informações várias aparecem em escritos de Vieira dos Santos, Wasth Rodrigues, Sebastião Paraná, Romário Martins, Azevedo Marques, Ermelino de Leão, Américo Brasiliense Antunes de Moura, etc.

Foi a Fortaleza, local de um acontecimento famoso em nossa História, o denominado Incidente *Cormoran*. Na manhã de 1 de julho

de 1850, comandada pelo Cap Joaquim Ferreira Barbosa, abriu fogo contra a fragata inglesa *Cormoran* que, alegando combater contrabando de escravos, aprisionara e conduzia barra a fora, três navios mercantes nacionais, antes surtos em Paranaguá. O incidente impressionou a opinião pública e motivou várias medidas governamentais, podendo ser considerado como um marco no processamento para a abolição da escravatura.

Dispondo de obsoletos canhões coloniais, o Cap Barbosa, auxiliado por um grupo de civis, inclusive estrangeiros residentes em Paranaguá, atirou contra a fragata, atingindo-a e causando baixas em sua tripulação. Revidaram os ingleses, até ficar seu navio fora do alcance dos canhões do forte, quando então cessaram de atirar.

Personagem central do incidente, o Cap Barbosa desde então figura em nossas tradições como um soldado que defendeu heróica e brilhantemente, a dignidade nacional. Naquela manhã, de pé no parapeito da muralha, animado em altas vozes os bravos defensores, observando com o binóculo os impactos de seus tiros, o velho Capitão sabia o que estava fazendo. Ele próprio, com as calças brancas do uniforme, era um alvo e poderia ser abatido de um instante para outro. Viúvo, suas quatro filhas e seu filho menor residiam com ele no forte; naquele momento estavam ajudando os artilheiros e serventes. Um tiro mais certeiro poderia causar várias vítimas no forte.

Foi realmente heróica a atitude do Capitão, digna da maior admiração sob todos os aspectos. Além dos perigos do fogo de Artilharia, de

curta duração porém intenso, as consequências seriam da maior gravidade. Mas o comandante do forte tinha formado sua alma de soldado nas longas e penosas campanhas do Sul, veterano de gloriosas jornadas, primeiro entre os Dragões do Rio Pardo, a seguir como cabo, sargento e tenente da Artilharia da Legião de São Paulo. Naquela manhã, cada disparo de canhão naquelas muralhas era um grito de defesa, um solene brado de protesto.

Em ofício datado de 22 de julho de 1850 o Presidente da Província apresentava seus elogios ao Cap Barbosa, por sua conduta no incidente "... o Sr. Capitão Joaquim Ferreira Barbosa, Comandante da Fortaleza da Barra daquela cidade, opondo-se com os meios de que dispunha, a tão flagrante violação do nosso território, mostrou-se digno de que lhe fôsse confiada uma Fortaleza de sua Majestade Imperial, e digno da nobre profissão militar, a que honrou por êsse ato valoroso..." Chamado à Capital da Província, a fim de responder a Conselho de Guerra, seguiu o Capitão para São Paulo levando os filhos. Para proteger o querido pai das incertezas da justiça humana, suas filhas levaram também a veneranda imagem de N. Senhora dos Prazeres, padroeira do forte. Em-

bora não tenha sido condenado, o Capitão foi destituído do comando da Fortalza e transferido para a 3.ª Classe do Exército. Sua longa carreira chegava ao fim. Em requerimento, datado da cidade de São Paulo, aos 12 de setembro de 1851, pedia ao Imperador sua reforma, por motivo de mau estado de saúde, contando 42 anos incompletos de serviço, incluindo vinte das campanhas sulinas e dezenove de comando do forte de Paranaguá...

Joaquim Ferreira Barbosa nasceu em Cunha, Capitania de São Paulo, em 25 de março de 1783. Ingressou no Exército em 8 de outubro de 1808, como Soldado Dragão no célebre Regimento do Rio Pardo. Como tantos outros brasileiros daqueles tempos, passou os melhores anos de sua vida nas duras lutas do Sul, participando do grande esforço português para levar as fronteiras até as barrancas do Prata. O incidente Cormoran imortalizou sua memória. Faleceu pouco depois da meia noite de 23 de setembro de 1864, na cidade de São Paulo, vitimado por uma broncopneumonia.

Neste 2.º Centenário do Forte de Paranaguá não deve ser esquecido seu antigo Comandante, aquêle que ligou o imponente baluarte a um dignificado episódio de nossa História Pátria.

A Guerra Revolucionária leva o perigo comunista ao umbral de cada casa e a última frente se situa no espírito de cada cidadão!

## NOSSO APÉLO

VOÇÊ, que tem idéias sobre muitos problemas do Exército e do Brasil, ponha-as no papel e remeta-as para esta Redação. Use a sua tribuna para difundi-las.

VOÇÊ, que estuda para a ECENE e organizou seu ponto, mande-nos para que seja publicado, servindo assim a todos.

VOÇÊ, S 3 de unidade, que montou e executou um exercício no terreno, envie-no-nos para ser publicado.

VOÇÊ, oficial instrutor das inúmeras Escolas e Cursos do Exército, que redigiu um novo ponto de instrução, que leu um artigo interessante em revista estrangeira, que montou uma demonstração, que fez algo novo, interessante, digno de ser divulgado e apresentado a todo o Exército, tome a iniciativa de nos mandar uma cópia, para inserirmos na Revista.

VOCÊS, sargentos, da tropa, das escolas, monitores, alunos, enviem-nos suas colaborações.

Serão bem-vindos!

A REDAÇÃO

# LEITURA DINÂMICA

## II

### 1. A LEITURA DE ÁREA

A LD pròpriamente dita só se consumará com a realização dos *Movimentos 3 e 4*, e suas variações. Eles é que permitirão a leitura de áreas, nosso principal objetivo. Ler dinâmicaamente é ler *áreas* e não *linhas*, operação a fazer com amplo entendimento e fixação do texto, numa velocidade de, no mínimo, 4000 ppm.

### 2. O MOVIMENTO 2, PONTE PARA A LEITURA DE ÁREA

A diferença entre o movimento 1 e 2 é que, no movimento 2, a mão só percorre 2/3 de cada linha, a vista abarcando só de relance as palavras contidas em suas faixas extremas. Vejamos o exemplo:

"Ninguém podia se aproximar da Praça, cujas ruas de acesso estavam totalmente ocupadas pelas tropas. O processo finalmente atingirá seu clímax".

1/6	2/3	1/6
A	B	C
a mão só fará este deslocamento		

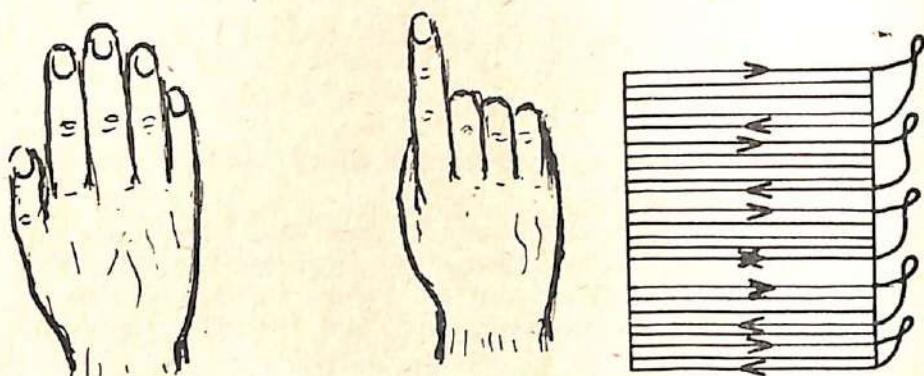
Na execução do *movimento 2*, as palavras ou fragmentos de palavras contidas nas colunas A e C (a coluna B, central, ocupa 2/3 das linhas) não serão percorridas pela mão. Esta se limitará a correr o miolo de cada linha. Caberá, então, aos olhos abrangê-los num relance, aplicando a capacidade de visão lateral, já ampliada pela realização do exercício 1 (lição anterior).

A realização, por duas semanas, de 90 minutos de leitura diária, utilizando o movimento 2, aumentando sempre a velocidade, vai habilitar o candidato a ingressar no movimento 3.

### 3. O MOVIMENTO

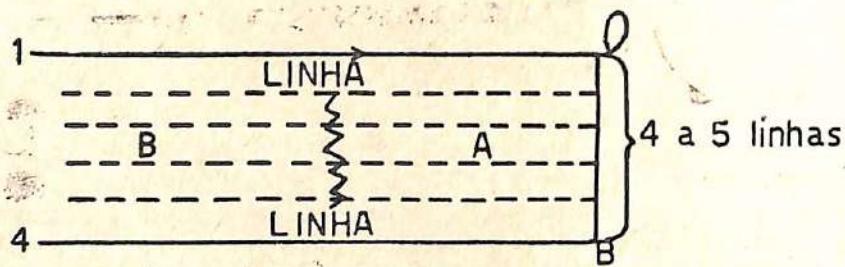
Para executá-lo, o candidato irá reformular, a fundo, as técnicas usadas desde a alfabetização, pois deverá combinar o processo tradicional de leitura (movimento por linhas sucessivas, da esquerda para a direita) com a leitura de área. Em consequência, terá de ler,

ao mesmo tempo, da esquerda para a direita (as *linhas*) e da direita para a esquerda (as *áreas*). As figuras abaixo servem de orientação:



O movimento 3 comporta a seguinte seqüência de operações:

1) A leitura de linha se fará com a mão na posição C. A linha será percorrida com a mesma velocidade adotada no movimento 1. No final da linha, a mão assume a posição B, descendo, com a mesma velocidade, 4 a 5 linhas, na vertical, pela margem direita, para deslocar-se em seguida da direita para a esquerda até o início da linha (ver fig. 3).



2) A leitura de área (ver fig. 3) se fará a partir do vértice 2 (fim da leitura por linha). Enquanto a mão, na posição B, efetuar o percurso 2-3-4, a vista deverá abranger sucessivamente o conjunto de palavras contidas na área A (à direita) e, logo em seguida, na área B. A integração do conteúdo das áreas se fará, então, da direita para a esquerda.

*Ler áreas consiste, portanto, em, num relance, assimilar o conteúdo de 4 a 5 linhas sucessivas.*

3) Terminada a leitura das áreas A e B, a mão assume a posição C e realiza nova leitura de linha, iniciando novo ciclo.

#### 4. CONCLUSÃO

A leitura de áreas é movimento complexo, cuja execução vai exigir uma intensa exercitação. Inicialmente, a única preocupação deve ser a realização do movimento *com velocidade*, independente da *compreensão*. É preciso fazer a vista captar o maior número possível de palavras de cada vez. A compreensão, esta virá com o tempo.

#### 5. EXERCÍCIOS

Deve ser dispensada 1 hora e meia, diariamente, para a realização dos seguintes exercícios:

##### EXERCÍCIO 1

1. Realizar em 20 páginas o movimento do S preguiçoso (movimento de pré-leitura), gastando 4 segundos por página.
2. Repetir a operação acima, gastando 3 segundos por página.

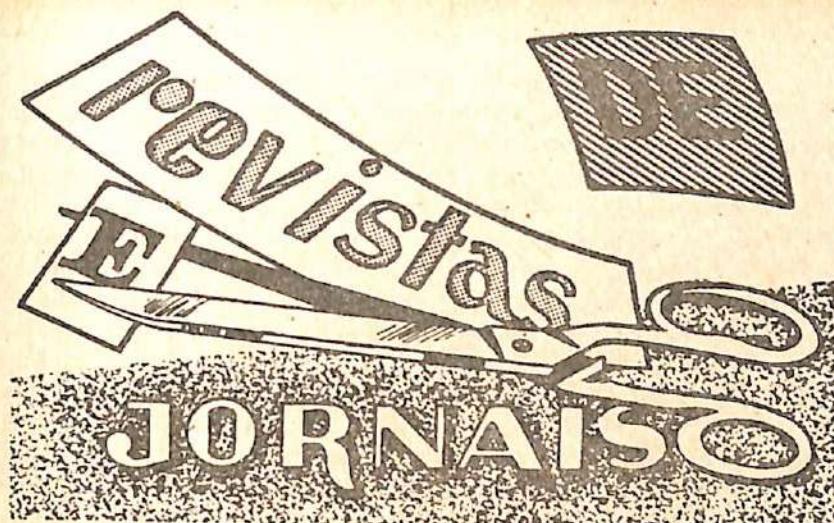
##### EXERCÍCIO 2

Realizar, utilizando o movimento 3, os mesmos exercícios previstos para o movimento 1. A fôlha de contrôle deve ser preenchida, consignando-se os tempos alcançados.

Conserve em todos os momentos da vida:  
Determinação — Coragem — Serenidade —  
Resignação — Alegria.

POR QUE SE DEVE ANUNCIAR EM  
"A DEFESA NACIONAL"

- 1 — A vida de um anúncio, nesta Revista, é maior do que em outra publicação qualquer, porque:
  - a) ela circula em todos os Estados do Brasil;
  - b) seus exemplares passam por muitas mãos e são lidos, pelo menos, por dez vezes mais do que o número de assinantes;
  - c) depois de lida, constitui fonte permanente de informações, porque, sendo uma Revista técnica, é colecionada por todos, o que não acontece com as revistas puramente mundanas; e
  - d) vive num meio de ponderável capacidade aquisitiva, a que o anúncio, muitas vezes, não chega senão através desta Revista.
- 2 — Se sua existência de 54 anos não fôsse bastante como prova de seu sólido prestígio, melhor atestado não haveria que o Aviso de 22 de janeiro de 1947, em que o Exmo. Sr. General Ministro da Guerra recomenda "A Defesa Nacional" ao interesse do Exército, em face de sua utilidade incontestável para as Classes Armadas.



DE "O GLOBO"

## O ANTILUCRO, GRANDE ERRO

EUGÉNIO GUDIN

Os contatos que tenho tido com alguns militares meus amigos (nossa afinidade invariável é a da paixão pelo Brasil), têm-me suscitado o receio de que em vez de escreverem certo por linhas tortas, como dizem ser o caso de Nossa Senhor, êles estão se arriscando a escrever errado por linhas certas, isto é, a incidir em grave erro, com a mais reta das intenções.

Este receio advém do conceito que parece arraigar-se na mente desses tão bons brasileiros, de que o Lucro é uma instituição espúria, danosa e predatória, que importa combater para bem do país e felicidade de nós todos.

A disseminação de tal conceito pode vir a ter graves consequências, canalizando impensadamente os esforços e diretivas de alguns dos melhores elementos da Revolução, no sentido de uma Involuntária Convergência com o regime sub-

versivo e pré-comunista que João Goulart e seus asseclas tentaram implantar no País.

\* \* \*

Esta deformação visual e conceitual parece-me, em parte, oriunda da confusão que se estabelece, "no maldito regime inflacionário" (que a Revolução tanto tem tardado a debelar), entre o "custo histórico" e o "custo de reposição". Um comerciante que em janeiro comprou uma mercadoria por 100 e que em julho, digamos (6 meses depois), fôsse vendê-la por preço baseado naquele custo de 100 (histórico) caminharia forçosamente para a falência, porquanto o valor da mercadoria "na ocasião da venda" não é mais 100 e sim 110 ou 120 (custo de reposição), que é quanto êle terá de pagar nessa ocasião para refazer o seu estoque.

Mas há ainda outra circunstância que contribui para deformar a visão dos militares em matéria de preços das mercadorias de alimentação e outras de consumo corrente. É que para aliviar as agruras dos orçamentos dos militares, cujos vencimentos são mais do que modestos, o Exército, a Marinha e a Aeronáutica mantém seus "Serviços de Subsistência", que além de operarem na base do custo histórico, não têm de suportar os encargos de impostos, aluguéis, juros, despesas gerais e mais um lucro, podendo, portanto, vender 20% mais barato do que os supermercados, os armazéns e as lojas. Para o negociante o custo de aquisição, ou melhor, o "custo de reposição" (e não o custo histórico) que acabamos de definir, há de ser acrescido usualmente de uns 20% para cobrir aquêles encargos de aluguel, empregados, impostos, juros e despesas gerais, além de "um lucro", que remunere o capital, compense os sócios que trabalham e permita a acumulação de uma "reserva".

\* \* \*

O sistema da iniciativa privada que Marx, seu maior inimigo, denominou (erradamente) de capitalista, gira em torno do incentivo do lucro. Mas lucro é sinônimo de risco e de incerteza. O empreendedor que é a encarnação da iniciativa privada precisa de clima e de incentivo para se lançar à emprêsa. Quando o empreendedor em potencial sente um ambiente de antipatia senão de disfarçada hostilidade, ele se retrai e vai pregar noutra freguesia.

A cresce que o impulso de que carece o empreendedor em um país

de economia instável e rumos políticos incertos como o nosso, é muito maior do que em países onde tudo é organizado e estável. Em outras palavras: o *coeficiente de Risco* é muito mais pronunciado nos países política e econômicamente subdesenvolvidos do que naqueles em que as probabilidades de acerto na previsão e de efetivação no planejamento (para usar a fórmula talismânica tão em voga) são muito mais favoráveis. Basta lançar uma visada retrospectiva sobre "a duração das empresas", no Brasil. As centenas se encontram nos países europeus, e mesmo nos Estados Unidos, firmas ou empresas com mais de 100 anos de existência, o que por aqui constitui fenômeno da maior raridade. Os trancos e solavancos da instabilidade destroem as empresas — salvo, claro é, as empresas do Estado que, apesar de seu soberbo desprezo pelos custos de produção, são imunes à falência por obra e graça do Tesouro Nacional.

A suspicácia de que são objeto os empreendedores entre nós não é novidade. Já no Império, Irineu de Sousa, Barão de Mauá, e o Conde de Figueiredo, dois dos maiores empreendedores daquele tempo, eram olhados com desconfiança pelo Imperador.

O espírito de suspicácia preventiva contra o empreendedor encontra-se mais arraigado nos meios que, por motivos diversos, vivem afastados das lides empresariais e de suas agruras. Esse espírito não existe por exemplo em São Paulo ou nos Estados Unidos, onde se prestigia o empreendedor e onde os homens de emprêsa são freqüentemente chamados ao Governo. O que não

impede de haver nesse país uma efetiva repressão ao abuso econômico, aos monopólios e aos conchavos prejudiciais ao interesse público.

No Brasil importa convencer os governantes de que os empreendedores devem ser estimulados, muito mais para bem do País do que para o dêles próprios e de que o lucro é um indispensável fator de progresso.

Referi-me, no primeiro artigo, ao receio que me vem inspirando a atitude de suspeição de alguns amigos militares contra o Lucro de empreendedores, industriais ou comerciantes, como se fosse uma categoria predatória e anti-social.

Sobe de ponto esse receio quando, de outro lado, vejo o franco desassossêgo, gerador de desânimo, que se vem alastrando entre os homens de emprêsa.

Haveria um meio muito simples de acabar com essa suspeição de militares, como de muitos funcionários e não poucos bacharéis, contra os homens de emprêsa. Seria o de investi-los, durante um prazo, nas funções de diretores de emprêsa e nas responsabilidades dos negócios, para que experimentassem as dôres de cabeça, as insônias e as agruras do ofício. Sobretudo dos empresários que contratam e trabalham honestamente para o Governo, que se arroga, em nosso País, o direito de pagar quando bem quer. Falo por experiência própria de um passado que, nem por ser longínquo, é menos expressivo. Quantas são, entre nós, as empresas que ao fim de 20 ou 30 anos soçobram ou passam para as mãos dos credores.

A idéia, ora em voga, de "tabelar preços em função de custos" é uma das maiores barbaridades que se podem perpetrar em teoria econômica. Começa porque *custo não é um ponto; é uma curva*. Essa curva começa pelos custos da emprêsa de maior produtividade (isto é, de custos mais baixos); mas como sua produção não dá vazão à demanda, entram no mercado outras emprêses de custos mais altos do que a primeira (a curva dos custos vai subindo) e por fim outras de custos ainda mais elevados até que a curva ascendente esbarre na curva da demanda. Isso é o bê-abá da "Formação de Preços". Por onde se vê que o custo da emprêsa A é diferente da emprêsa B e a emprêsa C etc. Tabelar o preço de um produto na base do custo da produção de uma emprêsa é, portanto, uma incongruência.

Tenho entretanto informação de vários casos em que a SUNAB (ou quem suas vezes faz) tem tabelado o preço de um mesmo produto, no Estado A com base nos custos elevados de fábricas de baixa produtividade desse Estado e no Estado B com base nos custos bem mais baixos das fábricas de boa produtividade desse último. É a forma ideal para punir quem trabalha com eficiência e alta produtividade!

\* \* \*

A suspeição contra o Lucro tem sua origem na ignorância do mecanismo do sistema econômico. Samuel Gompers, um dos mais destacados líderes trabalhistas dos Estados Unidos, escreveu que nada há de mais ameaçador para o operário do que uma emprêsa de lucros

precários; porque isso é o prenúncio do fechamento de seus portões e portanto do desemprego,

O grande gerador de empregos é o empreendedor. É a iniciativa do empreendedor, é sua coragem de arriscar e sua disposição de lutar, que dinamizam o sistema econômico e alimentam a Produção e a Renda Nacional do País. É verdade, como escreveu Keynes, que "o Lucro está longe de ser o único estímulo ao empreendimento. A satisfação de realizar, de vencer, o prestígio social do criador, muitas vezes o imperativo de progredir e a impossibili-

bilidade de estaçnar, sob pena de sucumbir, são outras tantas motivações, talvez tão poderosas quanto o Lucro".

Importa lembrar também que o Lucro não distribuído, isto é, Lucro reinvestido é o grande supridor de recursos para o desenvolvimento e a expansão da emprêsa, trate-se de uma emprêsa privada como nos EUA ou de uma emprêsa estatal como na Rússia. Entre nós as percentagens de lucro reinvestido atingem freqüentemente 80% a 90% do total, como se vê da seguinte amostra:

% DE LUCROS REINVESTIDOS

84,7%

	Comércio	Ind. Side-rúrgica	Automobilística	Química	Têxtil
1963	83,8%	85,9%	99,7%	86,7%	91,0%
1964	86,4%	82,8%	96,6%	88,9%	94,7%
1965	82,3%	79,8%	91,4%	87,6%	84,7%

O que mostra que quem no Brasil de hoje invechia os lucros desperdiçados em consumo supérfluo esta atacando fantasmas ou fazendo demagogia.

Não quero dizer com isso (refiro-me aos dois artigos anteriores) que o mundo dos negócios seja um santuário de probidade e de escrúulos. Vários casos vi de negociantes que, se aproveitando da fruixidão e do incrível formalismo do aparelho judiciário, deixaram de cumprir suas obrigações de justo pagamento ou de entregar a mercadoria prometida pelo preço tratado. Mas isso está longe de ser a regra; e para isso é que existem cadastros bancários de informações — aqui como em tôda a parte.

E quando essas práticas espúrias se estendem às transações com o

Estado, a iniciativa da fraude parte invariavelmente daqueles a quem foi confiada a defesa do interesse público (enriquecimento ilícito), seja o Presidente da República (excepcionalmente, graças a Deus), o diretor de serviços, ou o simples fiscal ou medidor de obras públicas. Nunca ouvi falar de empresário ou empreiteiro que se lançasse, por vocação, à prática de corrupção, sem que para isso recebesse solicitação, direta ou indireta, da outra parte.

\* \* \*

Mas nem por ser imperfeito, como tôda a obra humana, deixa o

sistema empresarial de ser o melhor gerador de progresso e de riqueza que a Humanidade já descobriu, sistema em que, como disse Adam Smith, a motivação do interesse individual resulta, automaticamente, na promoção do interesse geral.

"Fundamentalmente", escreve o eminentíssimo mestre Milton Friedman, "só há duas maneiras de coordenar as atividades econômicas de milhões de pessoas. Uma é a direção central, exigindo o uso de coerção — a técnica da Fôrça e do Estado Totalitário moderno. A outra é a cooperação voluntária dos indivíduos — a técnica do Mercado."

Em outras palavras, o dilema é entre as economias de livre empresa e iniciativa privada e a economia totalitária e comunista, de que a Rússia Soviética nos proporcionou a primeira experiência em grande escala, implantando um regime político ditatorial, despótico e desumano, em que a supressão das liberdades individuais é o primeiro preço a pagar pela promessa de desenvolvimento econômico.

Nessa grande experiência, a excelente taxa de crescimento do Produto Nacional Soviético (em torno de 10%) não foi entretanto maior do que a que atingiram o Japão e a Austrália, por exemplo, sem que para tanto houvesse necessidade de trucidar ou "liquidar" dezenas de milhões de criaturas humanas. Daí escrever J. Dewhurst, com carradas de razão, que

"De todas as grandes nações industriais, a que mais se tem apegado ao capitalismo privado

é a que mais se aproximou do ideal socialista de prover a abundância em uma sociedade sem classes."

\* \* \*

A atmosfera de desassossego e de insegurança, senão de angústia, que se observa entre as classes empresariais, é o melhor antídoto imaginável contra o desenvolvimento econômico, a curto e longo prazo. Mesmo os mais corretos e integros empreendedores ou investidores não sabem que pedra lhes vai cair sobre a cabeça no dia seguinte.

A liberdade de legislar por decreto não deve degenerar em Fúria Legiferante. Há de ser usada com prudência e parcimônia. A Lei do Inquilinato, que acaba de ser promulgada, é a sétima de sua espécie desde novembro de 1964! As "regras do jôgo" mudam por decisão unilateral, do dia para a noite.

Mas é que a iniciativa privada tem um limite de elasticidade, além do qual ela se recusa a operar.

\* \* \*

Não foi para isso que se promulgou o Ato Institucional n.º 5. Além do objetivo preliminar de pôr fim às manobras saudosistas e subversivas contra os princípios cardinais da Revolução, o Ato dá uma oportunidade para a repressão dos abusos lesivos à Nação.

Mas esses abusos não decorrem da Lei da Oferta e da Procura. Encontram-se principalmente, dentro dos próprios serviços e empresas do Governo, onde a produtividade é (salvo raras exceções) muito

mais baixa e os salários e regalias muito mais altos, do que no Setor Privado. Aí, sim, é que o Ato 5 poderia trazer grandes benefícios à Nação podando o tremendo parassitismo que se instalou nas autarquias e empresas do Estado.

No desenvolvimento econômico, como no trato dos negócios, é preciso não espantar a caça. O empreendedor, como o investidor, é um bicho desconfiado e temeroso. E, na verdade, tem boas razões para isso. A caça, no caso em aprêço, são as galinhas dos ovos de ouro, que alimentam a economia do setor privado, onde se supre o setor estatal.

Uma das razões por que eu aplaudo a escolha do atual Ministro da Fazenda (e felizmente não me arrependo) é que o professor Delfim Neto não se confinara no setor das tarefas universitárias; tinha tido muito contato com a Associação Comercial e outros expoentes do setor empresarial de São Paulo. A él se poderia aplicar a célebre resposta que o Sr. Adolf Miller, então vice-presidente do Federal Reserve Bank, deu ao senador presidente do CPI do Congresso americano, em 1928. Perguntando, ao início do interrogatório, se él também era professor de Economia, respondeu o Sr. Miller que sim, mas que tivera muitos contatos com a realidade dos fenômenos econômicos, de sorte que "sempre mantivera os pés no chão" (I always kept my feet on the ground). Ainda hoje guardo os anais dêsse grande inquérito.

Ao dirigir-se, há poucos dias, à Federação do Comércio de São Paulo, disse o Ministro Delfim Neto que "o setor privado pode es-

tar certo de que terá a tranqüilidade e a segurança para realizar seus investimentos".

Dá vontade de dizer: "Deus lhe ouça". Porque, quando em 1954, em Washington, eu, como Ministro da Fazenda, solicitei (sem resultado) a colaboração do Governo Americano para aliviar os apertos porque passava então o Brasil, por ter metido numa vasta especulação altista do café, ouvi dos Srs. Humphrey (Secretário do Tesouro) Burgess (Assistente-Secretário) e Black (presidente do Banco Mundial), no gabinete do primeiro, a seguinte resposta:

"o senhor sabe o que deve fazer; o senhor sabe como fazer. Mas lhe deixarão fazer?"

(You know what to do; you know how to do it; but will they let you do it?). Se eu fosse dado a escrever memórias, êsse seria um dos melhores capítulos.

Pois o que eu desejo ao Ministro Delfim Neto é "que o deixem fazer" o que él acabou de prometer em São Paulo.

\* \* \*

Uma das motivações do Anti-Lucro, a que me venho referindo nos artigos que ora encerro, é a do errado conceito sobre "a origem" do Lucro por parte dos que pensam como bem escreveu o professor Bulhões, que o lucro importa em uma transferência de renda de uns para outros, quando na realidade o lucro é gerado pela iniciativa e o investimento do empreendedor. Nada arranca de ninguém. Ao contrário; gera empregos e portanto salários, além de rendas para os que suprem matérias-primas, ou

serviços (transportes, seguros, know-how etc). O resíduo, se houver, é Lucro. O empreendedor é o dinamizador do sistema econômico (Schumpeter).

O lucro é, ou se espera que seja, o resíduo de uma operação, que por aumentar a produção favorece tanto a consumidores, como a assalariados e a capitalistas, estes que *pouparam* para financiar o investimento.

O grave êrro é o conceito de *Lucro-confisco*, que importaria no enriquecimento de uns à custa do empobrecimento de outros.

Nada do que se contém neste e nos artigos que o precederam deve ser interpretado como apoio, ou mesmo tolerância para com os abusos do poder econômico, como monopólio a promoção da escassez (para a manobra do "corner"), os "trusts" e cartéis, modalidades ou tentativas que são de monopólio.

Sem falar, claro é nos simples casos de polícia, como os de emissões fraudulentas de títulos e contrabandos. E "last but not least" as manobras de enriquecimento ilícito de homens públicos e agentes do Estado, dificílimos de provar, tão fáceis são os meios de esconder o dinheiro e os títulos ao portador. Como provar, por exemplo, que um alto (ou mesmo altíssimo) funcio-

nário recebeu uma vasta comissão ou propina daqueles a quem concedeu empreitadas ou daqueles de quem adquiriu grandes fornecimentos. A condenação e punição dêsses produtos espúrios da Sociedade política que se locupletam com os dinheiros da Nação só pode ser feita — nos países de alta civilização, como a Inglaterra (são vários os casos), por exemplo, pela expulsão da vida pública — e nos países politicamente subdesenvolvidos, por meio de revolução, como a de março de 1964, recorrendo ao arbítrio diante dos indícios veementes e evidentes da fraude.

Mas combater monopólios, corners e outros conluios para elevar artificialmente os preços é uma coisa. Sua repressão é um dever. *Suspicácia apriorística contra quem opera na base da livre concorrência*, isto é da Oferta e da Procura — mais ainda contra quem empreende ou investe para aumento da produção ou melhoria da produtividade —, é outra coisa muito diversa e altamente prejudicial ao País e portanto à melhoria do padrão de vida do povo.

Daí, o cuidado, a prudência e a parcimônia com que um governo armado dos poderes como os do Ato Institucional n.º 5 deve agir para não "escrever errado por linhas retas".

A DEFESA NACIONAL é a sua Revista de estudos e debates profissionais. É a sua tribuna. MANDE-NOS SUAS COLABORAÇÕES!

## COLABORAÇÕES

- 1 — Datilografados — em espaço 2 ou 3 — em um só lado do papel — máximo de 20 fôlhas (em princípio).
- 2 — Gráficos, croquis, organogramas, desenhos em geral: em papel vegetal (ou semelhante), tinta nanquim (preta).
- 3 — Fotografias: cópias em preto e branco; para reproduções, fotos já publicadas deverão ser suficientemente nítidas. Legendas numeradas, curtas e explícitas.
- 4 — Traduções: nome do autor e do tradutor — indicação completa da fonte — autorização (quando fôr o caso).
- 5 — Salvo em casos excepcionais, originais de colaborações não serão devolvidos.
- 6 — IMPORTANTE! Os originais devem ser entregues à Redação em condições adequadas, isto é: revisão da datilografia — disposição correta de títulos, subtítulos, números, letras, etc. — referências oportunas a gráficos, fotos, etc. — clareza das correções feitas à mão — emprego apropriado de maiúsculas, grifos, carmim, etc.
- 7 — Abreviaturas — sómente as de uso consagrado, que não deixem margem a dúvidas; e as constantes do C 21-30, nos trabalhos cuja natureza as recomende.
- 8 — AOS NOSSOS COLABORADORES!

As páginas da A DEFESA NACIONAL estão abertas, como sempre estiveram, a todos quantos queiram colaborar conosco, enviando-nos seus trabalhos para publicação. Nem sequer é condição, para a aceitação de colaborações, que os seus autores sejam assinantes da Revista. Mas, é claro que preferiríamos que todos aqueles que ainda não tenham assinatura da "DEFESA" procurassem tomá-la, pois assim estariam ampliando a sua valiosa colaboração e, ao mesmo tempo, cooperando para a melhoria crescente e para o maior prestígio desta Revista, que já é "a sua Revista".

## O ESQUADRÃO DA MORTE

INOCENCIO TRAVASSOS SOUTO

Resoa no ar parado a grita infrene e ousada  
Satanica, exhalante á polvora queimada  
Da batalha trahiçoeira, horrifica e escaldante,  
E o metralhar continuo a castigar a Terra  
E os irmãos a lutar — Rude epopeia a Guerra —  
Pintada a ferro e fogo e sangue rutilante!

Das almas dos canhões, os projectis velozes,  
Semeando o terror em meio aos mais ferozes,  
Parecem o soluçar da Patria-Mãe vingada.  
E quando estúia o fogo a infantaria avança,  
Mostrando num sorriso o ardor de uma esperança;  
Luciluzindo ao sol a bayoneta armada!

Vibra um clarim ao longe — Avante! — A' morte — A' carga!  
Uma espuma a brilhar, cravando-se na ilharga  
De um cavallo que segue à frente da cohorte.  
Ao galope de carga, à toda a brida passa,  
Semelhando um dragão nascendo da fumaça,  
Impávido e atrevido o Esquadrão da Morte!

Luzente a sua espada, o seu cavallo arfante,  
A' frente do esquadrão, o heroico Commandante,  
Não cessa de gritar — “A' carga, meus soldados!  
Vamos buscar a morte em meio da batalha,  
Destemendo o estentor horrivel da metralha,  
Que o campo do combate é a tumba dos ousados!”

Atraz quarenta heróes em doida galopada,  
Numa das mãos sustendo a lança respeitada,  
Soffreando com a outra o seu cavallo amigo,  
Têm no rosto estampado um rictus doloroso,  
Impossivel dizer qual seja o mais brioso,  
Tão eguaes que elles são em frente do perigo!

Têm no peito a vibrar, a força de vontade  
E encarando o perigo com serenidade,  
Vão defender da Patria o abençoado nome!  
Seu Ideal é a Victoria e embora custe a vida,  
Embora o rubro sangue escorra da ferida,  
A vontade é uma só e nunca se consome!

Ao vel-o, o inimigo estaca admirado!...  
 — Nunca elle viu valor tão forte e avantajado —  
 Como o desses Titans disseminando a Morte!  
 Sua bravura estupenda ao mais feroz aterra  
 Pois não se viu jámais por sobre toda a Terra,  
 Um punhado de Heroes que fosse assim tão forte!

Vão cahindo um a um, aos poucos, e o inimigo,  
 Recúa retirando, afflito e espavorido,  
 Pisado pelas patas dos corceis bufantes;  
 Nunca se poude lér nas paginas da Historia,  
 Em cada uma conquista, em cada uma Victoria  
 Um povo praticar proezas tão brilhantes.

Aos poucos vae cessando a lucta encarniçada,  
 A tropa vae cahindo exhausta e dizimada,  
 Calou-se do clarim o rim-tim-tim mavioso;  
 Reúne-se o Esquadrão e cada um delira,  
 Ante as glorias que teve e cada olhar suspira,  
 Sentindo da victoria o incomparavel gozo!...

Esborrendo o suor ao sangue misturado,  
 Apeia do cavallo a contemplar, cançado,  
 O quadro que pintou com as tintas da batalha!  
 E o bimbalhar e um sino ao longe vem, plangente,  
 Recordar ao valor de toda aquella gente,  
 Os corpos dos irmãos que jazem sem mortalha!...

Levantam-se os Titans, ficaram vinte apenas,  
 Vinte faces altivas, ferreas e serenas,  
 Exhalando a um só tempo um grito lancinante:  
 Entre os mortos ficara o Deus daquella gente  
 Sem duvida o Titan mais forte, o mais potente,  
 O bravo camarada o heroico commandante!...

Correm logo a buscar entre a carnificina,  
 Aquelle que tivera a gloriosa sina,  
 De morrer enfrentando os mais crueis perigos.  
 E foram-no encontrar, inda empunhando a espada,  
 Com a face soridente e altiva ensanguentada,  
 Tombado entre um montão de corpos inimigos!

Solemnnes entram em forma e então o mais antigo,  
 Mais velho no combate, mais velho no perigo,  
 Se destaca do grupo e em gesto marcial  
 Põe, frete ao corpo, a tropa em uma só fileira...  
 Commanda a continencia e o cobre com a bandeira  
 Em quanto que o clarim soluça um funeral,

Depois, ei-los cavando as tumbas abençoadas,  
Que vão servir de leito aos bravos camaradas;  
Chorando, elles que nunca então tinham chorado,  
Enterram um por um os corpos tão queridos,  
E socorrendo ainda os que inda estão feridos,  
Cavam do Commandante o tumulo separado!

Ajoelham-se então e ficam ali resando,  
A' medida que a terra vão depositando!  
E quando depuzeram a ultima camada,  
Plantam na sepultura uns galhos de roseira,  
E entre os galhos a Cruz, a ousada cruz guerreira  
— Um pedaço de lança e o trôço de uma espada!...

(Da "Revista da Escola Militar" — 1930.)

## A DEFESA NACIONAL

(Recomendação)

Aviso n.º 99, de 21 de janeiro de 1947:

"Tendo em vista que A DEFESA NACIONAL vem cooperando, ininterruptamente, há 34 anos, na obra de aperfeiçoamento, ampliação e divulgação de conhecimentos técnico-profissionais e de cultura geral, úteis à formação intelectual dos militares, e que suas colunas abertas à colaboração de todos devem refletir o amor ao estudo e o grau de capacidade profissional dos quadros do Exército, apraz-me recomendá-la à atenção e interesse de todos os oficiais, quer intelectualmente nela colaborando, quer materialmente, fazendo-se seus assinantes.

Esta sugestão deve ser transcrita nos boletins internos de todos os escalões de comando e da administração do Exército."

(Transcrito do Boletim do Exército n.º 4, de 25 de janeiro de 1947).

Em Aviso n.º 373-D/6 - GB, de 25 Nov 68, o Exmo Sr Ministro do Exército revigorou a recomendação acima — Vide a capa desta Revista.

**RELAÇÃO DE ASSINANTES QUE PAGARAM ASSINATURAS  
DE 1969 PELA NOVA TABELA (NCR\$ 5.00)**

Mar Altair Franco Ferreira  
Mar Oscar de Barros Falcão  
Gen Adailton Sampaio Pirassununga  
Gen Antonio de Brito Junior  
Cen Nelson Mesquita de Miranda  
Cen Waldemiro Pimentel  
Gen Antonio de Amaral Bragança  
Cen Paulo Rosas Pinto Pessoa  
Gen Felicissimo de Azevedo Ave-line  
Gen Moacir Barcelos Potuguara  
Cen Alfredo Souto Malan  
Cel Floriano Moller  
Cel Horacio Raposo Borges Filho  
Cel João de Moura Dias  
Cen Almerino Raposo Filho  
Cel Luiz Tenorio de Brito  
Cel Helio Alberto More  
Cel Lauro Paraense de Farias  
Cen Aroldo Erichsen da Fonseca  
Cen Neilson Bischoff  
Cen Manuel José Correia de Lacerda  
Cel Moacyr Teixeira Coimbra  
Cel Rubens Pereira de Araujo  
Cel Adalberto Vilas Boas  
Cel Galileu Machado Gonçalves  
Cel José Alipio de Carvalho  
Cel Julio de Pádua Guimarães  
Cel Elias Antonio Jaber  
Ten-Cel Donate Resjule Borges  
Ten-Cel Jaime Hermano de Macedo Soares  
Ten-Cel Livio Silva de França  
Ten-Cel Hugo da Silva Ramalho  
Ten-Cel João Carlos Chistoffel  
Ten-Cel Darino Castro Rebelo  
Ten-Cel Heitor da Cunha Teles de Mendonça  
Ten-Cel Helio da Cunha Teles de Mendonça  
Ten-Cel Helber Penha Valle

Ten-Cel Brasil Ramos Caiado de Castro  
Ten-Cel Orlando Augusto Rodrigues  
Ten-Cel Luiz Henrique de Oliveira Domingues  
Ten-Cel Jorge Luongo  
Ten-Cel Jorge Ernesto de Godoy  
Ten-Cel João da Cruz Payão  
Ten-Cel Ney Villela Pires de Aguiar  
Ten-Cel Benjamin Soares de Azevedo Filho  
Ten-Cel Carlos Aloysio Weber  
Ten-Cel Mario Sperança  
Major Ermario Rocha de Cunto  
Maj Antonio Pereira de Melo  
Maj Arnaldo de Mesquita Bitencourt  
Maj Mauricio Faria Braga  
Maj Francisco de Assis Fernandes Bastos  
Maj Jair Alvares Gomes Barroso  
Maj Reginaldo Moureira de Miranda  
Maj Jurandyr Caripuna Maues  
Maj Amilcar Pittigleane Mambrine  
Maj Hugo de Castro Essenlohr  
Maj José Gomes  
Maj Adalberto Guimarães Meneses  
Maj Francisco Rebelo Leite Neto  
Maj Arnaldo Mesquita Bitencourt  
Maj Anatolio Ettinger de Meneses  
Maj Claudio Vicente Muza de Mancilha  
Maj Amaury Soares Vieira  
Maj Waldyr Coelho  
Maj João Monteiro de Lima Melo  
Maj Curt Ernesto Dietzold  
Cap Geraldo de Freitas Bastos

Cap Horacio Raposo Borges Neto  
 Cap José Bernardino Santos da Costa  
 Cap Lecio Freitas Pereira  
 Cap Arigildo da Silva Amaral  
 Cap Almir Paz de Lima  
 Cap Clovis Magalhães Teixeira  
 Cap Enzo Martins Pery  
 Cap Athos Moraes de Amorim  
 Cap Nelgarir da Silva Guimarães  
 Cap José Venicio de Azevedo  
 Cap Clovis Magalhães Teixeira  
 Cap Sergio Pienno  
 Cap Edson Marcondes Mendes Vieira  
 Cap Antonio Carlos Zamith  
 Cap Darzan Neto da Silva  
 Cap Jayme Pinto Jorge Filho  
 Cap Lauter Lehar de F. Vieira  
 Cap Walter Padilha Leão  
 Cap Antonio José da Cunha Mello  
 Cap Ivan Gomes Cancello  
 Cap Jayme Martins Falcão  
 Cap Julio Roberto Cerda Mendes  
 Cap Murillo Binari Wyott  
 Cap Alfredo de Oliveira Nunes  
 Cap Ruy Assis da Rocha  
 Cap Iaco Astroriano de Souza  
 Cap José Wilson Façanha de Brito  
 Cap Cicero Assunção Cardoso  
 Cap José Mendonça Neto  
 Cap Rudá Cavalcante de Almeida  
 Cap Ronald José M. Batista de Leão  
 Cap Luiz Hastimphilo Mestrinho  
 Cap José Niu Lopes dos Santos  
 Ten Gerson Pagano Fernandes  
 Ten Mario Jornarda Ribeiro  
 Ten Aercio Flavio Prestes Odilon  
 Ten Mauro Lima Machado  
 Ten Orlando Ferreira de Almeida  
 Ten José Gabriel de Sousa Filho  
 Ten Gerson Caminha da Silva  
 Ten Luiz Fernando Constant Marques  
 Ten Arthur Peres Filho  
 Asp Gilberto Zarrolli  
 Asp Luiz Carlos da Silva  
 Subten Mario Colvera Leite  
 Subten Manuel Alves Barbosa  
 Subten Raimundo Nonato da Silva  
 Sgt Locatelle de Barros  
 Sgt André Teofilo Struck  
 Sgt Ismar Trindade Samuel  
 Sgt Nelson Lemos de Sousa  
 Sgt Luiz Albiete  
 Sgt Agostinho Cassemiro de Caramargo  
 Sgt Edgar de Medeiros Vilanova  
 Sgt Benedito Marcelino  
 Sgt Hiroshi Morishigue  
 Sgt Antonio Alves Fortes  
 Sgt Francisco Mangas da Costa  
 Sgt José Anchieta de Medeiros  
 Sgt Darcy Nunes de Almeida  
 Sgt Dalmo Rangel de Oliveira  
 Sgt Sergio dos Santos  
 Sgt Adolpho Avoglio Hecht  
 Sgt Laudegar Saraiva de Lima  
 Sgt Otoniel Jeovah de Alencar Filho  
 Sgt José Mariano Gomes Coqueiro  
 Sgt Alberto de Lima Falcão  
 Sgt Antonio Pereira dos Santos  
 Sgt Herculiano Almeida da Cunha  
 Embaixada Americana  
 Sr Grenhalgh H. Faria Braga  
 Sr Julio Alberto Petrochi  
 Sra Ricamar Pires de Brito Fernandes  
 Prof Victor Zappi Capucci  
 Dr Heliandro Maria  
 Sr João Rodrigues de Oliveira  
 Profª Maria de Lourdes Pinto Moreira  
 Dr Pinto Livio Ferreira  
 Sr Arthur Ferreira Filho  
 5.ª Cia P EX (4º ASS)  
 COIFA (2.º ASS)  
 12º RC

# Cia. C. Janér

Comércio e Indústria

Capital e Reservas : NCrS 11.500.000,00

## SEÇÕES ESPECIALIZADAS :

### PAPEL

Papel de imprensa, nacional e importado, papel para livros e impressão em geral.

### GRÁFICA

Máquinas gráficas e acessórios para a Indústria Gráfica em geral.

### MÁQUINAS E MOTORES

Motores Diesel estacionários e marítimos, motores de pôpa, equipamento para papel e celulose, equipamentos para lavanderias, instrumental de controle, refrigeração, raios-X industrial, etc.

### ENGENHARIA

Perfuração de poços artesianos profundos, perfurações geológicas para mineração e construção de barragens. Bombas hidráulicas e equipamentos de ar comprimido, irrigação, instrumental de hidrologia.

### SIDERURGIA

Equipamento pesado e acessórios para a Indústria Siderúrgica.

### REPRESENTAÇÕES

Aeronaves, navios, e outras.

COMPANHIA

# T. JANÉR



COMÉRCIO E INDÚSTRIA

Sede: Rio de Janeiro. Filiais: São Paulo, Pôrto Alegre, Curitiba, Belo Horizonte, Salvador, Recife e Belém. Escritórios: Brasília, Santos e Fortaleza.